



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – CAMPUS DE
ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DE
CULTURA E TERRITÓRIO

Edvan da Silva Oliveira

Cultura, resiliência comunitária e cidadania: a Associação Companhia de Teatro e
Dança Arte Livre de Porto Franco - MA (2006-2023)

Araguaína/TO

2024

Edvan da Silva Oliveira

Cultura, resiliência comunitária e cidadania: a Associação Companhia de Teatro e
Dança Arte Livre de Porto Franco - MA (2006-2023)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), como requisito à obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Martha Victor Vieira

Araguaína – TO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D111c da Silva Oliveira, Edvan.

Cultura, resiliência comunitária e cidadania: a Associação Companhia de Teatro e Dança Arte Livre de Porto Franco - MA (2006-2023) / Edvan da Silva Oliveira. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2024.
128 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Graduação - em Ciências Sociais) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Martha Victor Vieira .

1. Uma Nova Economia e Política dos Pobres. 2. Territorialidades Marginalizadas. 3. Resistência e descolonização.

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edvan da Silva Oliveira

Cultura, resiliência comunitária e cidadania: a Associação Companhia de Teatro e
Dança Arte Livre de Porto Franco – MA (2006-2023)

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult). Foi avaliada para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Território e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de Aprovação: 17/12/2024

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Martha Victor Vieira – Orientadora (UFNT)

Prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Junior – Membro interno (UFNT)

Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz – Membro externo (UNIFESSPA)

Dedico este trabalho a todos que, ao longo da minha trajetória, acreditaram em mim e incentivaram-me a continuar, em especial, amigos e amigas que me impulsionaram a buscar histórias além do ensino médio. Também dedico à minha família, minha mãe, mulher negra, mãe solo e semianalfabeta, mas que me ensinou lições para além de qualquer instituição credenciada ao ensino. Ainda no seio da família, dedico à minha esposa e ao meu filho que compreendem as madrugadas em que fiquei distante deles. Por fim, mas não menos importante, dedico a todos da associação CIATDAL, juntos, escrevemos e continuaremos pincelando histórias de transformação social.

AGRADECIMENTOS

Durante boa parte da minha vida, acreditei que o ciclo de estudos se encerrava após o ensino médio. Muitos dos meus colegas, tanto da minha turma escolar quanto da rua onde cresci, compartilhavam da mesma visão. No entanto, nem todos tiveram a oportunidade que eu tenho agora. E é justamente por compreender o quão distante essa realidade é para muitos, que expresso minha profunda gratidão a todos que fazem parte deste processo.

Nada disso seria possível sem o apoio de amigos, familiares e professores que foram fundamentais para que eu enxergasse as inúmeras possibilidades acadêmicas que se abriram à minha frente. Agradeço, especialmente, aos amigos que me mostraram que o futuro é mais do que apenas uma soma de estatísticas. Foi graças a esses exemplos que consegui visualizar possibilidades além do que imaginava ser possível. Essas linhas são dedicadas a vocês.

A Romário Milhomem da Cruz, pelo incentivo incansável e pela persistência. Você me fez abrir os olhos e vislumbrar novos horizontes. Também sou grato a Daiane Batista, que, ao ver a publicação do edital do mestrado em Estudos de Cultura e Território, lembrou-se de mim e, com palavras certeiras, me enviou a oportunidade dizendo: *“Chegou a sua vez, esse mestrado é a sua cara.”* Hoje, tenho plena certeza de que este mestrado é mais do que uma oportunidade, é parte da minha história.

À minha amiga Cláudia Rousseau, pelas noites intermináveis em que, à distância, conversávamos sobre o projeto de mestrado, debatendo até o amanhecer. Deu certo, amiga, muito obrigado por todo apoio.

Agradeço também à minha família, especialmente à minha mãe, que sempre vibra com minhas conquistas, principalmente as acadêmicas; às minhas irmãs; à minha esposa Leidyane Barbosa que, entre suas atividades, dedicou seu tempo a me ajudar; e ao meu filho, João Miguell, que é a minha maior motivação em tudo que faço.

Durante o curso, o compromisso e a preocupação mútua marcaram a turma do PPGCult 2022, e as novas amizades que fiz são preciosas. Aqui, gostaria de destacar o amigo Wermeson Marinho. Quantas coisas aprendi, especialmente durante o percurso de Porto Franco a Araguaína, com suas idas e vindas, histórias,

risadas e até revisões de textos no carro quando necessário. Também cito o amigo James que fez parte desses momentos.

Agradeço às minhas amigas Edileila Santos e Zilma Gabino. Foi uma grande alegria conhecê-las e descobrir o universo de esperanças que é parte indissociável de vocês.

Por fim, agradeço à coordenação do PPGCult, aos professores, e, em especial, ao professor Dernival Venâncio, que me apresentou ao universo e às possibilidades dos “comuns”. Agradeço também à minha orientadora, Martha Victor, uma mulher que, com seu currículo e sabedoria, contribuiu incisivamente ao cobrar e indicar os caminhos em sua orientação. Obrigado a todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Ainda na perspectiva acadêmica, agradeço ao professor Janailson Macedo Luiz, pelas contribuições durante a qualificação, e claro, na banca de defesa da dissertação.

E, para encerrar, agradeço a todos da CIATDAL. Esta história, esta pesquisa, e o Edvan, que hoje escreve sobre a possibilidade política do comum, só existem graças a vocês. Muito obrigado pela colaboração e pela contribuição com suas visões de mundo e vida nesta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa interdisciplinar, tomando como base as chamadas “epistemologias do sul” como em Ramos Júnior (2020), busca investigar, a partir das ações da associação Companhia de Teatro e Dança Arte Livre - CIATDAL, a possibilidade de uma economia e política do comum, ao mesmo tempo em que discute as razões pelas quais vozes negras, mulheres e grupos periféricos são invisibilizados no currículo escolar e na prática cotidiana. A dissertação está centrada nas narrativas dos participantes que foram coletadas com os associados da CIATDAL por meio de entrevistas, questionários, estudos de documentos, revisão bibliográfica e observação participante entre 2010 e 2024. Esse contexto envolve o período em que o município de Porto Franco desponta como uma nova fronteira agrícola do país, na visão da mídia local e nacional. Sendo a associação um espaço de arte, cultura e educação popular, tem-se formas de resistência contra práticas coloniais e capitalistas, um lugar que provoca à necessidade de instituições mais abertas e inclusivas, especialmente para os sujeitos que integram as comunidades e territorialidades marginalizadas.

Palavras-Chave: Resistência. Comum. CIATDAL. Descolonização. Territorialidades marginalizadas.

ABSTRACT

This interdisciplinary research, taking as a basis the so-called “epistemologies of the south” as in Ramos Júnior, 2020, seeks to investigate, based on the actions of the association CIATDAL – Companhia de Teatro e Dança Arte Livre, the possibility of an economy and politics of the common, while discussing the reasons why black voices, women and peripheral groups are made invisible in the curriculum school and in everyday practice. The dissertation focuses on narratives and participant observations that were carried out with CIATDAL members, through interviews, questionnaires, document studies, bibliographic review and participant observation between 2010 and 2024. This context involves the period in which the municipality of Porto Franco emerged as a new agricultural frontier in the country, in the view of local and national media. As the association is a space for art, culture and popular education, there are forms of resistance against colonial and capitalist practices, a place that provokes the need for more open and inclusive institutions, especially for subjects that are part of marginalized communities and territorialities.

Keywords: *Resistance. Common. CIATDAL. Decolonization. Marginalized territorialities.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dispersão Territorial dos membros da CIATDAL	26
Figura 2 – Perfil Familiar da CIATDAL.....	28
Figura 3 – Renda familiar dos beneficiários da CIATDAL.....	28
Figura 4 – Perfil: escolaridade, idade, raça, sexo	29
Figura 5 – A presença da mulher na diretoria da associação CIATDAL	33
Figura 6 – A mulher e os cargos na diretoria executiva	34
Figura 7 - Distrito Agroindustrial	67
Imagem 1 - Peça teatral do Avesso o mundo é uma dança	22
Imagem 2 Cena da peça do Avesso o Mundo é uma Dança.....	44
Imagem 4 - Reconhecimento e publicização	48
Imagem 5 - Depoimento Taína Miranda	50
Imagem 6 - atividades do pilar educacional.....	53
Imagem 7 - arte e educação	56
Mapa 1 - Localização da Associação CIATDAL	25
Mapa 2 – Fronteiras de Expansão	61
Quadro 1 - Dimensões da Resiliência Comunitária	75
Quadro 2– Elementos para uma práxis instituinte	100

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CIATDAL – Companhia de Teatro e Dança Arte Livre

DASC - Diretoria de Assuntos Sociais e Comunitários

DCE - Diretoria de Comunicação e Eventos

ESC – Equipe de Serviços Coletivos

IFMA - O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

MAPITO – Maranhão, Piauí e Tocantins

MATOPIBA – Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia

NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

NUCA – Núcleo de Cidadania de Adolescentes

PPGCult – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão Jovem

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UEMASUL - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins

UNIIAL - Universidade da Idade Adulta e Longevidade

SUMÁRIO

MINHA TRAJETÓRIA E A CIATDAL.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I – ASSOCIAÇÃO CIATDAL.....	21
2. PERFIL SOCIOECONÔMICO DA ASSOCIAÇÃO CIATDAL	21
2.1. A Associação CIATDAL: aspectos históricos	21
2.2. grupos sociais na CIATDAL	24
2.3. As relações de gênero na CIATDAL	30
2.4. Racismo e desigualdade.....	35
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO E MODO DE VIDA	42
3. PRÁXIS NO AGRUPAMENTO CIATDAL.....	42
3.1. Os valores da CIATDAL	42
3.2. Pilar cultural/artístico.....	43
3.3. Pilar trabalho e renda.....	46
3.4. Pilar educacional	52
CAPÍTULO III - RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA.....	60
4. NARRATIVA DESENVOLVIMENTISTA QUE IMPACTA O AGRUPAMENTO CIATDAL	60
4.1. O município de Porto Franco.....	60
4.2. Porto Franco: uma nova fronteira agrícola.....	64
4.3. Dinâmica de resistência frente à marginalização	70
CAPÍTULO IV - UMA ECONOMIA DOS POBRES.....	78
5. DO IDEAL DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL À POSSIBILIDADE DE UMA PRÁXIS INSTITUINTE	78
5.1. Uma práxis de participação direta.....	81
5.2. Da instituição ao instituído	88
5.3. A práxis instituinte.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	105

APÊNDICES.....	109
APÊNDICE A – OCUPAÇÃO: ONDE ESTÃO OS ASSOCIADOS DA CIATDAL	109
APÊNDICE B – FORMULÁRIO ONDE ESTÃO OS ASSOCIADOS DA CIATDAL..	119
APÊNDICE C – FORMULÁRIO PERFIL SOCIOECONÔMICO	123

MINHA TRAJETÓRIA E A CIATDAL

Ao longo deste texto, discutimos a trajetória da Companhia de Teatro e Dança Arte Livre – CIATDAL, que se entrelaça profundamente com a minha própria história de vida. Assim, uma breve apresentação dos acontecimentos que levaram à criação da CIATDAL pode nos ajudar a compreender melhor o contexto. Isso não deve ser entendido como uma imaginação espontânea que cria novas instituições, mas, sim, como o resultado de experiências que transformam e moldam heranças coletivas.

Durante muitos anos, mesmo após a criação da CIATDAL, eu costumava acreditar e afirmar que as ações realizadas pela companhia não estavam relacionadas à identidade negra ou à resistência racial. Na verdade, eu nem sabia ao certo o que esses conceitos significavam. Nos grupos de jovens da igreja católica, e mesmo nas atividades da companhia, o foco era o combate à fome e a outras formas de violência, especialmente aquelas decorrentes do uso de drogas. Nessa perspectiva, frequentemente se culpavam os jovens em situação de vulnerabilidade, como se fossem os responsáveis por sua própria marginalização.

Contudo, a maneira como narro essa trajetória tornou-se possível “por meio da abertura dos olhos, de dentro para fora”, permitindo-me revisitar certos acontecimentos sob uma ótica não convencional. Isso me ajudou a “remover o véu que encobre as teorias do Sul”, possibilitando que nos assumamos como sujeitos epistêmicos, como bem coloca Ramos Junior (2020).

Entre os eventos que marcaram minha trajetória, dois se destacam de maneira significativa, somando-se ao evento principal que motivou a fundação da CIATDAL. A primeira parte desses acontecimentos reflete o medo da fome e a esperança no processo desenvolvimentista. A história da minha família retrata a experiência do trabalhador que deixa sua terra natal em busca de promessas ilusórias em terras distantes. Assim,

Do interior do Piauí, de uma comunidade rural com aproximadamente 15 famílias, ao norte do município de Monsenhor Gil, nascia em Boa Esperança, no dia 02 de novembro de 1980, Edvan da Silva Oliveira, o segundo dos quatro filhos da senhora Alzira Maria da Silva Oliveira e do senhor Pedro Oliveira da Silva. Da infância, naquele povoado, poucas recordações, logo cedo, retiraram-se para o estado do Pará em busca do progresso anunciado naquela região.

A multiterritorialização forçada, comum na vida dos que fogem da fome, alcançava minha família. [...] Conduzidos pela esperança e pelo medo da

morte que, quando não chegava cedo, desfigurava o corpo e as expectativas do povo que vivia naquele interior, motivaram-se, partiram deixando a família em lamento, na crença de poder escapar da fome que chegava dia sim e dia também. (Oliveira, 2022, p. 02).

Foram muitas idas e vindas em busca do desenvolvimento prometido com a chegada da BR-010 (rodovia Belém-Brasília). Nesse período, entre uma estadia e outra, a esperança de iniciar e concluir um ano letivo se dissipava diante do anúncio de uma nova oportunidade de trabalho para meu pai em outro município. Mais uma vez, a escolarização acabava sendo relegada a segundo plano.

O primeiro momento dessa trajetória ficou marcado pela ilusão de que o pobre poderia escapar do estigma da pobreza, enquanto, sem perceber, meu pai preparava para seus filhos o mesmo destino ao afastá-los da escola. Assim, o segundo momento surge como uma confirmação dessa incapacidade que frequentemente assombra as classes mais desfavorecidas.

Com o processo de alfabetização gravemente comprometido, os anos finais do ensino fundamental, e, especialmente, o ensino médio, revelaram o pior cenário possível. O analfabetismo funcional tornou a vida escolar ainda mais complicada. Além disso, o racismo e as exigências da disciplina de Língua Portuguesa dificultavam ainda mais a permanência na escola.

Foi justamente devido à dificuldade de acompanhar o conteúdo no ensino médio que a arte emergiu como um elemento capaz de transformar essa realidade. A disciplina e os textos que antes pareciam sem sentido ganharam vida e forma por meio de performances teatrais inspiradas em romances e outros clássicos da literatura brasileira.

A sensibilidade das professoras Gecilia Sabino de Sá e Marilene Soares da Silva foi crucial. Ao perceber minha dificuldade com a leitura, evitaram uma exposição desnecessária das minhas limitações e passaram a estimular outras formas de contornar o problema. A leitura exigida durante as aulas e a avaliação para a aprovação foram substituídas por adaptações teatrais da literatura curricular.

As performances, apresentadas dentro e fora do ambiente escolar, permitiram uma conexão mais profunda com a sociedade. Era uma forma de me afirmar e de me conectar com outros grupos, como os movimentos da igreja católica. O que inicialmente era apenas um meio de superar o déficit de escolarização, acabou se tornando uma maneira de elevar minha autoestima.

Convencidos de que aquela experiência era rara e ansiosos para prolongá-la, alguns jovens, incluindo eu, decidiram continuar com o projeto teatral após a conclusão do ensino médio nos anos 2000. Embora o grupo teatral não tenha durado muito tempo, desempenhou um papel crucial no processo que viria a seguir.

Após uma breve reflexão sobre as idas e vindas da minha família, o analfabetismo e a arte como uma alternativa educacional e de promoção da dignidade, é possível ver como esses momentos contribuíram para a concepção da associação CIATDAL.

A segunda parte, a batalha contra um linfoma entre 2004 e 2005 mobilizou uma parte significativa da população de Porto Franco, que se uniu em campanhas de arrecadação de dinheiro e orações para ajudar no meu tratamento. Na época, assim como hoje, o câncer ceifava a vida de muitas pessoas, especialmente daquelas com poucos recursos econômicos e sem acesso regular a cuidados de saúde.

Foram meses intensos e cheios de incertezas, mas, em meio às campanhas de arrecadação e outras formas de mobilização, uma coisa era certa: ao superar aquele desafio, eu sabia que precisava encontrar uma maneira de retribuir toda a gentileza e apoio da comunidade.

É nesse contexto de convergência, fundamentado na superação do linfoma, nas experiências de des-reterritorialização que afetaram minha escolarização, e na presença da arte como ferramenta educacional durante as aulas de língua portuguesa, que surge a ideia de criar a associação CIATDAL. O espetáculo teatral “Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo” (2006), inicialmente concebido para uma única apresentação, transformou-se em algo maior, perdurando até os dias de hoje.

O engajamento dos jovens durante todo o processo inspirava, após cada espetáculo, a criação de novas propostas teatrais. Os jovens se envolviam em todas as etapas, desde a concepção do roteiro até a busca por apoios financeiros, e, principalmente, na montagem dos cenários, figurinos e maquiagem. Essas funções destacavam a capacidade criativa de cada um e o poder de organização enquanto grupo.

O “olhar de dentro para fora”, intensificado após meu ingresso no PPGCult, é, sem dúvida, uma consequência da reciprocidade que permeia todo o processo que levou à criação da CIATDAL. Além disso, é também fruto da longevidade e do amadurecimento ao longo da existência da associação, que cria universalidade

prática, ou seja, a de todos os indivíduos que, em dado momento e em dadas condições, se encontram engajados numa mesma tarefa.

Assim, minha trajetória, a trajetória da CIATDAL, e a de muitos que dela fazem parte, são histórias de homens e mulheres, negros e negras, muitas vezes desempregados e sem perspectivas, mas que encontram força na coletividade, através do fazer artístico, cultural e social. Essa luta é também contra a dominação capitalista e colonizadora, fortalecida pela união e pela criação coletiva.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisaremos a Associação Companhia de Teatro e Dança Arte Livre - CIATDAL, com o objetivo de evidenciar suas práticas diante da competição capitalista, que se alimenta da perpetuação de projetos colonizadores, racistas e machistas. Como uma associação comprometida com a transformação social, investigaremos o processo organizacional e as relações que moldam as práticas internas e externas desse grupo. A partir dessa perspectiva, focaremos nos contextos de grupos marginalizados, com especial atenção ao recorte socioeconômico e às relações de gênero e raça.

Ao longo de seus 18 anos de existência, completados em 2024, a CIATDAL tem alimentado a esperança de uma economia mais humana e solidária, firmemente ancorada em sua missão de garantir o direito de viver com dignidade humana. Nessa concepção, a afirmação de grupos marginalizados, frequentemente expostos à dualidade entre emancipação e baixa autoestima, pode também sinalizar a possibilidade de uma nova economia.

Partindo da premissa de que a territorialização no contexto de grupos colonizados cria barreiras que os impedem de se reconhecerem como marginalizados e explorados, e de identificarem suas formas de organização como resistência ao sistema colonizador, buscamos explorar as possibilidades de rompimento desse processo colonizador através da práxis cotidiana de grupos que, por sua própria organização, encontram formas de controle e organização democrática. Portanto, além de pensar em estratégias para enfrentar o processo colonizador, é fundamental investigar alternativas de resistência nos territórios periféricos.

Quais valores e significados podem emergir das frentes de resistência que se mobilizam, consciente ou inconscientemente, na práxis dos cidadãos que vivem em condições e locais marginalizados? Como esses grupos se posicionam diante do discurso meritocrático e da acumulação capitalista? É a partir dessa postura questionadora, dessas respostas e das dúvidas, que pretendemos “pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana” (Santos, 2001, p. 20).

Pensar na construção de um outro mundo significa contestar as formas colonizadoras (machismo, racismo, pobreza, desemprego e desigualdades)

realidades que se acentuam principalmente entre grupos minoritários que vivem nas periferias. Sob uma perspectiva interdisciplinar, embasada por pensadores como Cleiton Silva Ferreira Milagres, Pierre Dardot, Christian Laval, Nilma Lino, Milton Santos, Jessé Souza, Temis Gomes Parente, Dernival Venâncio Ramos Júnior e outros, propomo-nos a explorar as possibilidades que podem emergir da resiliência comunitária e se afirmar na experiência do comum.

A partir das reflexões desses autores, confrontaremos o sistema que garante a submissão dos colonizados às piores condições. Mesmo após diversas tentativas fracassadas, é comum que certos grupos adiram à causa dos opressores. De acordo com Memmi (2007, p. 125), “a ideologia de uma classe dirigente, como se sabe, se faz adotar em larga escala pelas classes dirigidas.” A hipótese de que a classe dominada acolhe a ideologia dominante pode também ser vista como uma fuga do estigma da preguiça, “retrato mítico do colonizado” (MEMMI, 2007, p. 117).

Submetidos à ideologia dominante, ou, como descreve Milton Santos (p. 35), à “tirania do dinheiro e tirania da informação”, os trabalhadores buscam afirmar sua honra e moral ao se submeterem a uma ideologia que é vendida como uma fábula, onde a meritocracia é apresentada como o sistema de honra. Naturalmente, o discurso colonizador impulsiona os colonizados a desejarem o pódio reservado àqueles que supostamente triunfam pelo mérito próprio.

A ideologia dominante universaliza-se através da globalização, que, segundo Milton Santos (2001, p. 18), divide-se em três mundos: “o primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.”

Entre a globalização apresentada como fábula pelas narrativas do discurso dominante, que exige a concentração do lucro financeiro nas mãos de poucos, submetendo o sujeito colonizado a uma busca incessante por um suposto e possível padrão de vida melhor e a possibilidade de outra globalização, viabilizada pela práxis revolucionária de grupos que encontram alternativas na resiliência comunitária, buscamos vislumbrar a possibilidade de “uma nova forma de organização social democrática” (Dardot e Laval, 2017, p. 205).

É justamente na realidade do “mundo como ele é”, diante da perversidade do capitalismo, que Pierre Dardot e Christian Laval (2017, p. 225) descrevem a possibilidade que “se encontra em germe nas lutas conduzidas tanto pelos

trabalhadores colaborativos e imateriais quanto pelas multidões pobres em todo o mundo”. Nesse contexto, a CIATDAL, suas práticas e o perfil minoritário de seus integrantes, no que se refere à garantia de direitos, apresentam características relevantes para propostas de mudança.

Assim, esta dissertação traz os resultados de uma pesquisa participante que considera como Carlos Brandão e Maristela Borges (2007) uma construção onde “o conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador”, sendo resultado de entrevistas, gravações de debates e diálogos em grupos, questionários via google formulários, análise de textos, documentos, postagens nas redes sociais dos integrantes da companhia, bem como relatos que fazem parte da minha trajetória no contexto das des-re-territorializações precárias que marcaram a história da minha família. Entendemos que a práxis instituinte que floresce na CIATDAL oferece elementos capazes de contrapor-se ao modo consumista e a concentração de lucro imposta pelo modelo capitalismo.

A pesquisa em questão busca não apenas uma elaboração teórica abstrata, mas também ressaltar as experiências que emergem do movimento CIATDAL e de suas práxis, vislumbrando a possibilidade de uma outra abordagem, mais humana e epistemologicamente popular.

Para cumprir os objetivos pretendidos, o caminho da pesquisa está dividido em quatro capítulos que detalham o desenvolvimento da formulação. No capítulo I, abordaremos o perfil socioeconômico, destacando aspectos históricos que constituem a trajetória da CIATDAL, mencionando importantes aspectos sobre o município de Porto Franco, além de discutir as relações de gênero e raça no agrupamento¹.

Após apresentar o perfil do agrupamento e sua localização territorial, o capítulo II, intitulado *Educação e modo de vida: a práxis no agrupamento CIATDAL*, confrontará realidades educacionais com a importância do processo de emancipação. Nesta abordagem, problematizaremos o processo educacional que

¹ Usamos o termo agrupamento para conceituar uma categoria local, descritiva e empírica, que designa a CIATDAL – Companhia de Teatro e Dança Arte Livre dentro de uma perspectiva mais ampla. Trata-se de uma relação entre sujeitos que pertencem a um mesmo território (i)material marginalizado e que se definem como comunidade política, no sentido dos estudos de Pierre Dardot e Christian Laval sobre o comum. Através de sua práxis, enfatiza-se a autossustentação, a gestão democrática e a participação ativa de todos os membros da associação. Portanto, segue-se o modelo do comum, priorizando a promoção de um novo modo de vida baseado na solidariedade, na colaboração, no compartilhamento e na acessibilidade para todos.

atende ao propósito colonizador, enquanto contrapomos as práticas presentes na CIATDAL.

No capítulo III, *Resiliência comunitária e narrativa desenvolvimentista que impacta o agrupamento*, analisaremos a fábula desenvolvimentista, apresentada como alternativa através da implantação de fábricas, construção da Usina Hidrelétrica de Estreito e da Ferrovia Norte-Sul. Diante da consolidação de uma nova fronteira agrícola, dos impactos econômicos e sociais, a atuação da CIATDAL se apresenta como uma nova forma de comportamento e resistência.

Por fim, no capítulo IV, intitulado *Uma nova economia dos pobres*, aproveitaremos as informações dos capítulos anteriores – perfil socioeconômico, território, processo educacional e resiliência comunitária – para, diante da forma organizacional da CIATDAL, levantar a possibilidade de uma política do comum.

Para embasar este trabalho, as referências teóricas dialogam com o texto em duas perspectivas. Na primeira parte, capítulos I e II, abordaremos o perfil socioeconômico da CIATDAL, o processo de escolarização convencional e as questões de gênero e raça, em diálogo com autores como Djamila Ribeiro, Albert Memmi, Margareth Rago, Nilma Lino, Milton Santos, Jessé Souza, Pierre Bourdieu e Romário Milhomem da Cruz.

No segundo bloco, a identificação do discurso desenvolvimentista e os problemas da ocupação capitalista serão fundamentados por Temis Gomes Parente e Dernival Venâncio Ramos Júnior. A relação das práticas da CIATDAL com a capacidade de resistir e reinventar-se de forma resiliente na comunidade, assim como as experiências de partilha coletiva, serão discutidas com base nas obras de Cleiton Silva Ferreira Milagres, Pierre Dardot e Christian Laval. Com esse diálogo interdisciplinar, buscamos construir um entendimento abrangente sobre as ações e as potencialidades da CIATDAL.

Com isso, fundamentados teoricamente e embasados na atuação da CIATDAL, pretendemos, nesta dissertação, evidenciar a possibilidade de um novo princípio político, que se torna viável através de um modo organizacional que busca, coletivamente, determinar o que é melhor e mais justo para o grupo.

CAPÍTULO I – ASSOCIAÇÃO CIATDAL

2. PERFIL SOCIOECONÔMICO DA ASSOCIAÇÃO CIATDAL

2.1. A Associação CIATDAL: aspectos históricos

Fundada em janeiro de 2006, a Companhia de Teatro e Dança Arte Livre celebra, em 2024, 18 anos de uma história contada e recontada por muitos protagonistas, coadjuvantes, simpatizantes e até por alguns que a criticam e deram sua versão aos acontecimentos e ao processo de luta da associação. O teatro ocupa lugar especial na projeção da CIATDAL, representa o elemento instituinte no princípio da associação. Na atualidade, além do teatro, outros elementos somam-se às ações que constituem a práxis do agrupamento.

Os anos 2006 a 2012 foram dedicados quase que exclusivamente à promoção e circulação teatral, destacando-se o espetáculo *“Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo”*. A peça teatral, além de ser o primeiro projeto da companhia, precede à existência da CIATDAL, que teve entre os participantes da peça os primeiros integrantes da associação. A peça *Paixão de Cristo* ainda foi realizada em mais duas edições, totalizando três ocasiões (2006, 2009 e 2010).

Outros espetáculos que merecem ser mencionados são a performance *“Do avesso o mundo é uma dança”* (2011), que, entre outros personagens, destacavam-se uma “diva trans”, que reivindicava seu lugar na sociedade, “o louco das correntes” personagem incompreendido por essa mesma sociedade; e a “garota do beco”, uma garota de programa que reivindicava espaço e direitos sociais enquanto rivalizava com a diva em disputa por uma cadeira que representa um poder de destaque social.

Imagem 1 - Peça teatral do Averso o mundo é uma dança



Fonte: acervo da associação CIATDAL

A encenação foi apresentada em Porto Franco-MA e Carolina - MA; o enredo carnavalesco sobre a Guerrilha do Araguaia e a passagem do médico João Carlos Hass a Porto Franco (2011); e o enredo junino “*Um sonho de cinema*”, realizado em parceria com o PROJOVEM de Tocantinópolis – TO (2012).

Outra ação extremamente importante entre as práticas da CIATDAL é a Equipe de Serviços Coletivos (ESC), que objetiva ampliar as condições socioeconômicas dos jovens e seus familiares. Criada em 2010, a ESC oportuniza trabalho, renda e visibilidade a jovens sem experiência profissional. Além da remuneração, a atuação em eventos que reúne pessoas com certo capital econômico, como em Bourdieu (1996), transforma-se em oportunidade para que os jovens possam ingressar em empresas do município.

Outros momentos da trajetória da associação CIATDAL que merecem destaque foi a realização dos festivais de dança *Porto Break* (2014) e *Porto Dança em movimento* (2015). A competição entre grupos/escolas e outros grupos independentes, motivou a classe estudantil e a comunidade artística. Em sua grade, o festival contemplava apresentações culturais e debates sobre temas diversos nas escolas da rede municipal e estadual.

O festival possibilitou aos 2 (dois) grupos mais bem colocados em suas respectivas categorias (estudantil e aberto) a possibilidade de participarem da 9ª *Semana Maranhense de Dança*, realizada em São Luís, capital do Maranhão. Também motivados pelos festivais (2014 e 2015), a CIATDAL participou e venceu do primeiro festival de dança de Tocantinópolis – TO, o *Toc Dance* (2016). Os festivais motivaram a criação e realização do *Movimento multicultural*, ação que leva às ruas, bairros e escolas, teatro, dança, cinema e debates.

Prosseguindo a linha temporal, citamos as ações educacionais empreendidas através do projeto *CINEARTE Clube*. Implantado em 2013, além da exibição de filmes, considerando as experiências de cada convidado, o projeto busca estimular debates e reflexões ao término de cada sessão. Ainda na perspectiva educacional, há o projeto *Leia Mais*: instituído em 2018, a ação pretende estimular práticas emancipadoras, por meio do incentivo à leitura e criação de espaços de estudo e pesquisa.

A instituição do projeto *Leia Mais* impulsionou a criação da biblioteca comunitária Maria Firmina dos Reis. O envolvimento comunitário tornou possível a aquisição de um acervo que ultrapassou a marca de 3.000 (três mil) títulos. Para ressaltar a importância e repercussão do referido projeto, vale mencionar o reconhecimento nacional por meio do Itaú Cultural, da Fundação Cátedra e da PUC-Rio, que conferiram a certificação em formação de leitores 2020-2021.

O último projeto permanente é o *Boi do Favela, o bumba meu boi de Porto Franco*. Tendo suas primeiras ações realizadas em 2022, foi em 2023 que a ação se consolidou como permanente. Tornando-se uma referência da cultura popular no município, o desejo de homenagear o mestre Felipe Serrão (Favela), ludovicense e grande apreciador da cultura maranhense, bem como a pretensão de difundir a cultura do bumba meu boi na região sul maranhense foram as duas motivações para a criação do projeto. As atividades buscam considerar a importância dos espaços de troca de saberes e a capacidade de pensar e imaginar futuros desejáveis.

A CIATDAL tem sede e foro no município de Porto Franco, território de impactos socioambientais ao se tornar “uma das fronteiras da expansão do Sistema Mundo Moderno Colonial”. E é a partir da percepção do território e interferência da narrativa desenvolvimentista que o contexto da pesquisa se funde com a trajetória da CIATDAL.

Portanto, na sequência, abordaremos sobre o território onde está situada a Associação CIATDAL. Buscamos destacar a interferência ambiental e social que decorrem da implantação de grandes empresas e da construção da usina hidroelétrica de Estreito, equipamento e paisagens que confirmam a força do discurso desenvolvimentista que ganhou destaque na região a partir da primeira década do século XXI.

2.2. grupos sociais na CIATDAL

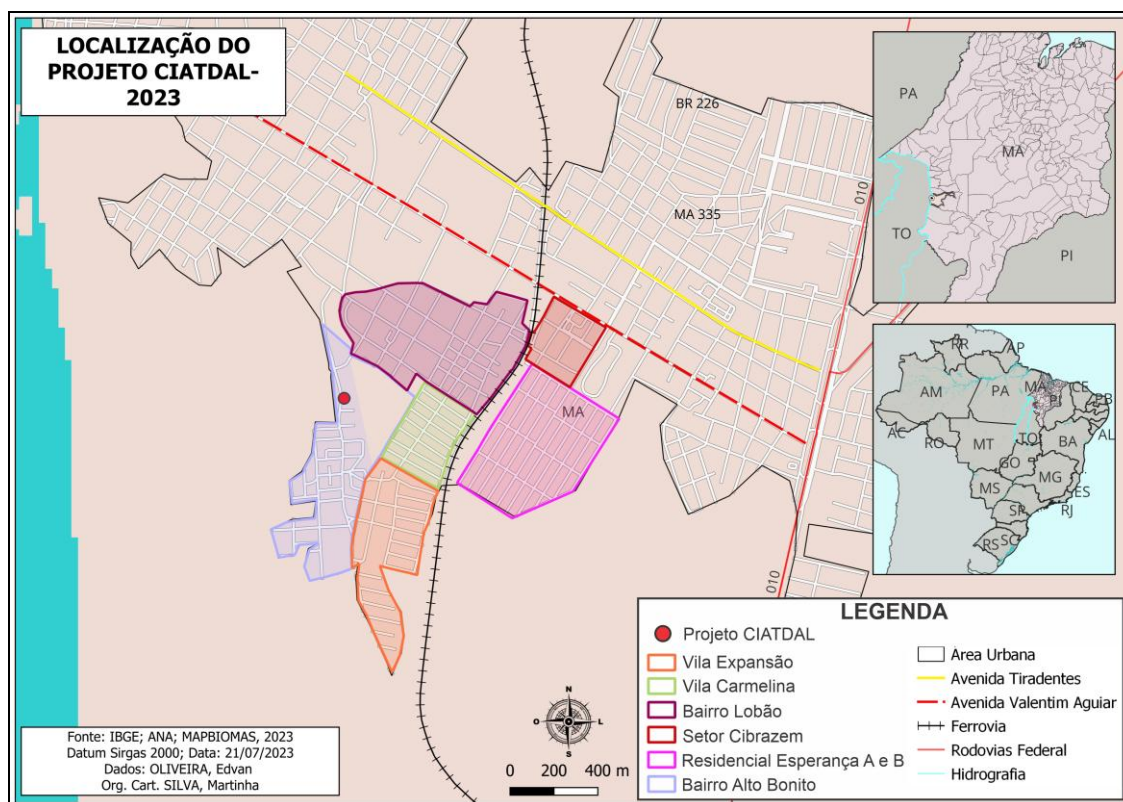
O centro urbano de Porto Franco é atravessado pela Ferrovia Norte-Sul, que é operada pela VLI S.A.² Essa empresa também gerencia o terminal integrador multimodal, capaz de receber cargas de caminhões para armazenamento e transferência para o transporte ferroviário, com destino à exportação por meio do sistema portuário de São Luís.

No contexto das narrativas que exploraremos mais adiante, o município de Porto Franco apresenta um enorme potencial de crescimento e oportunidades de investimentos. Dentro dessa realidade, a CIATDAL está localizada no Bairro Alto Bonito e faz parte de um conglomerado que inclui os bairros Lobão, Carmelina, Expansão, Alto Bonito, Residencial Esperança e o setor Cibrazem, onde residem os membros da associação.

Ao destacar esses bairros, conforme ilustrado no mapa a seguir, partimos das considerações de Haesbaert (2004, p. 20), segundo as quais “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade ou a sociedade sem, ao mesmo tempo, inseri-los em um determinado contexto geográfico, ‘territorial’”.

² A VLI Multimodal S.A. é uma empresa brasileira de logística que controla as concessões ferroviárias Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) e Ferrovia Norte-Sul (FNS), totalizando 7.940 km de trilhos. Além disso, opera em ferrovias da Vale, como a Estrada de Ferro Carajás e a Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Mapa 1 - Localização da Associação CIATDAL

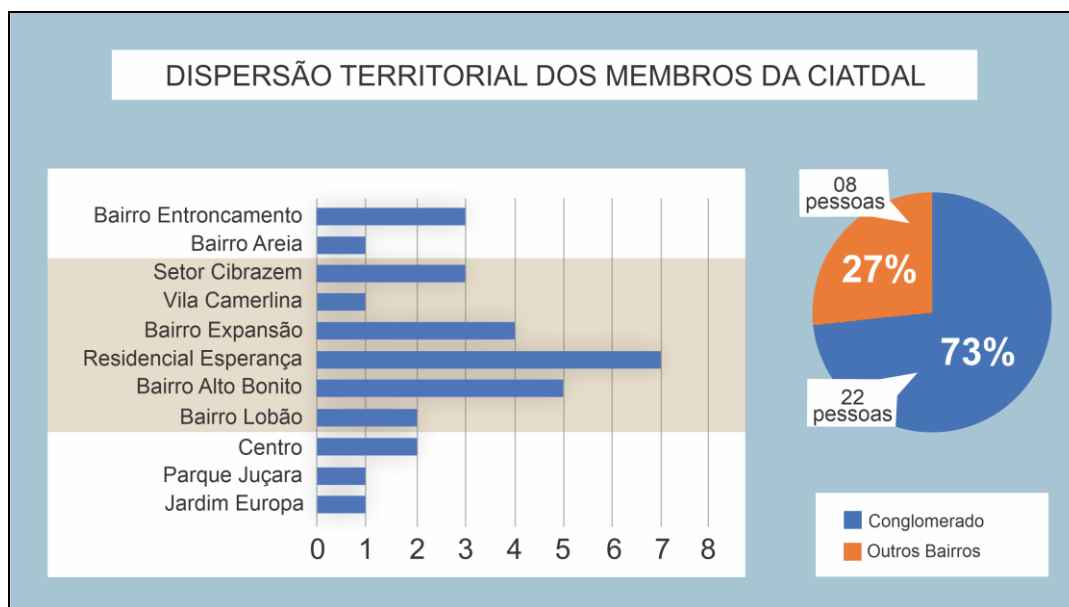


Fonte: Oliveira e Silva (2023).

É importante destacar que a maior concentração de jovens que integram o conglomerado de bairros na CIATDAL não se deve exclusivamente à proximidade geográfica. Observa-se que, mesmo antes da construção da atual sede no Bairro Alto Bonito, os jovens que participavam do agrupamento já eram majoritariamente provenientes desse mesmo território marginalizado. Essa realidade foi um dos fatores que impulsionaram a construção da sede no bairro mencionado.

De acordo com os dados coletados por meio de questionários socioeconômicos, infere-se que os participantes da associação compõem o que pode ser descrito como territorialidades marginalizadas. Mesmo quando a sede estava localizada próxima ao centro, os boletins dos alunos daquela época — alguns dos quais ainda permanecem na associação — mostram que a maioria dos participantes era proveniente dos mesmos bairros que a pesquisa atual confirma, conforme ilustrado na figura abaixo:

Figura 1 – Dispersão Territorial dos membros da CIATDAL



Fonte: Oliveira e Edvan (2023).

Outro fator importante relacionado à localização dos participantes é a situação dos bairros onde residem. Por estarem situados à margem da Ferrovia Norte-Sul, enfrentam uma realidade que merece atenção, especialmente no que se refere às condições das mulheres que se deslocam entre os bairros para trabalhar ou levar os filhos à escola. Muitas dessas mulheres não possuem transporte próprio e, quando muito, contam apenas com uma bicicleta. Isso as obriga a atravessar trilhos, contornar viadutos ou utilizar passarelas, tornando qualquer deslocamento para fora do bairro mais dispendioso e perigoso.

Para uma melhor compreensão da localização dos bairros mencionados, eles estão distribuídos da seguinte forma em relação às principais vias do município: à margem direita da Ferrovia Norte-Sul (no sentido Norte-Sul) e à esquerda da Avenida Valentim Aguiar (no sentido Leste-Oeste) estão os bairros Lobão, Carmelina, Expansão e Alto Bonito. Por outro lado, o setor Cibraze e o Residencial Esperança situam-se à margem esquerda da Ferrovia Norte-Sul e à esquerda da Avenida Valentim Aguiar.

A descrição do território físico da sede da CIATDAL reflete uma realidade que se estende a outros territórios, tanto materiais quanto imateriais. As territorialidades que convergem na sede, localizada no Bairro Alto Bonito, estão carregadas de subjetividades que refletem a realidade dos bairros onde residem os associados. Por essa razão, é fundamental considerar que “é impossível pensar os diversos

territórios sem pensar os territórios imateriais, as pessoas e os grupos que pensam e formam esses territórios” (Fernandes, 2008, p. 17).

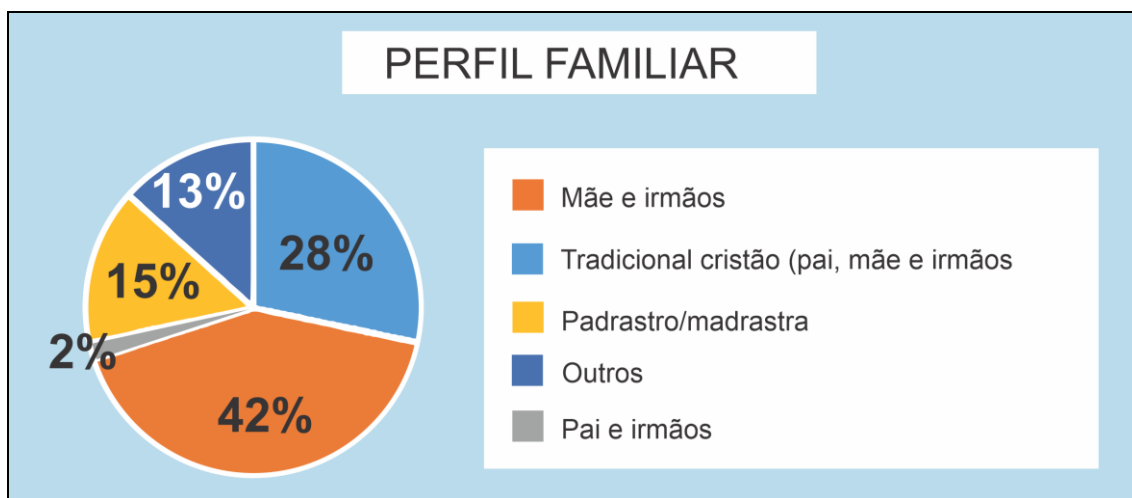
Compreendendo tanto o território físico quanto as territorialidades imateriais, a prática da Associação CIATDAL busca desenvolver, a partir do potencial artístico e cultural, uma dimensão econômica, política e educacional que ofereça alternativas para que os jovens e suas famílias possam garantir uma vida minimamente digna. Dessa forma, por meio de um leque diversificado de atividades — como teatro, dança, projetos de cinema, equipes de serviços e iniciativas de leitura, entre outras — produz-se conhecimento e criam-se alternativas sócio-organizacionais em um sistema de trocas progressistas e criativas.

As ações, que inicialmente priorizavam exclusivamente o teatro, passaram a abranger outras frentes de atuação graças às relações estabelecidas dentro dessa estrutura criativa, a qual é impulsionada pela sociabilidade. Na associação, parte-se do pressuposto de que:

A criatividade é condicionada e facilitada por relações sociais ou pela estrutura de redes sociais. Nesse novo contexto, pode-se dizer, tanto da criatividade quanto da atividade econômica, que a persecução de objetivos econômicos normalmente está acompanhada por aquela de objetivos não econômicos, como sociabilidade, aprovação, status e poder (Grefe, 2015, p. 52).

As trocas estabelecidas entre os diversos participantes dos projetos, que se beneficiam dos saberes empíricos forjados nas lutas pela sobrevivência, estimulam a criatividade e possibilitam o surgimento de novos conhecimentos a partir das experiências compartilhadas pelos associados. Com base em Saquet (2020, p. 169), as territorialidades promovidas pela CIATDAL podem ser consideradas “centrais para a construção de uma sociedade mais justa, que possa construir sua autonomia e se autogovernar, produzindo um novo território e novas territorialidades”.

Figura 2 – Perfil Familiar da CIATDAL

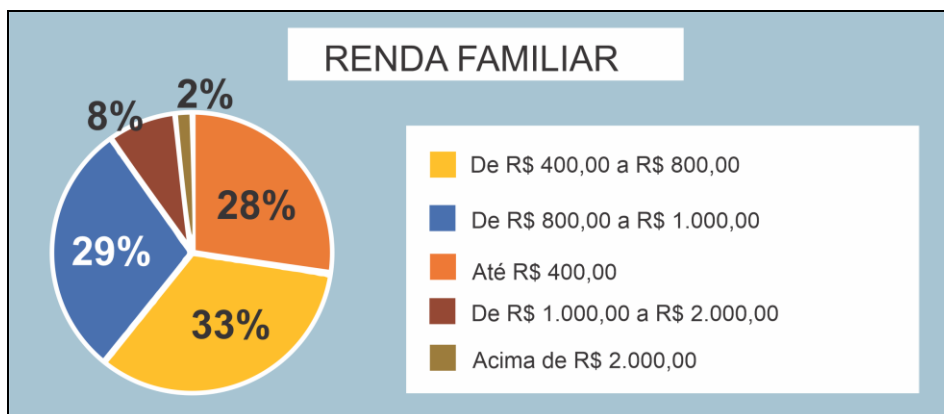


Fonte: Cruz e Oliveira (2017).

Ao analisarmos o perfil socioeconômico dos participantes, observamos que apenas 28% das famílias seguem o formato tradicional de estrutura familiar (pai e mãe biológicos). Os 72% restantes vivem com apenas um dos pais, avós ou outros membros da família, sendo que 42% residem exclusivamente com a mãe, que passa o dia fora de casa para garantir uma renda mínima.

Em relação à renda mensal, 61% das famílias vivem com até R\$ 800,00, enquanto 28% sobrevivem com uma renda igual ou inferior a R\$ 400,00. Este cenário é predominantemente composto por pessoas pretas ou pardas, uma vez que 86% dos entrevistados se identificaram com essas etnias, enquanto apenas 14% se declararam brancos ou amarelos.

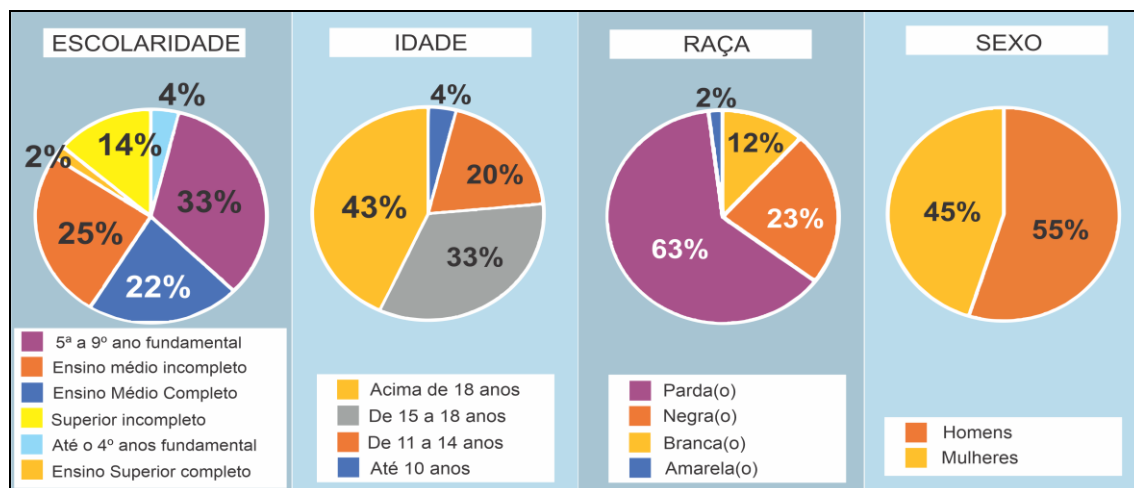
Figura 3 – Renda familiar dos beneficiários da CIATDAL



Fonte: Cruz e Oliveira (2017).

Outras informações a respeito do perfil dos participantes da associação CIATDAL são: faixa etária, raça, sexo e escolaridade. Conforme os gráficos abaixo, é possível ter uma ideia desta distribuição que nos ajuda a entender as relações indissociáveis entre o plano físico e social nas territorialidades do agrupamento CIATDAL.

Figura 4 – Perfil: escolaridade, idade, raça, sexo



Fonte: Cruz e Oliveira (2017).

Os dados sobre escolaridade, idade, raça e sexo nos permitem refletir sobre a presença das mulheres nos espaços de poder na CIATDAL. Além disso, as informações relacionadas à raça e à escolarização revelam as dificuldades enfrentadas pelo grupo, especialmente pelas mulheres negras, em alcançar os níveis mais altos de formação. Isso, por sua vez, limita sua capacidade de competir por espaços de poder que exigem um certo capital cultural, ao qual não tiveram acesso ou tiveram de forma precária.

É importante reconhecer que a escolarização da população negra no Brasil não ocorreu da mesma maneira que para o restante da população. Historicamente, os negros enfrentaram barreiras impostas por decretos e leis que, em alguns momentos, impediram e, em outros, permitiram apenas parcialmente o ingresso e a permanência dessa parcela da população nos sistemas formais de educação (Gomes, 2022).

As informações quantitativas informadas até este momento, referem-se a um levantamento de 2017, no entanto, atualizados em 2023 e 2024, verificou-se dados semelhantes. Mulheres são 63,3% e 83,4% pretos e pardos.

Os dados apresentados nos gráficos acima ajudam o leitor a compreender o perfil socioeconômico dos associados da CIATDAL e como as questões de raça e gênero se entrelaçam, afetando diretamente as oportunidades e os desafios enfrentados por esses indivíduos.

2.3. As relações de gênero na CIATDAL

Ao analisarmos o perfil socioeconômico, chamou-nos atenção a condição da mulher na pesquisa. O quantitativo presente na associação, o perfil da mãe que cria o filho sozinha, a ausência de um salário digno ou mesmo o subemprego, são algumas das condições que parecem definir a mulher diretamente ligada à CIATDAL. Em face dessa realidade, tendo o entendimento de um território imaterial marginalizado, as relações de gênero tornam-se importantes na sequência desta pesquisa.

No tocante aos estudos sobre as mulheres, que ganharam notoriedade após 1980, Margareth Rago (1995, p. 86) afirma que: “Trata-se de um acerto de contas com o passado como meio de garantir uma maior combatividade no presente”. Corroborando a afirmação de Rago (1995) sobre a importância de se conhecer e dar visibilidade à participação feminina na sociedade e pelo fato de que, na CIATDAL, tomando como referência 2023, mais da metade dos participantes são mulheres, buscamos investigar como ocorrem as relações de gênero e a divisão dos trabalhos no interior da associação.

Nosso interesse nesta pesquisa, olhando o lugar reservado à mulher participante direta e indiretamente da CIATDAL, é “não só a pesquisa sobre a condição feminina, ou, de maneira mais relacional, sobre as relações entre os gêneros, como também a ação destinada a transformá-las” (Bourdieu, 2002, p. 187).

Como uma associação progressista, que prima pela inclusão, consideramos relevante este estudo para gerar dados que instrumentalizem futuras ações e políticas públicas que visem a combater não somente a desigualdade socioeconômica, como também a de gênero e raça, pois uma associação que combate desigualdades, “não poderá nunca se fundamentar na desvalorização das atividades desenvolvidas pelas mulheres” (Parente, 2012, p. 14), muito menos deixar de questionar e apontar os males causados pelo preconceito racial.

Centrados em uma região marcada pela construção de grandes empreendimentos, como o Distrito Industrial, a Ferrovia Norte-Sul, a Usina Hidrelétrica de Estreito e as vastas plantações de soja e eucalipto considerados “símbolos da materialização da ideologia-narrativa do desenvolvimento” (Ramos Júnior, Silva e Lucena, 2020, p. 272), buscamos compreender o impacto desse processo nas relações de gênero observadas na CIATDAL, especialmente em municípios como Porto Franco, que fazem parte das regiões periféricas do Brasil.

Nesse recorte, destacam-se dois pontos. Em primeiro lugar, a mulher é, sem dúvida, a mais impactada e, (in)justamente, aquela que mais trabalha, sofrendo as consequências dessa avalanche desenvolvimentista. O segundo ponto é que a relação com o discurso “desenvolvimentista”, no contexto da associação, refere-se à maneira como os membros do projeto pensam em fazer parte dessa transformação.

Ao analisar a CIATDAL, observamos uma divisão sexual presente na Equipe de Serviços Coletivo (ESC) e uma predominância masculina na diretoria executiva da associação. Na ESC, existem duas áreas distintas: de um lado, o departamento de atendimento em eventos, que oferece serviços como garçons, barman, recepção, cerimonial, recreação, entre outros; de outro lado, está a equipe de infraestrutura, responsável pela locação de palco, som, estruturas de *box truss*, kits multimídia, e outros equipamentos.

A primeira equipe é majoritariamente composta por mulheres, que tendem a focar mais na cooperação e são menos influenciadas pela lógica da competição, ao contrário dos homens, que buscam integrar-se às empresas que chegam à região. Em contrapartida, a segunda equipe, caracterizada pelo controle masculino, demonstra maior interesse em participar dos grandes empreendimentos que se instalam na região. Essa diferença de perspectiva de vida e a divisão sexual do trabalho nos fazem lembrar que

Trata-se de uma construção que se consolida no cotidiano, quando a elas são conferidas certas qualidades como atributos próprios para cumprir papéis sociais específicos e diferenciados – “próprios de mulheres”. Estes se reproduzem socialmente por intermédio da educação tanto formal como informal de cunho sexista (Parente, 2012, p. 277).

A ESC está diante da divisão sexual do trabalho, a equipe masculina e a equipe feminina, chamando atenção para os papéis sociais que são reproduzidos na CIATDAL. É importante mencionar que a equipe de infraestrutura movimenta capital financeiro extremamente superior em comparação à equipe de atendimento em

eventos. Em face desta informação, têm-se evidências que torna nítida uma conotação social monetária associada ao gênero.

Tudo indica que o modo como se interpreta o valor monetário da equipe de infraestrutura e o da equipe de eventos é bastante diferente e tem relação direta com a questão de gênero. Assim, entendemos que o primeiro passo para combater a desigualdade de gênero é identificar como essas ações estão sendo reproduzidas e naturalizadas no cotidiano, na divisão de tarefas, nas atuações e nos protagonismos dentro da trajetória histórica e da territorialização da CIATDAL.

Como aponta Djamila Ribeiro (2021, p. 35), “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produção e para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos”. É preciso, sobretudo, que se investigue como as representações sociais, construídas por uma cultura patriarcal, são reiteradas silenciosamente em diferentes espaços formais e informais, reafirmando as diferenças e o domínio masculino. Nas palavras de Pierre Bourdieu (2021):

Qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e faz, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homólogas (Bourdieu, 2021, p. 153; grifos do autor).

Identificar os dispositivos que são utilizados, por meio de práticas e discursos que visam minimizar ou invisibilizar o potencial das mulheres, é uma forma de combater narrativas e estigmas criados ao longo do tempo e que foram introjetados como padrões ideais de comportamento “por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas, tinha em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes” (Bourdieu, 2021, p. 140).

Em nossa análise, observamos que, segundo o Estatuto da CIATDAL, os cargos na organização são eletivos, incluindo as seguintes funções: presidente, vice-presidente, primeiro(a) e segundo(a) tesoureiros(as), e primeiro(a) e segundo(a) secretários(as). Entre 2010 e 2016, também existiam os cargos de Diretoria de Comunicação e Eventos (DCE) e de Diretoria de Assuntos Sociais e Comunitários (DASC). No entanto, a partir de 2016, esses cargos deixaram de ser eletivos e passaram a ser indicados, ficando sob a responsabilidade da diretoria eleita a escolha dos representantes setoriais.

Entre 2010 e 2023, a CIATDAL realizou sete eleições para a composição das mesas diretoras. Apenas o mandato de 2020-2022 teve um período diferente do habitual de dois anos, devido à pandemia de COVID-19, que interrompeu o funcionamento normal da Associação. Para ilustrar a questão de gênero na organização a partir da diretoria executiva, destacamos três cargos específicos: presidente, primeiro(a) secretário(a) e primeiro(a) tesoureiro(a). A análise desses cargos revela a presença de uma estrutura que, conforme descrito por Bourdieu (2021), perpetua a dominação masculina, mesmo dentro de organizações com uma orientação progressista e um compromisso com o combate às desigualdades.

Figura 5 – A presença da mulher na diretoria da associação CIATDAL

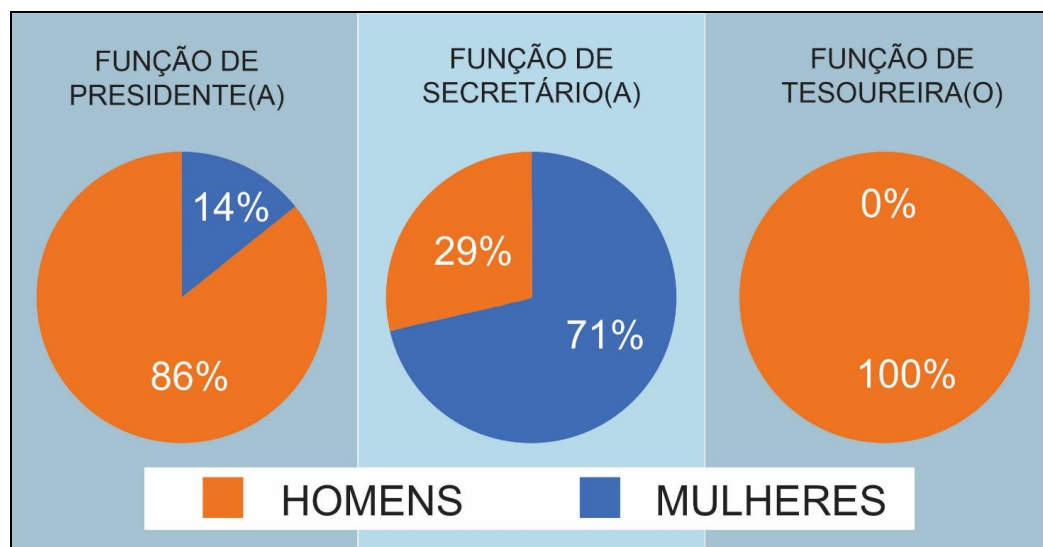
COMPOSIÇÃO E DEMONSTRATIVO DE GÊNERO NA DIRETORIA EXECUTIVA ASSOCIAÇÃO CIATDAL - COMPANHIA DE TEATRO E DANÇA ARTE LIVRE PERÍODO 2010 A 2023									
CARGO E BIÊNIO	BIÊNIO 2010/2011	BIÊNIO 2012/2013	BIÊNIO 2014/2015	BIÊNIO 2016/2017	BIÊNIO 2018/2019	TRIÊNIO 2020/2022	BIÊNIO 2023/2024	F	M
PRESIDENTE	Roniel Costa Silva	Roniel Costa Silva	Elias Viana Silva	Anatécia de Moura Freitas	Roniel Costa Silva	José Carlos da Silva	Roniel Costa Silva	1	6
VICE-PRESIDENTE	Vegna Barbosa de Oliveira	Alex Junior Rodrigues dos Santos	Rainara Pereira dos Santos	Júnior Henrique Rodrigues dos Santos	Wesley Matos da Silva	Elias Viana Silva	Alex Junior Rodrigues dos Santos	2	5
I SECRETÁRIO	Rainara Pereira dos Santos	Rainara Pereira dos Santos	Roniel Costa Silva	Rainara Pereira dos Santos	Cleide Sousa Silva	Roniel Costa Silva	Taina Miranda Rosa	5	2
II SECRETÁRIO	Ricardo Santiago Costa Silva	Anatécia de Moura Freitas	José Carlos da Silva	Elaine Fernandes Cirqueira	Tiago Viera Dias	Taina Miranda Rosa	Cleide Sousa Silva	4	3
I TESOUREIRO	Fabio da Silva Santos	Elias Viana Silva	Alex Junior Rodrigues dos Santos	Roniel Costa Silva	Elias Viana Silva	Edvan da Silva Oliveira	José Carlos da Silva	0	7
II TESOUREIRO	Fabio Gomes da Silva	David Gomes de Oliveira	Daiane Batista Carvalho	Aline Nascimento dos Santos	Gildevan Sousa da Silva	Geovane Alves Nascimento	Tiago Viera Dias	0	0
DCE	Leidyane Barbosa de Oliveira	Leidyane Barbosa de Oliveira	Anatécia de Moura Freitas	OS CARGOS DE DCE E DASCA FORAM EXTINTOS EM 2016					
DASCA	José Carlos da Silva	Daiane Batista Carvalho	Eva Barros Cantuário						

Fonte: Elaborada pelo autor.

Iniciemos por correlacionar a importância atribuída a cada um desses cargos em face do sistema simbólico e estrutural que repete os estigmas da cultura patriarcal. Vejamos que, de acordo com os dados, homens ocupam majoritariamente os cargos de presidente e I tesoureiro, enquanto as mulheres são maioria em funções de secretarias e diretorias secundárias, tais como o cargo de DCE e DASC. Os dados sistematizados abaixo são ilustrativos das práticas cotidianas que

reforçam a preponderância masculina em determinadas funções estratégicas e que possuem mais *status*.

Figura 6 – A mulher e os cargos na diretoria executiva



Fonte: Oliveira (2023).

É possível observar um padrão na composição dos cargos da diretoria executiva da associação CIATDAL. A lógica deste modo de reprodução reserva às mulheres funções secundarizadas, enquanto aos homens ocupam as posições de maior poder, especialmente aquelas ligadas à tomada de decisão e ao controle financeiro. Essa dinâmica reflete o que Bourdieu (2021) aponta sobre a divisão de gênero nas instituições, na qual mesmo que as mulheres tenham conquistado mais espaço em funções públicas, elas ainda se concentram em posições menos prestigiadas e mais precárias:

Sendo embora verdade que as mulheres estão cada vez mais representadas em funções públicas, são sempre as posições mais baixas e mais precárias que lhes são reservadas (elas são particularmente numerosas entre as não titulares e os agentes do tempo parcial, e, na administração local, por exemplo, veem ser-lhes atribuídas posições subalternas e ancilares, de assistência e cuidados) (Bourdieu, 2021, p. 151).

Além disso, há uma baixa representatividade feminina na diretoria executiva da Associação CIATDAL, o que evidencia as desigualdades de gênero e uma não valorização social que “está alicerçada em nosso passado escravocrata e patriarcal, que ajudou a construir uma rígida noção de hierarquia social e racial que diz que trabalhadoras mulheres, negras e pobres devem permanecer à margem”

(Guimarães, 2016, p. 60). A questão racial associada ao gênero também precisa ser problematizada, haja vista que, no geral, as mulheres negras possuem mais dificuldade de ascensão socioeconômica.

2.4. Racismo e desigualdade

Assim como na abordagem sobre gênero, é necessário pensar a transversalidade que envolve a raça na perspectiva da práxis da associação CIATDAL, visto que, segundo Gomes (2021, p. 440): “as pessoas negras não são marcadas somente pelo seu lugar na desigualdade de classe, mas são consideradas e tratadas como inferiores e não humanas devido ao peso do racismo”. Como não humanos, a morte do povo negro passa a ser algo banal, sem grande importância. Diante desta realidade, é possível compreender o medo da morte que quase sempre chega antes dos trinta e, principalmente, o medo da perseguição que nem a morte coloca fim. Morrer não é suficiente, é necessário impedir qualquer possibilidade de reconhecimento póstumo. Portanto;

Situações como o genocídio da juventude negra; o feminicídio que assola a vida das mulheres negras; as balas perdidas que só encontram os corpos negros das vilas e favelas; a violência policial, que historicamente marca a vida da população negra são noticiadas cotidianamente pela mídia, denunciadas pelos movimentos sociais, discutidas pelas influenciadoras e pelos influenciadores digitais negros e não negros comprometidos com a luta antirracista. (Gomes, 2021, p. 439).

Nem sempre é possível compreender certas agressões físicas e verbais como atos racistas, principalmente quando estes acontecem nos anos iniciais de escolarização. Portanto, quando não há consciência e definição precisa do porquê certas situações acontecem, fica mais complicado fazer frente aos atos racistas que causam detração às vítimas, principalmente por não compreenderem as razões que as colocam nesta condição de expiação social em um ambiente onde as pessoas são majoritariamente colonizadas.

Diante desta realidade, a escola, objetivamente orquestrada com a família e a igreja, “tinha em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes” torna-se sem dúvidas, um dos principais espaços de reprodução do racismo e condicionamento da mente da vítima a se ver com culpada pela própria existência. O silenciamento e falta de percepção da própria realidade conforme pretendido pelo

colonizador, é o projeto que se reproduz na escola. Segundo Oliveira, durante o processo de escolarização,

Da 1ª à 4ª série, tudo seguia aparentemente normal, não tinha noção da gravidade de algumas piadas dirigidas a mim e à minha irmã. Os professores, na tentativa de minimizar os ataques, afirmavam que eu era um bom aluno, e isso me tornava maior que aquelas “brincadeiras”, era só não dar importância que tudo passaria. Na verdade, certos atos racistas e segregadores nunca cessaram (Oliveira, 2022, p. 05).

A recomendação era sempre a mesma após cada ataque: não dar importância. No entanto, os ataques se tornavam cada vez mais constrangedores e fisicamente violentos, enquanto os agressores racistas continuavam suas rotinas sem grandes consequências. Eu, como vítima, me via cada vez mais inclinado a abandonar a escola.

As justificativas usadas pelos professores ajudavam a naturalizar os atos racistas, confirmando o que Nilma Lino Gomes descreve sobre a recusa, por parte dos professores, de enfrentar as ofensas racistas, o que contribuía para a sua naturalização. Conforme afirma Gomes (2021, p. 444), “essa recusa resulta em uma reação perversa que afeta o cotidiano do nosso país: as desigualdades raciais [...] vão se naturalizando e se sedimentando de tal forma que são capazes de produzir inércia e indiferença raciais.”

O posicionamento sempre veemente das professoras, ao tentar justificar ou minimizar o problema, alegando que, por ser um bom aluno, eu não deveria dar atenção ao que acontecia, permite uma reflexão sobre as minhas territorialidades escolares, marcadas pela presença constante do racismo, e a argumentação de Nilma Lino Gomes. A partir dessa perspectiva, outra citação da autora oferece uma explicação sobre as razões pelas quais os professores minimizam o racismo, especialmente quando o aluno apresenta bom desempenho escolar e acadêmico. Segundo Gomes (2021, p. 444):

Torna-se comum, no Brasil, especialmente na educação escolar básica, julgar e tratar uma situação de discriminação racial como questão de ordem socioeconômica, emocional, dificuldade de aprendizagem, intolerância ou como resultado de uma família “desequilibrada”. É comum, ainda, no Ensino Superior o pensamento de que estudantes negros e cotistas tenham desempenho acadêmico baixo e rebaixem o nível da propalada excelência acadêmica. (Gomes, 2021, p. 444).

Como vemos a partir de Nilma Lino Gomes, é possível interpretar que o fato do aluno tirar boas notas supostamente coloca-o em condição menos delicada em

comparação a outros alunos negros. Essa interpretação, leva-nos a uma condição que associa o negro à dificuldade de aprendizagem, logo, pelo fato de obter boas notas, colocavam-me em uma condição que, segundo os professores, servia para negar a existência de atos racistas nas agressões. Por ter notas melhores que as dos agressores (que eram igualmente negros), criavam uma máscara para fugir à responsabilidade diante dos atentados racistas.

Outro fator extremamente importante, que naturalmente contribuía para o modo como os professores negavam a minha condição de negro, era o comportamento sempre ordeiro, que se contrapunha à agressividade daqueles que me atacavam. A subserviência, herdada desde o período escravocrata, é uma condição que permite ao negro transitar entre os brancos com a falsa ilusão de igualdade. Negar a existência do racismo e evitar tocar na ferida faz com que o negro se torne “diferente”, quase como um branco.

Do texto de Nilma Lino (2021), extrai-se outro ponto extremamente importante: como ela afirma, é comum tratar a discriminação racial como um fator puramente socioeconômico. Nessa perspectiva, volto novamente à minha realidade escolar. Após a fase das séries iniciais (1º ao 4º ano), período em que meus pais ainda estavam casados, vieram tempos difíceis. Econômica e emocionalmente, minha família estava desestruturada após a separação dos meus pais.

Dessa forma, a falsa sensação de não existência do racismo, mesmo diante das agressões ocorridas do 1º ao 4º ano, tornaram-se extremamente doloridas durante os anos finais do ensino fundamental e parte do ensino médio. Sem dinheiro, e trabalhando para sobreviver em trabalhos supostamente indignos (capina de lotes, venda de geladinho, salgados e outros produtos), o negro, alinhado e supostamente bem-posicionado com uma família nos padrões cristãos, dava lugar a uma condição de escória social.

Considero que o racismo permaneceu no seu lugar de sempre. No entanto, quando as condições econômicas eram melhores, justificavam que as agressões tinham como motivação a inveja da vida que tínhamos e dos bons resultados na escola. Não era difícil tirar boas notas, pois tínhamos alimentos em abundância, não precisávamos trabalhar para ajudar no sustento da casa e nem presenciava minha mãe sofrer.

Sempre que alguém expressava seu ódio, havia outra pessoa para afirmar que a situação não tinha relação com a cor da pele, mas sim com questões

emocionais, inveja das posses, do bom comportamento e do desempenho escolar. Portanto, não se tratava de discriminação racial. Alguns professores chegavam a afirmar que outros alunos, os “negros verdadeiros” (retintos, pobres e desordeiros), sentiam inveja daquele que parecia negro, mas com sangue e alma diferentes.

Não importa, com dinheiro, sem dinheiro, tirando boas notas ou não, se comportando subserviente ou revidando as agressões, o racista encontrará um modo de inferiorizar e discriminar para garantir sua dominação social. No entanto, quando epistemologias e o capital econômico estão totalmente a favor do colonizador, as coisas são ainda mais complicadas. Segundo Oliveira:

Sem dinheiro, descobri da pior maneira o que era o racismo que tinha se mantido propositalmente em um lugar favorável aos racistas. Agora, o negro filho da lavadeira de roupa, vendedor de salgado, “geladim”, pipoca e outros itens, que ajudavam na renda, era motivo de piadas e perseguições. Na escola e na rua, chorava em silêncio, evitava o contato com as pessoas para fugir dos xingamentos. Aos 42 anos, ainda evito pessoas e tenho dificuldade de me relacionar. (Oliveira, 2022, p. 06).

Acreditamos que a contribuição de Nilma Lino Gomes (2021) confirma que o racismo se infiltra em todas as estruturas da sociedade, justificando o privilégio dos brancos e garantindo a continuidade do processo colonizador, assim como a perversidade do capitalismo. As evidências mencionadas trazem elementos que nos ajudam a refletir sobre a trajetória dos membros da associação CIATDAL diante do racismo, da desigualdade de gênero e da baixa autoestima, como barreiras que impedem a “abertura dos olhos de dentro para fora” e o reconhecimento de suas epistemologias como forma de superação social.

Diante de tudo o que foi apresentado, podemos afirmar que o racismo tem uma relação direta com a questão social, podendo se exacerbar ou manter-se sorrateiro, conforme as condições que mais convêm. Dessa forma, ao analisarmos as contribuições de quem vive o racismo, percebemos que a pobreza é apenas mais um elemento que agrava a situação de negras e negros no Brasil, e não o contrário, como é muito comum se ouvir afirmações: “o negro no Brasil é discriminado porque é pobre” ou “a questão do negro é social e não racial” (Gomes, 2021, p. 447).

Sendo assim, é “para que nenhuma criança negra tenha que ouvir xingamentos racistas sobre sua cor, corporeidade, sinais diacríticos ou então, tenha que viver a cena que vivi na minha infância, de ter o cabelo crespo chamado de bombril” (Gomes, 2021, p. 450), que pretendemos, mediante às subjetividades presentes no agrupamento CIATDAL, destacar nesta pesquisa a questão do racismo

como elemento necessário à manutenção do *status quo* social que favorece o colonizador.

Neste sentido, consideramos a importância dos espaços de ensino popular no processo de enfrentamento ao racismo. Buscamos provocar, a partir da experiência da associação CIATDAL, uma reflexão sobre a participação das organizações da sociedade civil no combate às desigualdades de gênero e raça. A práxis destes agrupamentos é capaz de desencadear mobilizações que podem chegar até os centros de ensino convencionais. Essa postura:

Significa, também, assumir que estamos em um país racista e que precisamos nos posicionar contra essa realidade. Mas só isso não basta! É preciso entender o racismo ambíguo que aqui se desenvolve, e se afirmar por meio da sua própria negação. Essa armadilha do racismo brasileiro possibilita a sua diluição nas questões sociais e econômicas. (Gomes, 2021, p. 447).

Como observamos nesta pequena digressão, abordar a questão racial e combater o racismo na sociedade atual, ainda não é tarefa simples, visto que mexe com a subjetividade do contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência. Citando novamente Gomes (2021, p. 449), significa mexer com “valores, histórias de vida, crenças, posicionamentos políticos e epistemológicos. Insta-nos a sermos corajosas e corajosos diante das relações e hierarquias de poder”.

A necessidade de problematizar o racismo, assim como fizemos anteriormente ao abordar a desigualdade de gênero, nos leva a direcionar o olhar ao agrupamento CIATDAL, entendendo-o como um espaço de formação de opiniões e políticas. Nesse sentido, a perspectiva dos integrantes da associação pode contribuir para compreender como a resistência no grupo se conecta com as pautas antirracistas e a possibilidade de superação da desigualdade de gênero. Como destaca Grosfoguel:

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper humanizados, etc, acima da linha do humano) e outras formas de seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano). (Grosfoguel *et al*, 2018, p. 67).

Nesse sentido, buscamos dialogar com o processo que condiciona o sujeito à dominação colonizadora e capitalista com potencial de impedir a própria capacidade

de resistência. A partir da análise das atividades do agrupamento CIATDAL (atividades culturais, trabalho e renda, projeto de leitura, cinema nos bairros, biblioteca comunitária, dentre outros), observamos como as relações de dominação da modernidade se consolidam, desde as condições de trabalho às hierarquias epistêmicas, étnico-raciais, sexuais e de gênero.

Certamente, sob influência das representações do ambiente social em que está inserida a CIATDAL e seus integrantes, um olhar subjetivo se torna extremamente necessário para a finalidade da pesquisa. É natural que a abordagem tenha um olhar especial à questão da subjetividade dos sujeitos que integram o agrupamento e sua contribuição ao processo de luta e resistência. Nesse sentido, acrescentamos que subjetividade, de acordo com Hall (2014, p. 55), “sugere a compreensão que temos sobre nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constitui nossa concepção ‘quem nós somos’”.

Com isso, buscamos problematizar a possibilidade do fazer consciente e inconsciente, considerando que, para Hall (2014, p. 56), “vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade”. Diante disto, a abordagem busca considerar a dualidade da proposição crítica proposta pela CIATDAL, em face da perversidade da linguagem capitalista.

A possibilidade de uma proposição crítica, deverá contrapor-se à exclusão moral. Segundo Carone e Bento (2002), o primeiro passo desta:

É a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados. A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação. [...] Pelos processos psicossociais de exclusão moral, os que estão fora do nosso universo moral são julgados com mais dureza e suas falhas justificam o utilitarismo, a exploração, o descaso, a desumanidade com que são tratados. (Carone e Beto, 2002, p. 05).

Mensuramos a influência do racismo, das múltiplas formas de desigualdade como elementos que fortalecem a baixa autoestima que impede o colonizado de reconhecer a própria capacidade. Contra os estigmas mencionados, consideramos a emancipação e autoestima como possibilidades anti-colonizadoras, “entendida como transformação social e cultural, como libertação do ser humano” (Gomes, 2017, p. 49).

Essa abordagem implica desconstruir “um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais” (Carone e Beto, 2002, p. 02). Nesse sentido, ao indagar sobre o funcionamento da CIATDAL e o movimento dos sujeitos que a compõem, pensou-se sob a ótica das referências adotados por esses na prática cotidiana, visto que:

Qualquer grupo precisa de referenciais positivos sobre si próprio para manter a sua autoestima, o seu autoconceito, valorizando suas características e, dessa forma, fortalecendo o grupo. Então, é importante, tanto simbólica como concretamente, para os brancos, silenciar em torno do papel que ocuparam e ocupam na situação de desigualdades raciais no Brasil. (Carone e Bento, 2002, p. 03).

Para reforçar a análise a respeito da atuação da CIATDAL, correlacionamos suas práticas com a função da escola, instituição responsável pela transmissão do saber considerado oficial, que, segundo Tiago Vieira (2023), “não deixa de ser racista, ela não deixa de focar o ensino em outras questões”³. Nesse contexto, buscamos investigar como em Gomes, (2021, p. 438), “se os currículos da escola básica e da universidade, nesse século XXI, têm avançado na inclusão do antirracismo como princípio pedagógico e político das suas bases teóricas, das práticas e da gestão”. A partir dessa indagação, procuramos destacar, a seguir, a atuação da CIATDAL como uma alternativa prática, que oferece um fazer empírico a essa lacuna.

Conforme Diniz, Paulino e Straforini (2021, p. 244), para se tornar autônomos e emancipados é preciso “contemplar e problematizar os contextos em que vivem, dando ênfase aos seus aspectos histórico, social e cultural”. Também em Nilma Lino (2021), “o processo de descolonização das mentes e das práticas como ação de combate ao racismo nas sociedades é tenso e conflituoso. A educação talvez seja o espaço em que essa tensão é mais visível”. Nesse sentido, o agrupamento CIATDAL atua, para além dos muros da escola, consciente de que há um apagamento histórico e epistêmico nos currículos e nas práticas educacionais.

³ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música Hat-Trick do rapper, escritor e compositor Djonga.

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO E MODO DE VIDA

3. PRÁXIS NO AGRUPAMENTO CIATDAL

3.1. Os valores da CIATDAL

Podemos dizer que as práxis são ações dotadas de sentido, portanto, nesta pesquisa e para analisar a possibilidade de práticas capazes de contribuir para outra globalização, pensar-se-á a práxis em perspectivas emancipatórias, visto que abraçam um sentido crítico em relação ao *status quo* social. Como em Sousa, esse pensamento remete:

à ideia de práxis ‘visando a transformação da realidade, politicamente falando. [...] Ação com sentido, pois é isto que a práxis é: uma ação dotada de sentido. No caso das práxis emancipatórias, um sentido que é inerentemente crítico em relação ao status quo social heterônomos, em graus e de modos variados’ (Sousa, 2013, p. 50).

Desse modo, investigando um pouco mais sobre a Associação CIATDAL, podemos averiguar conforme análise documental e práticas, tendências que podem servir para mostrar comportamento e interesses da associação e dos associados. Segundo diretrizes definidas no planejamento estratégico da CIATDAL (2021/2025), definiu-se como missão o princípio de “prospectar um futuro onde a arte e a educação funcionam como pilares fundamentais para o empoderamento e transformação social das comunidades, inspirando uma sociedade mais justa e igualitária.” (CIATDAL, 2021). Também no acróstico que descreve os valores da associação podemos notar os seguintes direcionamentos:

Comprometimento social
Inovação
Amor
Trabalho em Equipe
Dignidade e Ética
Alteridade
Liberdade Intelectual (CIATDAL, 2021).

Vemos, de acordo com a missão e os valores, que o agrupamento CIATDAL exhibe uma preocupação com o empoderamento e transformação social das comunidades, inspirando uma sociedade mais justa e igualitária. Visando tornar

exequível o pretendido, um princípio é observado, o compromisso com a construção de uma comunidade mais solidária e consciente de seus direitos.

As ações existentes no agrupamento CIATDAL estão divididas em três frentes que representam os pilares da associação: Cultural/artístico, Educacional e Trabalho e Renda. Os resultados integrados das ações que compõem os três pilares, podem levar ao objetivo pretendido pela CIATDAL, ou seja, à transformação social.

Para a análise do primeiro pilar (artístico/cultural), afirmamos que este é usado não apenas em um sentido mais moderno, como aponta Hall (2016, p. 19), referindo-se “às formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, arte, design e literatura, ou atividades de lazer e entretenimento, que compõem o cotidiano da maioria das ‘pessoas comuns’”, mas também para se referir ao conjunto de normas e costumes que se reafirmam por meio da prática.

Mesmo tratando-se de representações artísticas, estas se envolvem e beneficiam-se de características e saberes próprios do modo de vida dos sujeitos que as elaboram. O conceito cultural será acolhido nesta pesquisa “em um contexto mais próximo das ciências sociais” para referir-se “a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (HALL, 2016, p. 19).

Dito isso, acredito que podemos seguir para a próxima análise, na qual debruçaremos sobre os três pilares que fundamentam o fazer e a convivência no agrupamento CIATDAL. Em sequência cronológica, apresentaremos cada pilar conforme a ordem que foram sendo incorporados e/ou percebidos na atuação da companhia.

3.2. Pilar cultural/artístico

O primeiro pilar (cultural/artístico) apresenta-se com potencial para produzir significados que se contrapõem às representações dominantes. Conforme presenciado na CIATDAL, através da arte cênica, explora-se músicas, textos, processos criativos e performances exibidas nos mais diversos locais. Toda ação, do processo de criação até posterior à apresentação, objetiva provocar reflexões e debates para criticar o *status quo* social heterônomos e verticalizado, além de reforçar o sentimento de pertencimento ao grupo social e à comunidade.

Para citar alguns exemplos do posicionamento teatral da associação, mencionaremos a montagem cênica *Vidas da Favela ao castelo* (2018). A peça, um protesto ao comportamento presenciado durante o período eleitoral nas comunidades, busca provocar reflexões críticas contra a corrupção eleitoral. Conforme o roteiro, durante as eleições, um determinado político negociava individualmente o apoio das lideranças dos bairros para garantir o voto de todos.

Imagem 2 Cena da peça do Averso o Mundo é uma Dança



Fonte: acervo da associação CIATDAL

Além de criticar o comportamento dos candidatos, o roteiro teatral focava no eleitor que negocia vantagens pessoais e perde a oportunidade de debater os reais problemas do bairro, da comunidade rural, do coletivo organizado e de outros setores. Citando Ramos Júnior, Silva e Lucena (2020, p. 277), dizemos que a peça contestava políticos que lançam “mão de diversas estratégias de cooptação de lideranças membros da comunidade, negociando, por exemplo, individualmente o valor” do voto, da família e da comunidade. Trabalham “de maneira não oficial, o

convencimento da população” para aceitar as propostas de políticos que nunca tinham visitado a comunidade e que a ideologia do partido não condizia com as necessidades das comunidades.

No texto de encerramento, o personagem Deputado Kaká, exclama:

Lembrai, lembrai-vos do 5 de novembro. A pólvora, a traição, o ardil. Por isso não vejo como esquecer uma traição de pólvora tão vil. É em homenagem à senhora JUSTIÇA que dedicamos essa peça em honra as férias que ela parece ter tirado e ao impostor que ficaste no lugar dela. Afinal, o que é Educação? Uma garçonete que descrimina os clientes de acordo com sua renda monetária, uma cliente que não aceita sua condição social e não consegue nem educar as próprias filhas impondo um pinga de respeito. O que é educação? Um professor que vive em dilema consigo mesmo, entre a nobreza de sua profissão e o descaso da sociedade e do poder público com a mesma. Quem pode falar de valores? Um político corrupto que compra a todos ou o povo que se vende? Afinal, educar é responsabilidade de quem? (CIATDAL, 2018).

Posterior à fala supracitada, o público e os atores, que igualmente eram membros da comunidade, por força do momento, ficavam em silêncio para refletir tudo que tinha sido apresentado até aquele momento. O apelo da comédia atraía o público que, ao final, assistia a dura análise sobre possíveis consequências do posicionamento individualista e capitalista durante uma eleição. Dando continuidade ao enredo da encenação, o encerramento acontecia sob forte vibração dos personagens em uma coreografia que tinha como trilha sonora, a música “*Que país é esse*” da banda Legião Urbana⁴.

É importante ressaltar que, em 2018, vivíamos o pior cenário eleitoral possível às comunidades e grupos marginalizados, constituído pela ameaça de uma ditadura civil-militar que se vislumbrava no discurso do então presidente Jair Bolsonaro. Ao término da apresentação, como é prática no fazer cultural/artístico da associação, promovia-se um debate a partir da encenação teatral e do tema problematizador, a saber, “*educar é responsabilidade de quem?*”.

Portanto, ao observar a estrutura do trabalho teatral que foi apresentado em 7 (sete) bairros em Porto Franco e 1 (um) bairro na cidade de Estreito, ambos no Maranhão, é possível notar uma práxis de resistência contra o colonialismo nesta

⁴ Nas favelas, no Senado, Sujeira pra todo lado, ninguém respeita a Constituição Mas todos acreditam no futuro da nação, que país é esse? Que país é esse? Que país é esse? No Amazonas, no Araguaia-ia-ia, Na Baixada Fluminense, Mato Grosso, nas Geraes, E no Nordeste tudo em paz [...] na morte eu descanso, mas o sangue anda solto manchando os papéis, documentos fiéis, ao descanso do patrão, [...] terceiro mundo se for Piada no exterior, mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão Quando vendermos todas as almas, dos nossos índios num leilão. (LEGIÃO URBANA, 1987, f. 1).

ação, visto que, na concepção de Souza (2018, p. 248), “tão importante quanto o voto em uma democracia é o direito à informação plural onde o contraditório e a notícia percebida e discutida por diversas perspectivas e aos olhos dos interesses mais diversos têm o lugar central”.

Em *A classe média no espelho*, Jessé Souza reforça:

A luta política no Brasil até hoje obedece, portanto, ao mesmo esquema desde 1930. Há quase um século, essa é a verdadeira disputa pelo coração e a mente do público, indefeso diante de uma mídia quase sempre corrupta e venal. Quando o dinheiro do mercado se une à imprensa e aos intelectuais cooptados e servis aos poderosos, parte da massa da classe média e os setores populares acabam relegados à raiva pré-política e à indignação desarticulada, as armas frágeis dos oprimidos. (SOUZA, 2018, p. 127).

Com esse importante reforço de Jessé Souza, percebe-se a ação do agrupamento CIATDAL, como posicionamento contrário aos esquemas que, segundo o autor, imperam desde 1930. Então, considerando “que por meios das representações, os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma sociedade”, percebemos nas ações deste agrupamento, práxis de resistências ao produzir representações que fogem ao contexto imposto pelos “‘exércitos de violência simbólica’ assim como os coronéis do passado possuíam seus ‘exércitos de violência física’”. (SOUZA, 2018, p. 11).

De modo consciente, os sujeitos da Associação CIATDAL produzem e reproduzem-se, através das criações artísticas e de outras ações, um modo de vida interessantemente crítico em relação ao padrão social imposto de cima para baixo e que se beneficia principalmente da dinâmica dos meios de comunicação, dos centros de ensino convencionais e seus currículos.

3.3. Pilar trabalho e renda

Como foi dito no início da abordagem, a globalização capitalista, ou globalização como perversidade é um cenário que se apresenta como inofensivo, camufla-se no discurso colonizador. Neste sentido, segundo Milton Santos (2001, p. 19), para “maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar”.

O desemprego crescente ameaça não apenas a subsistência física, como também a moral do trabalhador. É exigida a capacidade para fugir do estigma da preguiça e superar as necessidades básicas para sobreviver com dignidade. A condição de desempregado, conforme interiorizado pelas forças dominantes, reforça o estigma do preguiçoso.

Há a necessidade de justificar-se como sujeito digno. Com isso, torna-se natural o medo do fracasso e a baixa autoestima entre os que vivem em condições de marginalidade. De acordo com Milton Santos (2001, p. 58), “jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro”.

A existência desses medos, contrário ao que é propagado, não é uma criação do pobre ou da pobreza, mas das condições criadas pela recessão e escassez provocada pela imposição capitalista. Ainda nesta linha, reforçamos que, de acordo com Carone e Bento (2002, p. 03), “entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor [...]”.

Diante deste enunciado que nos remete à questão do desemprego e da desvalorização do valor do trabalho, iniciamos nossa abordagem sobre o segundo pilar instituído no agrupamento CIATDAL. Na perspectiva documental, como já dissemos, o Pilar Trabalho e Renda é apresentado como o segundo pilar, no entanto, a partir da fala dos associados e da percepção de atuação simultânea e indissociável com o Pilar educacional e com o Pilar Artístico/Cultural, afirma-se, a partir da análise e interpretação dos fatos, que este foi o terceiro pilar a ser incorporado e não o segundo.

O destaque que fazemos sobre a ordem cronológica desta instituição, serve para evidenciar o medo e a necessidade de justificar-se como sujeito ativo e funcional na esfera do trabalhador. Nesta concepção, o pilar trabalho e renda tornou-se mais importante que os processos do pilar educacional que existiu quase que simultaneamente ao pilar artístico cultural. Para muitas famílias e até para o membro da CIATDAL, a educação informal não era considerada ou reconhecida no processo da associação, principalmente diante da utilidade do trabalho.

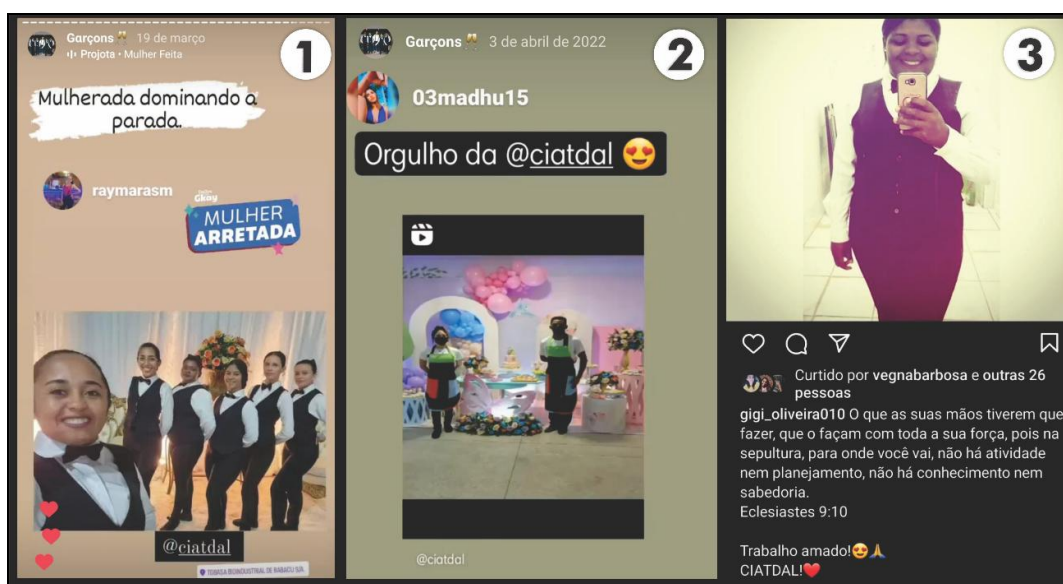
O parágrafo acima, permite observar a conotação prioritária ao pilar Trabalho e Renda, afinal diante do medo que assusta a população em relação ao desemprego

crecente, existe a necessidade de transformar, como Souza (2020, p. 156), “sua necessidade (a de trabalhar duramente) em virtude”. É justamente por isso que o pilar Trabalho e Renda tem lugar especial na estrutura da associação tornam-se alternativas prioritárias.

Porém, mesmo ocupando função de garçom, recepcionista ou outras atuações em eventos, atividades que representam, conforme em Souza (2020, p. 278), trabalhos desqualificados que provocam certa invisibilidade, a atuação na equipe traz também sentimentos de pertencimento e empoderamento. Aqui, não estamos negligenciando determinadas ofensas e arrogância de certos clientes, mas pretendemos evidenciar o sentimento de orgulho e pertencimento que reforçam a autoestima como um resultado do modo como a equipe de serviço funciona e, principalmente, pelos resultados da educação popular que acontece em todas as atividades.

Os registros de tela abaixo são relevantes devido à espontaneidade das postagens e à sua publicidade nas redes sociais. As postagens nos Stories do Instagram apresentam elementos distintos dos obtidos nos questionários, sendo manifestações genuínas do momento vivido, o que pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada.

Imagem 3 - Reconhecimento e publicização



Fonte: Página *Instagram* da CIATDAL, destaque “Garçons”.

Se pensarmos *stories* do Instagram como um local de afirmação ou lamentação, conforme representação constituída diante da linguagem comunicada

pelas imagens ou vídeos postados, podemos fazer a seguinte leitura das imagens selecionadas entre muitas que foram mencionadas⁵ e que compõem o destaque “Garçons” no Instagram da associação CIATDAL.

Da esquerda para direita na imagem 1, além do texto “*mulheres dominando a parada*”, vemos um GIPHY/balão com a expressão “*mulher arretada*”. A imagem com 6 (seis) mulheres do agrupamento uniformizadas, ultrapassa a simples representação de simpatia e alegria, traz em seu contexto expressão da consciência quanto ao sentido de afirmação do gênero feminino.

Também na imagem, podemos notar maior presença de mulheres negras, o que reforça a superioridade destas na equipe. Mesmo priorizando evidenciar em um primeiro momento o recorte de gênero, elas também servem para reforçar o que dissemos sobre a maioria dos integrantes da associação serem negros.

A imagem 2 faz referência à identificação de dois participantes com a associação e o orgulho de mencionar publicamente o pertencimento ao agrupamento e suas atividades. A imagem 3, na nossa interpretação, reforça orgulho de pertencer à associação e traz uma legenda que destaca o amor ao trabalho realizado na associação. Em relação à imagem 3, acrescentamos que, diante da observação realizada no agrupamento, há um sentimento de bem-estar conforme dizem alguns ao vestir o uniforme da equipe.

Outro registro, datado de 9 de setembro de 2024, mostra Taína Miranda Rosa postando em seus Stories do Instagram um breve relato sobre como a associação CIATDAL contribuiu em sua adolescência. Ela destaca as intervenções artísticas, educacionais e na Equipe de Serviços Coletivos (ESC).

⁵ O termo é usado quando uma pessoa publica uma foto ou vídeo em seu story do Instagram e menciona outro perfil. No caso em questão, as associadas que integram a ESC – Equipe de Serviços Colaborativos publicaram em seus stories do Instagram e marcaram a associação CIATDAL.

Imagem 4 - Depoimento Taína Miranda



Fonte: Página *Instagram* de Taina Miranda

A colaboradora Taína menciona a importância da ESC como um espaço de mobilidade financeira. Em suas palavras, destaca a aquisição de sua primeira bicicleta, que era essencial para sua locomoção, pois sua residência ficava no Bairro Entroncamento, o mais distante da sede da associação e do centro de ensino onde cursou o ensino médio.

Ao apresentar o pilar Trabalho e Renda, concentramo-nos apenas na equipe de atendimento, porém, além desta, há a equipe de infraestrutura que dualiza com o setor de evento. Enquanto a primeira é composta por 21 pessoas, cuja maioria é mulher (no total de 15), a segunda é composta majoritariamente por homens, sendo 7 (sete) contra 3 (três) mulheres. Das pessoas mencionadas, 2 (duas) mulheres e 2 (dois) homens transitam nas duas equipes.

É importante destacar que, apesar da possibilidade de trabalho existente na associação CIATDAL, que cria condições, em certo grau melhores (carga horária reduzida, remuneração mais condizente, flexibilidade de horário e ambiente esteticamente satisfatório), muitos, conforme observamos, ainda não conseguem

reconhecer essa ação como um trabalho válido. Isso ocorre porque as funções exercidas na ESC não se enquadram no formato da maioria das empresas capitalistas, ou seja, tem-se condição de trabalho “ambígua diante dos olhos de toda a sociedade meritocrática” que valida apenas a carteira de trabalho assinada, e a escala de trabalho 6x1.

Sendo assim, é comum que muitos deixem o projeto para se sujeitar em ações com condições degradante e baixos salários, no entanto, serão mensurados entre os que conseguiram um trabalho que “dignifica o homem”. Tal posicionamento é conflitante à possibilidade do comum no agrupamento CIATDAL.

O comportamento dos que continuam insistindo no apego às empresas e a dominação capitalista, leva-nos novamente à questão da globalização como perversidade. O apego de alguns à exploração da força de trabalho nos moldes do capitalismo, confirma o alcance das instituições dominantes e a capacidade de produzir significados que são compartilhados como regras universais.

Tendo mostrado brevemente sobre o Pilar Trabalho e Renda, ficou evidente a capacidade de dominação do discurso colonizador. O próximo pilar, último em nossa análise, tem a pretensão de ir além da escolarização convencional ao buscar e estimular outras formas de compartilhamento do saber.

Como vimos ao falar sobre o pilar artístico/cultural, o teatro, a música e outras expressões artísticas tornam-se metodologias no processo de ensino e aprendizagem. Mas não basta apenas apresentar metodologias diferentes, além de trazer a questão do ensino é necessário problematizar a respeito das formas de desigualdade. Para Nilma Lino Gomes:

Quando a escola básica e a universidade não explicitam a questão racial existente em nossa sociedade, com seus conflitos, complexidades, politização, tensões, negociações, positivities e dilemas, elas reforçam práticas racistas, discriminatórias e o preconceito e não fortalecem o sentimento de responsabilidade e solidariedade entre os sujeitos pertencentes aos diferentes grupos étnicos e raciais. E mais: negam às pessoas negras o direito de serem quem são. E mais: o direito de viverem a vida com dignidade. (Gomes, 2021, p. 448).

A citação acima sobre a questão do racismo, alerta-nos sobre os problemas de negligenciar a presença de certos temas no ambiente de ensino convencional, justificando que tal comportamento reforça práticas racistas, discriminatórias e o preconceito. Ainda de acordo com Nilma Lino Gomes (2021), ao evitar a questão

racial, a escola básica e a universidade negam às pessoas negras o direito de viverem com dignidade.

3.4. Pilar educacional

Os pilares anteriores desempenham papel importante na articulação da associação com a comunidade. A atuação artística e cultural, a oportunidade de trabalho e renda são não apenas funções, mas mecanismo de atuação junto à comunidade e atrativo para os que procuram a associação. Os pilares criam condições para reivindicar melhorias para o coletivo e para a comunidade.

Nesse sentido, o Pilar Educacional, último em nossa análise, ocupa um lugar diferente em relação aos anteriores. A partir das práticas observadas e da fundamentação teórica, dizemos que, além das problemáticas combatidas pela ação dos pilares anteriores, o processo educacional torna-se central no ato de (des)colonização. Toda dominação precisa ser justificada, não há dominação de poucos sobre muitos sem uma fonte razoável de convencimento, “a dominação econômica e política precisa dos intelectuais porque a legitimação dos privilégios injustos precisa parecer justa e desejável” (Souza, 2018, p. 113).

É justamente neste ponto que afirmamos o diferencial que envolve o processo educacional em relação aos demais pilares. Se, como afirma Souza (2018, p. 58): “os donos do dinheiro e do poder não podem simplesmente dizer ao restante da sociedade” que o objetivo é, simplesmente, deixar todos “sem propriedade e sem poder, apenas com a roupa do corpo, trabalhando nas condições mais favoráveis para mim”, é através do mecanismo de transmissão do saber que tal processo acontece.

Dessa forma, todo ato sob influência do discurso está sujeito à influência das representações dominantes. Sendo assim, através do processo de ensino no modelo atual, define-se quem tem propriedade para falar e quem será segregado às piores condições de trabalho e renda. Como vemos em Jessé Souza:

O filho das classes populares é condenado a reproduzir a falta de aptidão dos pais, reproduzida secularmente por práticas ativas de exclusão, exploração, humilhação e abandono. Por conta disso, muitos dos filhos dessas classes, aos 5 anos de idade, já entram na escola como perdedores, condenados ao analfabetismo funcional e depois, ao trabalho semiquualificado e desqualificado. (Souza, 2018, p. 142).

Como já apresentamos, escolas, universidades e os meios de comunicação atendem aos interesses dos donos do poder econômico e simbólico. Sendo assim, os discursos, independente da subjetividade, estão sob influência da linguagem dominante. Mais uma vez, mencionamos Jessé Souza (2018, p. 113) que detalha a situação, segundo ele, “os bons jornalistas podem se apropriar de uma ideia, o que é louvável, mas a produção de ideias se dá em outro lugar. São os intelectuais que têm prestígio e a formação para tanto”.

Posterior ao prólogo, direcionamo-nos aos resultados desta incursão ao pilar educacional. Dessa nossa análise, dizemos que o pilar educacional comporta as ações do projeto *Leia Mais* (roda de leitura, e a Biblioteca Comunitária Maria Firmina dos Reis), o projeto *CINEARTE Clube* (exibição mensal de filmes na sede da Associação e nos bairros), bem como o processo artístico durante a elaboração performática (escrita de textos, estudos das músicas/rap's e os debates durante o processo de montagem das coreografias que serão apresentadas na comunidade).

Imagem 5 - atividades do pilar educacional



Fonte: elaborada pelo autor

Assim como o pilar artístico/cultural, o educacional objetiva reunir os sujeitos da associação e da comunidade para refletirem a partir da leitura de textos e livros, com um debate posterior à exibição de filmes e apresentações artísticas. Notamos que, mesmo sendo livre a escolha dos textos, livros, músicas e outros elementos

artísticos adotados para os debates e elaboração artística, temas como pobreza, raça, gênero, comunidades periféricas são predominantes.

A exemplo da roda de leitura sobre o livro *Oxe baby*, de Elayne Baeta, em que a associada Elisângela Rodrigues⁶ ressalta a necessidade de não negligenciar no currículo assuntos diversos, pois “se esse livro (falando do *Oxe baby*) tivesse na escola, pessoas não eram tão reprimidas”. [...] seria muito interessante e muito pesado também pra pessoas que não estão nessa realidade, conhecer a realidade da pessoa que faz parte do grupo LGBT⁷.

Voltando às composições artísticas, o processo de questionamento, proposição de roteiro e escolha da pauta não é submetido de forma verticalizada, mas considerando os saberes de cada sujeito, constituindo, desse modo, epistemes sociotransformadoras. Essa ruptura de considerar livros e músicas que estão fora do currículo da educação convencional, provocam falas como:

Primeiro livro que eu li no 2º ano, que é escrito por um rap, que é Capão Pecado do Ferrez, aquela literatura ali, aquela narrativa real da realidade, pra mim eu só tinha visto na letra de rap, eu num vi num livro literário publicado, aí foi como eu comecei a chegar na sala ainda mais chato, ainda mais assim... mais isso não tinha na aula de história, na aula de geografia, isso não tinha na aula de filosofia e de sociologia e eu ficava sem entender, e tipo assim, se a gente for pegar um livro do Ferrez, num vai ser usado na sala de aula, um livro de hip-hop, que fala sobre morte, drogas e o quanto os negros estão vulneráveis a tudo isso. A gente vai pegar com outras perspectivas, [...] vendo que isso é um problema da educação (Dias, 2024)⁸.

Dito isto, fica claro que pautas que estão fora do ensino convencional, são incorporadas às ações da CIATDAL ao considerar as epistemes forjadas na luta e no seio da comunidade. Nesse sentido, podemos afirmar que a ação educacional realizada no agrupamento se contrapõe ao ensino convencional que tem como base os pressupostos da ciência moderna, visto que, para Diniz, Paulino e Straforini:

O currículo é organizado e estruturado com base nos pressupostos da ciência moderna, a qual é resultado de uma intervenção colonialista epistemológica baseada na força, com características políticas, econômicas e militares atreladas ao capitalismo moderno imposto aos povos e culturas não ocidentais e não cristãos. (Diniz, Paulino e Straforini, 2021, p. 224).

⁶ Elisângela Rodrigues Membro da associação CIATDAL há mais de 4 anos e tem desempenhado papéis importantes nas atividades artísticas.

⁷ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 12 de março de 2024, durante roda de leitura sobre os livros *Oxe baby* de Elayne Baeta e *O nascimento da tragédia*, de Friedrich Nietzsche.

⁸ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 12 de março de 2024, durante roda de leitura sobre os livros *Oxe baby* de Elayne Baeta e *O nascimento da tragédia*, de Friedrich Nietzsche.

Ainda para reforçar a dicotomia entre as práticas realizadas na associação e o direcionamento do currículo, afirmamos, com base nos próprios associados, que o livro didático que chega até a escola não contempla a realidade do acontecimento na escola e na vida dos alunos, e, ainda assim, “eles são evidências daquilo que é afirmado como ‘o que pode ser ensinado’” (Diniz, Paulino e Straforini, 2021, p. 236).

Tendo como base o que foi apresentado a partir da nossa análise e diante da realidade do projeto CIATDAL, vemos que as práticas do projeto são completamente diferentes em relação ao que é imposto no currículo escolar, assim como nos diz o brincante do bumba meu boi, JC Silva:

Quando a gente tá atuando, que a gente decide entoar a cultura do maranhão dentro de Porto Franco. [...] A gente traz esse contexto dentro da perspectiva de transformar não só a nossa realidade, como vocês estão colocando aqui, como o Tiago coloca, não só a nossa realidade, mas também a realidade de quem nos assiste. [...] É uma troca de conhecimento, e não é de uma pessoa que tá longe, [...] é do dia-dia, é do cotidiano, isso é muito bonito dentro da CIATDAL, que é o que a gente sempre buscou, transformar sonhos em arte com responsabilidade social (Silva, 2023)⁹.

Percebemos que o Pilar Educacional, não é apenas uma opção para que os membros da associação tenham acesso ao ensino como alternativa para conquistar um emprego melhor e aceitação social, mas é oportunidade para gerar de dentro, de baixo para cima, debates que priorizem epistemes que valorizam, “ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade”. (Santos, 2022, p. 167).

O ensino e aprendizagem priorizados na associação, consideram involuntariamente a realidade do território periférico e dos grupos sociais que integram a associação. O modo de vida que resulta da junção destas pessoas, “cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada” (Santos, 2022, p. 167). Esse modo de organização e troca de saberes constitui-se em uma cultura endógena e, conforme Milton Santos:

Impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza desse modo,

⁹ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 19 de junho de 2023, durante reunião posterior a apresentação do bumba meu boi do Favela.

uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. (Santos, 2022, p. 167).

Diante dos resultados observados na associação, o processo do pilar educacional, mesmo realizado em um nível mais baixo de técnica, de capital e organização, não significa uma franqueza, basta observar os resultados deste movimento. As práticas territorializadas da associação se expandem às universidades, institutos e escolas do município.

Na imagem abaixo, intitulada "Arte e Educação", estão dois prints de stories e um comentário publicados no Instagram. As postagens são de Luiz Filipe, membro da associação CIATDAL, que foi aprovado para o curso de Teatro na UFT de Palmas/TO. Nas legendas, ele descreve como a Companhia foi fundamental para ajudá-lo a perceber que a arte era o que realmente desejava seguir. Luiz acrescenta que a CIATDAL proporcionou o primeiro contato com a arte.

Imagem 6 - arte e educação



Fonte: elaborada pelo autor

O comentário à direita é de Rafaela Moraes, também integrante da CIATDAL, que foi aprovada para os cursos de História na UFNT Campus Araguaína/TO e na UEMASUL Campus Estreito/MA. Em seu comentário, Rafaela destaca a importância

do processo de ensino-aprendizagem presente na companhia, que contribui para a formação de um pensamento crítico, o que certamente trará benefícios no futuro.

Como já dissemos, as postagens e comentários no Instagram trazem elementos de espontaneidade e evidenciam o reconhecimento dos associados em relação à importância que atribuem às atividades realizadas na associação. O destaque que fazemos busca ressaltar não apenas a aprovação no vestibular, mas também a capacidade de intermediar o despertar para uma vida profissional condizente com os interesses do jovem.

Os jovens, homens e mulheres que ingressam na universidade, assim como os projetos que são realizados em parceria com as instituições de ensino, objetivam levar a estes espaços o conteúdo das territorialidades constituídas no espaço e na práxis da CIATDAL. Nesta perspectiva, trazemos alguns exemplos que confirmam a atuação.

- Várias(os) alunas(os) da associação que se graduaram, tiveram como objeto de pesquisa a associação CIATDAL, sendo que um dos TCC, sob o tema *Opressão e Dignidade: a formação humanista na Companhia de Teatro e Dança Arte - CIATDAL* foi publicado como livro e outros em forma artigos publicados, a saber: Práticas e benefícios da economia solidária na companhia de teatro e dança arte livre; Metodologia na geração de trabalho, renda e finanças solidárias no processo de auto sustentabilidade da Companhia de Teatro e Dança arte Livre – Porto Franco, Estado do Maranhão (ambos, relatório Técnico-Científico apresentado ao curso de Pós-graduação Lato Sensu em Economia Solidária da Universidade Federal do Tocantins em 2017); Teatro e a dança como instrumentos de superação da pobreza e das desigualdades sociais; FILOSOFIA E SOCIOLOGIA: um estímulo à consciência crítica através da companhia de teatro e DANÇA ARTE LIVRE - CIATDAL – (Artigo apresentado como avaliação final da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de pós em metodologia do ensino da filosofia e da sociologia.
- Em 25 de outubro de 2022, com coordenação dos professores, Dr. Elias da Silva, Dr. Dernival Venâncio Junior e da professora Dra. Renata Rauta Petarly, docentes do PPGCult - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, da Universidade Federal

do Norte do Tocantis, turma 2022, realizaram aula de campo na sede da associação;

- Durante o mês de novembro (2022 e 2023), em parceria com o NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - IFMA - Campus Avançado Porto Franco, realizou-se programações em alusão ao mês da Consciência Negra;
- Em 25 de maio de 2023, a convite do professor Dr. Elias da Silva, a associação participou de uma apresentação especial no Campus Universitário da Universidade Federal do Norte do Tocantins/Araguaína, em evento realizado para os alunos da UNIIAL - Universidade da Idade Adulta e Longevidade;
- Em 11 de outubro de 2023, novamente pela motivação do professor Dr. Elias da Silva, a CIATDAL recebeu em sua sede, os acadêmicos da Universidade da Idade Adulta e Longevidade – UNIIAL, para um momento de troca e compartilhamento de experiência;
- Também merecem ser mencionadas as visitas dos alunos de Campestre do Maranhão: ao todo foram 4 (quatro) oportunidades, sendo 2 (duas) com alunos da rede estadual e 2 (duas) com jovens do NUCA – Núcleo de Cidadania de Adolescentes; e, por fim, citamos a
- Roda de Leitura para Mulheres promovida pela CIATDAL em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEABI) do IFMA, Campus Avançado Porto Franco (MA).

As ações referidas mensuram algumas atividades realizadas pela associação CIATDAL, confirmando o alcance e a pretensão, como afirma Ramos Júnior (2020, p. 118), de “enfrentar os perigos de pensar a partir do Sul dentro das universidades que configuram, historicamente, como ilhas de Norte”.

Parece apropriado dizer que a pretensão de ocupar a universidade é condizente com a revalorização radical do indivíduo, que, segundo Santos (2022, p. 190), “contribuirá para a renovação qualitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização”, que será alicerçada na cultura da vizinhança que valoriza a experiência da escassez e a experiência da convivência e da

solidariedade, conforme narra o associado Tiago Vieira Dias ao falar do ato de resistência ao difundir o bumba meu boi.

Eu sempre falei que o boi era forma de resistência tanto quanto o hip hop, [...], mas a forma como o boi representa essa resistência, é isso que a Isadora falou, de trazer a autoestima pra essas pessoas que estão ali dançando o boi e para as pessoas que estão ali assistindo. Eles se identificam nos personagens, nos protagonistas dessa história do boi. Então dessa maneira devolve-se essa dignidade que é tomada pela cultura que a gente é ensinado a cultuar, algo que vem da Europa. [...] O Favela, é um cara negro, que a gente leva o nome do boi, os personagens que envolvem a história do boi são índios, são negros. Então a gente já se vê ali representado naquela figura (Dias, 2024)¹⁰.

Ao abordarmos o Pilar Educacional, bem como os demais pilares que constituem a práxis da associação CIATDAL, buscamos evidenciar resultados que confirmam a presença de práticas instituintes que podem indicar a possibilidade de uma outra globalização, uma nova política das comunidades e grupos marginalizados que se reconhecem na luta diária.

Acreditamos que, após esta reflexão, conseguimos evidenciar e reforçar a importância das atividades realizadas no agrupamento CIATDAL. Além disso, afirmamos que a subjetividade presente nas práticas desse coletivo pode alimentar a esperança de que a globalização perversa, como mencionada por Milton Santos, não perdurará por muito tempo e, eventualmente, dará lugar a um novo mundo.

Na projeção das atividades realizadas pela CIATDAL, esse novo mundo não será uma construção imposta de cima para baixo, mas sim a superação de uma estrutura verticalizada, em favor de outra mais horizontal humana, capaz de priorizar relações de proximidade e emancipação. Mesmo diante de certa resistência por alguns, a práxis do agrupamento CIATDAL, tanto no fazer consciente quanto inconsciente, tem como objetivo criar condições para uma vida verdadeiramente digna e humana.

Por fim, é a partir desse processo de se reinventar por meio da própria limitação, de criar caminhos contrários às imposições dominantes, que as comunidades se constituem em práticas resilientes. Nesse sentido, no capítulo seguinte, iremos confrontar a práxis da associação, diante da implantação dos equipamentos e das narrativas desenvolvimentistas.

¹⁰ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 19 de junho de 2023, durante reunião posterior apresentação do bumba meu boi do Favela.

CAPÍTULO III - RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA

4. NARRATIVA DESENVOLVIMENTISTA QUE IMPACTA O AGRUPAMENTO CIATDAL

4.1. O município de Porto Franco

Porto Franco está localizado na região sul do Maranhão, a 750Km da capital do estado, São Luís, e faz parte da Mesorregião Sul Maranhense. O município possui uma área total de 1.420,51 km² e, segundo o censo de 2022, abriga uma população de 23.903 habitantes. Em termos populacionais, Porto Franco ocupa a 1.462^a posição no ranking nacional, a 73^a no estado do Maranhão, e é o 5º maior município da região sul do estado. Suas fronteiras incluem os municípios de Estreito, Campestre do Maranhão, Lajeado Novo e São João do Paraíso, todos localizados no Maranhão, além de Tocantinópolis, que pertence ao estado do Tocantins.

Outro dado relevante, segundo o censo de 2010, em relação à cor ou raça, 28,12% da população se declara branca, 5,00% preta, 1,05% amarela, 0,38% indígena e 65,45% parda. A partir desses dados, observa-se que 70,45% da população do município é composta por pessoas negras. Esses números são próximos aos valores apresentados no capítulo II, na análise do perfil socioeconômico da associação CIATDAL.

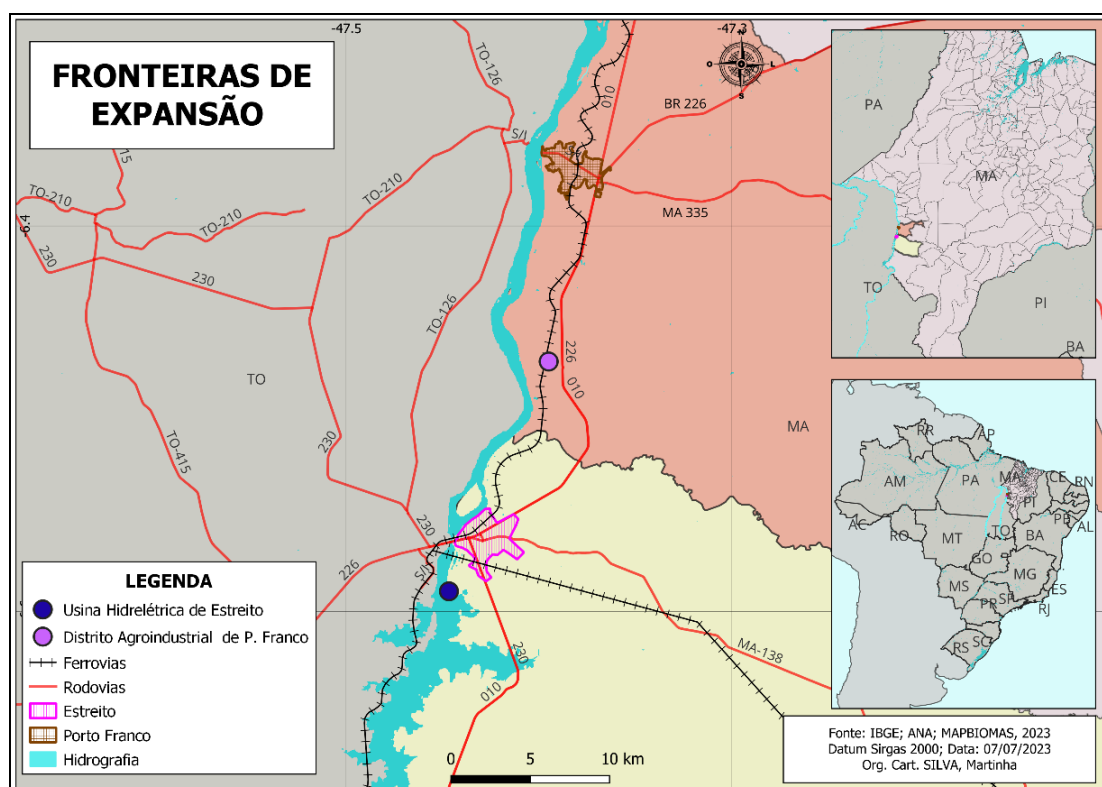
O município de Porto Franco se situa na fronteira geográfica entre as regiões Nordeste e Norte do Brasil, ambas consideradas fronteiras do sul global sob uma perspectiva de desenvolvimento. Nesse contexto, e diante do impacto causado pela instalação de indústrias e pela usina hidrelétrica de Estreito, a região se mostra propícia para a reflexão sobre o impacto das ações “desenvolvimentistas” e as lutas anticapitalistas. Como nos afirma Juan Martinez Alier:

O eco-socialismo é mais próprio do Sul que do Norte, precisamente porque no Sul as lutas anticapitalistas são muitas vezes, mesmo sem que seus protagonistas o saibam, lutas ecológicas. Além do mais, a perspectiva ecológica reabre a discussão sobre o ‘intercâmbio desigual’ (Alier, 1992, p. 13).

A seguir, o Mapa 2 ilustra a região que, nesta pesquisa, estamos chamando de fronteiras de expansão. Em destaque, estão os municípios de Porto Franco e

Estreito. O primeiro abriga um distrito agroindustrial, enquanto o segundo é sede da usina hidrelétrica de Estreito. As rodovias, marcadas em vermelho no mapa, desempenham um papel crucial no discurso que busca afirmar a importância da região. Além disso, é importante mencionar a ferrovia Norte-Sul, que atravessa e divide a cidade de Porto Franco ao meio.

Mapa 2 – Fronteiras de Expansão



Fonte: Silva (2023).

Mais uma vez, ao analisar o Mapa 2, podemos dizer que ele apresenta uma perspectiva expansionista, destacando a chegada de grandes empresas que buscaram se instalar na região, projetando transformações significativas. Nesse sentido, consideramos tanto as mudanças ocorridas na ocupação do território físico quanto as transformações imateriais, resultantes do processo de desterritorialização precária. Levamos em conta as territorialidades dos membros do agrupamento CIATDAL e suas respostas à implementação do projeto “desenvolvimentista”.

Refletindo a partir da afirmação de Alier (1992, p. 09), de que “os movimentos sociais dos pobres estão frequentemente relacionados com suas lutas pela sobrevivência, e são, portanto, ecologistas”, interessa a esta abordagem

interseccionar a realidade do contexto mencionado com as relações presentes no agrupamento Companhia de Teatro e Dança Arte Livre.

Este grupo, composto por sujeitos que enfrentam lutas, práticas e técnicas em busca de acesso aos recursos naturais, muitas vezes em oposição ao Estado, não apenas defende sua sobrevivência, mas também pode contribuir para a conservação racional e sustentável desses recursos.

Ao abordar as diversas lutas que compõem a realidade de cada sujeito deste agrupamento, focaremos principalmente na conjuntura das primeiras décadas do século XXI, correlacionando-a com a difusão e implantação do projeto desenvolvimentista na Região Sul do Maranhão. Problematisa-se a relação entre as lutas pela sobrevivência e os conflitos ambientais que emergem das transformações em curso. Conforme observado por Zhourri e Laschefski (2010, p. 04), “esses conflitos ambientais denunciam contradições nas quais as vítimas não só são excluídas do chamado desenvolvimento, como também assumem todo o ônus dele resultante”.

Enfatizando a importância desse processo histórico, ressaltamos a fundação do projeto CIATDAL em janeiro de 2006. Nesse mesmo período, outros movimentos estavam em curso, impulsionados pela narrativa desenvolvimentista que buscava justificar a necessidade de grandes projetos de infraestrutura (barragens, ferrovias e o distrito agroindustrial), que chegavam à região. Foi também nesse contexto que surgiram os primeiros diálogos sobre a chegada da fábrica da Suzano Papel e Celulose na região.

Como mencionado, o surgimento da associação CIATDAL está inserido no mesmo espaço-tempo em que se materializava “a transformação da região em fronteira de expansão do Sistema Mundo Moderno Colonial” (Ramos Júnior, Silva e Lucena, 2020, p. 264). Assim, buscamos, neste estudo, relacionar a percepção desse evento histórico aos diferentes processos vividos pelos sujeitos da associação. Como afirmam Ramos Júnior, Silva e Lucena:

Partimos da hipótese de que a construção de usinas hidrelétricas são eventos históricos totalizantes que envolvem diferentes processos, relações e escalas conectados ao espaço-tempo do Sistema Mundo Moderno Colonial, a modernidade como mito e a colonialidade do poder, do ser e do saber (Ramos Júnior, Silva e Lucena, 2020, p. 264).

É comum que os espaços de poder e tomada de decisão sejam dominados por cientistas, empresários, representantes de órgãos públicos e outros agentes da

colonialidade. Diante dos conflitos que surgem no contexto de implantação de grandes indústrias, as relações seguem o padrão colonizador, relegando às comunidades diretamente impactadas a negligência epistemológica e social, acompanhada pelo discurso de progresso econômico para todos.

De acordo com Silva, Borba e Foppa (2021, p. 152): “o sistema/mundo colonial/moderno é um modelo civilizatório composto por um emaranhado de aspectos econômicos, políticos, socioculturais, ambientais, agrícolas e ecológicos”. Esse modelo busca não apenas a dominação territorial, mas também a subordinação epistemológica dos sujeitos que ocupam posições socialmente oprimidas dentro dessa estrutura.

Nesse mesmo sentido, Ramón Grosfoguel (2008, p. 46) argumenta que “o facto de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistémico subalterno”. Para o autor, o êxito do sistema mundo colonial/moderno está justamente em levar os sujeitos que ocupam posições subalternas a adotarem as formas de pensamento dos dominantes, perpetuando, assim, a lógica colonial.

A partir da argumentação de Grosfoguel e da percepção que temos sobre as práticas presentes na associação CIATDAL, podemos perceber como a educação popular, proposta por essa organização, tem desafiado as narrativas do sistema-mundo colonial/moderno. Isso é confirmado pela citação de Tiago Vieira Dias (2023), membro da associação, que critica a apropriação do conceito de agroecologia pelo mercado. Para Dias:

Hoje o mercado vende esse negócio de agroecológico, [...] é tipo assim, até o momento que não tá virando um negócio a mídia não compra, mas quando vira comércio, aí fica bonito, eles tomam pra eles aquilo ali. Quantas vezes eu não vi minha vó usando bacia de pneu pra lavar roupa. [...] Isso de readaptar a natureza, de conservar e de preservar é algo que vem dos povos tradicionais, isso não foi a mídia que fez, não foi o agro, isso não é agroecológico, isso é extrativismo quilombola, é extrativismo indígena, é a necessidade! Isso só é agroecologia porque virou negócio, mas é lógico que isso já existia (Dias, 2023)¹¹.

A fala revela como a apropriação de práticas tradicionais de preservação e sustentabilidade pelos setores dominantes do sistema colonial/moderno reflete a maneira como as práticas populares e indígenas são deslegitimadas e ressignificadas para atender aos interesses do mercado.

¹¹ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme Bacurau.

Ao reconhecer as práticas como pertencentes às culturas quilombolas e indígenas, ele mostra como as vozes na CIATDAL, superam os obstáculos impostos pelo sistema dominante, conseguindo se fazer ouvir como grupos marginalizados. Assim, desafiam as narrativas que tentam expropriar essas formas de saber.

Na mesma perspectiva, Zhouri e Laschefski (2010, p. 11) afirmam que “as ‘vozes’ dos povos atingidos, política e economicamente fragilizados, encontram enormes obstáculos para serem ouvidas nos debates, decisões e documentos”. Esses povos, por estarem excluídos do processo decisório, estão mais sujeitos às injustiças ambientais, especialmente diante das narrativas dominantes. Nesse contexto, Acselrad (2002, p. 57), destaca que são “os mais prejudicados e os que menos influenciam, por meios diretos e indiretos, as decisões”.

Assim, problematizou-se levando em conta as possibilidades que emergem do espaço-tempo que intersecciona o surgimento da associação CIATDAL com a construção e implantação de grandes empreendimentos desenvolvimentistas na região. Para tal, discutimos com os sujeitos da pesquisa a ideia de comportamento que, segundo Zhouri e Laschefski (2010, p. 02), “se torna um contraponto ao modo de vida da sociedade urbano-industrial que, nesta concepção, seria insustentável”.

4.2. Porto Franco: uma nova fronteira agrícola

A construção/instalação da Usina Hidroelétrica de Estreito, do Distrito Agroindustrial em Porto Franco, e a conclusão do trecho Imperatriz/Araguaína da Ferrovia Norte-Sul, são empreendimentos com alto potencial de impacto no meio ambiente e na sociedade. Todavia, os aspectos negativos desses projetos não recebem destaque na mídia nacional que foca a análise na positividade das ações desenvolvimentistas.

Desse modo, nossa abordagem mensura as relações entre os sujeitos que integram o movimento CIATDAL e o processo de implantação destes equipamentos de poder nesta região diretamente ligada ao município de Porto Franco. Problematizar-se-á não apenas a interferência física da construção de monumentos de ferro e cimento, mas a representação que temos deles em relação à dependência como meio necessário à sobrevivência.

Compreendendo a representação do projeto desenvolvimentista como ação influenciadora do conhecimento, baseamo-nos em Ramos Júnior, Silva e Lucena

(2020 p. 263), que partem “do pressuposto de que a ideologia-narrativa do desenvolvimento orienta tanto os projetos de infraestrutura, como barragens, quanto parte significativa do conhecimento produzido sobre ela”.

Então, compartilhando da afirmação supracitada, apresentamos o município de Porto Franco, a partir dos discursos que circularam nas principais revistas do meio rural e de economia do país durante a primeira década do século XXI. Conforme veremos a seguir, algumas matérias jornalísticas difundidas durante o período buscam confirmar a importância do processo (desenvolvimento regional) que estava em curso, e a capacidade deste em projetar o município como ponto estratégico para grandes investimentos.

Na imprensa local, comemorava-se que o município de Porto Franco se desenvolvia de modo crescente e sustentável, firmando-se como polo regional indutor do crescimento econômico da região. As campanhas publicitárias da época, buscavam evidenciar as potencialidades locais, tais como: localização estratégica servida por diversos modais de transporte, o clima e a terra fértil que lhe conferem a vocação para o agronegócio, associadas à adoção de políticas micro e macroeconômicas eficientes, com potencial para levar o município a um crescimento sem precedentes. A exemplo destas campanhas, citamos o blogueiro Josué Moura. Segundo ele, ao comentar uma reportagem da revista exame:

Além da localização, nossa opção levou em conta o grande contingente de mão de obra jovem que vem sendo qualificada”, diz Leonardo de Freitas, superintendente da Algar Agro. [...] A instalação do polo agroindustrial deve impulsionar a economia local ao longo da próxima década. “O processamento da soja deve desenvolver também atividades como a pecuária e a avicultura”, diz o economista Giovanni Cordeiro, especializado em pesquisa de mercado da consultoria Deloitte (Moura, 2011, p. 2).

O discurso que enaltece a localização estratégica e privilegiada, refere-se ao ponto de confluência de moldais de transportes que integra Ferrovia Norte Sul, BR 010, BR 226, MA 335 e o Rio Tocantins como reforço à ideia de excelente localização estratégica. Já a referência à ideia de local privilegiado, é uma menção ao fato de o município pertencer à zona territorial conhecida como MAPITO/MATOPIBA, a mais importante fronteira agrícola do Norte/Nordeste, conforme reportagem publicada em 01 de março de 2008 na revista Dinheiro Rural:

Até o início do ano passado a empresa mineira ABC Inco S/A, braço agrícola do grupo Algar, era desconhecida dentro do mercado de soja no Nordeste. Atraída pelo bom clima e proximidade do porto e da Ferrovia

Norte-Sul, a empresa viu nessa região a oportunidade de alavancar seus negócios. O foco principal estava em três Estados: Maranhão, Piauí e Tocantins, região conhecida como MAPITO, a mais importante fronteira agrícola do Norte/Nordeste. (Rural, 2008, p. 30).

Tomando como base as publicações nas principais revistas do país durante a primeira década do século XXI, observamos que o município de Porto Franco se tornou evidência na mídia nacional, “investiu-se massivamente em propaganda positiva dos empreendimentos, vendendo-os como desenvolvimento regional ou nacional. (Ramos Júnior, Silva e Lucena, 2020 p. 268).

A imprensa nacional voltou os olhos para o município: o Jornal *O Estado de São Paulo* em seu caderno de Economia e Negócios de 29 de setembro de 2007, chamou a atenção para o Distrito Agroindustrial de Porto Franco, destacando os benefícios logísticos da região em função da sua “multimodalidade”, capaz de reduzir custos e aumentar a competitividade do produto – criando um importante diferencial no mundo globalizado e, conseqüentemente, atraindo investimentos nacionais e estrangeiros.

O Distrito Agroindustrial em razão, está situado no mesmo município que a associação CIATDAL e será, para este momento da pesquisa, o foco principal. Com isso, a figura 7 abaixo, destaca as principais empresas que integram o distrito. São: o Terminal Integrador de Porto Franco administrado pela VLI, Agrex Brasil, Cargill, Bunge Alimentos, o Pátio de Porto Franco e a ADM do Brasil. Além das empresas que integram o Distrito Agroindustrial, situam-se na região as redes de postos de combustível Toca da Onça e Posto Aldo.

Figura 7 - Distrito Agroindustrial



Fonte: Google Earth.

Em 16 de janeiro de 2008, foi a vez da Revista *Isto É Dinheiro*, edição 537, que publicou sob o título “A Revolução Verde”, dar destaque especial para a implantação da Usina Esmagadora de Soja ABC Inco, do grupo Algar (hoje ADM do Brasil), no Distrito Agroindustrial da cidade, lembrando que “Porto Franco fica no centro de uma região que já é chamada pelos especialistas como *MAPITO* – É um gigantesco pedaço de Cerrado que engloba o sul do Maranhão e do Piauí e a metade norte do Tocantins” (Isto É Dinheiro, 2008), destacando que a produção de soja naquele período era de 2 milhões de toneladas com previsão para chegar a 6 milhões nos três anos seguintes.

Em março do mesmo ano, a *Revista Dinheiro Rural*, edição 41, ratificou a importância de Porto Franco na reportagem intitulada “*Maranhão: o eldorado da Soja*”, e, posteriormente, em agosto, com a reportagem “*Os novos sabores da ABC Inco*”.

O otimismo da empresa tem fundamento. Afinal, ela colhe os resultados de um investimento de R\$ 130 milhões na construção de uma esmagadora com capacidade para o beneficiamento de 500 mil toneladas de soja por ano, em Porto Franco, no Maranhão, que somada à unidade de Uberlândia

(MG), com capacidade para 600 mil toneladas, fez seu volume dobrar. (Rural, 2008, p. 10).

Continuando a marcha afirmativa do convencimento em relação ao excelente momento econômico da região, a revista *Exame*, edição 1005, publicada em 14 de dezembro de 2011, traz a reportagem de capa baseada num estudo exclusivo da Exame/Deloitte mencionando o município de Porto Franco entre as “10 regiões que mais crescem no Brasil”.

Certamente, o investimento constante em informações positivas sobre os empreendimentos em curso, reforçado pela mídia nacional, que colocou em evidência o município de Porto Franco e a Região Sul do Estado, pode ter contribuído para a formação da identidade dessa população. Como afirmam Silva, Hall e Woodward (2014, p. 18), “a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular”.

Diante dessa afirmação e ciente do apelo da mídia durante o processo desenvolvimentista instalado na Região, podemos afirmar que o comportamento dos sujeitos da associação está carregado de subjetividades deste processo desenvolvimentista. No entanto, a partir das práticas do agrupamento CIATDAL, há possibilidade de esses sujeitos estarem “operando dentro dos limites da *episteme*, da formação *discursiva*, do *regime da verdade*, de uma cultura e período particular”, conforme Hall (2016, p. 99).

A partir das dificuldades apontadas por Zhouri, Laschefski, Acseirad e outros autores, fica evidente que as comunidades vulneráveis, como os povos afetados por grandes empreendimentos, têm sua voz silenciada nos processos decisórios. Nesse contexto, a CIATDAL emerge como uma resistência ativa a esses discursos desenvolvimentistas, que frequentemente ignoram as necessidades locais em nome do crescimento econômico.

Ao se posicionar consciente diante da verdadeira problemática que chega com a instalação de grandes projetos como as hidroelétricas, a associação reinventa-se em face de tais empreendimentos que perpetuam a exploração de regiões periféricas, deixando as populações marginalizadas à mercê de impactos ambientais devastadores e à margem das decisões que afetam suas vidas. Conforme mostramos a partir das falas dos associados, percebemos que a postura destes vai além da simples resistência para configurar-se como ação afirmativa, que

busca não apenas contestar, como também propor alternativas e construir novas narrativas que desafiem o modelo imposto.

Na perspectiva do discurso desenvolvimentista, a diferença entre o cidadão portofranquino e o paulistano de classe média, diz respeito ao ônus do projeto, visto que, enquanto ao município do interior maranhense resta a zona de extração e degradação, à capital paulista destina-se o capital deste empreendimento. Então, problematizando como em Acseirad (2002, p. 57), dizemos que “os instrumentos correntes de controle ambiental tendem a aumentar a desigualdade ambiental, sancionando a transferência de atividades predatórias para áreas onde é menor a resistência social”.

Então, em vista do que apresentamos até este momento, e cientes da transferência de atividades predatórias para Região Sul do Maranhão e com capacidade para interferir nas territorialidades, enfatizamos que de acordo com Milagres, Fra, Arias e Rodrigues (2022, p. 186), “embora diversas regiões estejam enfrentando mudanças rápidas e incertezas nos serviços agrícolas, florestais e paisagísticos que afetam seu futuro, pouca atenção tem sido dada à resiliência dessas áreas e de suas comunidades locais.”

Então, encaminhamo-nos à discussão do próximo tópico, com a pretensão de aprofundar duas concepções já mencionadas, mas que serão usadas nas páginas seguintes com objetivo de mensurar e trazer provocações fundamentais a respeito do posicionamento e atuação da CIATDAL frente ao projeto e discurso desenvolvimentistas que se projetou na região no mesmo período de sua instituição.

Desse prisma, atraí-nos as seguintes provocações: primeiro, como o movimento CIATDAL opera no plano prático e discursivo, destacando atenção ao modo como os sujeitos e suas ações interpretam e/ou posicionam-se diante da desigualdade de poder que ocasiona imposição desigual de danos ambientais?; segundo, há entre as práticas realizadas pela associação evidências de posicionamento que manifesta resistência diante do projeto de poder colonial que busca favorecer o avanço do capital em detrimento da qualidade de vida das comunidades marginalizadas e grupos tradicionais?.

Além de confirmar a fronteira de expansão do mundo moderno colonial na região sul do estado do Maranhão, a pesquisa contribui para evidenciar a partir do agrupamento e dos sujeitos envolvidos, os mecanismos comuns à resiliência comunitária, bem como ações capazes de se contrapor ao processo que gera crises

ambientais e social. Nesse sentido, compreendemos, como afirma Acseirad (2002, p 57), “que a proteção do meio ambiente depende do combate à desigualdade ambiental: não se poderia enfrentar a crise ambiental sem promover a justiça social”.

4.3. Dinâmica de resistência frente à marginalização

Com base na realidade do problema desenvolvido no tópico anterior, evidenciamos como o discurso desenvolvimentista, utilizado para justificar a implantação de fábricas e usinas hidroelétricas em Porto Franco e na região sul do estado do Maranhão na primeira década do século XXI, buscou convencer a opinião pública sob a alegação de que tais projetos favoreceriam o desenvolvimento regional. Esse discurso também projeta o município de Porto Franco como fronteira para atrair grandes investimentos, apresentando a implantação dessas usinas como uma oportunidade de crescimento econômico e modernização para justificar o que de acordo com os estudos como de Temis Gomes Parente:

Não se pode, contudo, deixar de elencar as desvantagens causadas pelos reservatórios artificiais das grandes hidrelétricas: impactam significativamente no meio ambiente; provocam alterações no regime hidrológico; deterioram a qualidade da água e reduzem a biodiversidade. Provocam, ainda, efeitos sociais e econômicos altamente desfavoráveis à população afetada. [...] Em face disso, alteram-se os ecossistemas na base fundiária, o sistema produtivo e a organização social existente. Essas repercussões negativas podem alcançar os meios de subsistência, o modo de vida, as relações socialmente construídas ao longo do tempo, os elementos culturais e o próprio sentimento das pessoas e famílias diretamente atingidas. (Parente, 2012, p. 03).

Tendo como base realidades como as mencionadas por Temis Gomes Parente, acreditamos, nesta pesquisa, e pensando a partir de Dardot e Laval, (2017, p. 546), que “é necessário portanto refletir mais transversalmente sobre as práticas e instituições que favorecem a convergência das mais diversas atividades na direção do comum”. Para tal, faz-se necessário pensar em atividades cujo sentido está justamente na contribuição para o comum.

Então, pensar fora das linhas convencionais é uma possibilidade diante do comportamento dos sujeitos que participam da Associação CIATDAL, que se contraponha às realidades criadas pelo discurso desenvolvimentista difundido e implantado em Porto Franco. Para tal, tomamos como base de interpretação a realidade de luta presente na Associação e os documentos capazes de evidenciar o

posicionamento dos sujeitos que integram o projeto, frente às transformações físicas e territoriais e o discurso desenvolvimentista.

Buscamos compreender os sujeitos da pesquisa e o agrupamento onde estão inseridos como um sistema sociológico. Abordamos, em primeiro lugar, a perspectiva do comum, visto que é o conceito central da dissertação, e a abordagem sobre resiliência comunitária por representar, conforme Milagres *et al.* (2022, p. 186), “uma forma de identificar as forças e potencialidades para o sistema socioecológico e, por conseguinte, de encontrar mecanismos para a superação das dificuldades e ajustes às transformações pertinentes ao contexto”.

Focados na possibilidade de transversalidade, abordamos a respeito do engajamento dos associados da CIATDAL, ainda que alguns estejam “atuando na superfície”, assim como observado no Jalapão por Milagres *et al.* (2022, p. 201): “isto é: sob um viés condutivista pelas instituições que atuam na região e sem aprofundar na resolução das causas reais, com reflexão crítica e que busque um empoderamento da comunidade”, mesmo assim, há participação ativa em muitos espaços públicos.

A própria associação cria espaço para oportunizar condições de participação e proposição de melhoria individual e coletiva. Ainda é possível afirmar que o agrupamento CIATDAL diferencia-se do caso observado no Jalapão, pois, em Porto Franco, há uma participação mais efetiva dos associados, mesmo que não sejam todos, porém existe um grupo muito engajado que participa de conselhos municipal, estadual e outras representações como a Igreja Católica.

Ademais, além dos espaços de representação popular, os sujeitos do agrupamento também ocupam cargos como representantes da sociedade civil e participam ativamente na esfera pública municipal. Um exemplo disso é o cargo de Diretor Municipal de Cultura que ocupo na gestão 2021 a 2024. Além disso, destaco minha atuação anterior como Secretário Municipal de Cultura, durante a gestão 2013 a 2016. Essas participações demonstram o engajamento do agrupamento não apenas nas esferas de representação popular, mas também no exercício de funções públicas que possibilitam maior influência nas decisões municipais.

Outro exemplo de participação política e institucional é a atuação da coordenadora da associação como coordenadora adjunta da educação infantil. O presidente e o tesoureiro ocupam, respectivamente, as funções de coordenador

municipal de cultura e chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Juventude, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer.

O engajamento na comunidade e a atuação que busca envolver outras associações e segmentos, resultam em articulações importantes tornando a causa, mais plural ao envolver outros segmentos. Compreende-se que, mesmo não havendo consenso em tudo, a participação de outras associações e segmentos da sociedade, fortalece e amplia o debate. Ao final, prevalece o processo democrático em cada decisão.

Conforme Ramos Júnior, Silva e Lucena (2020, p. 281): “na articulação com os movimentos sociais, as comunidades afetadas desenvolveram saberes de resistência a partir de linguagens e epistemologias que trouxeram dos movimentos sociais.” Nessa lógica, destacamos a articulação com outros movimentos que igualmente funcionam como espaço do comum, especialmente em ações que cobram políticas públicas eficientes.

Portanto, saber como transformar os serviços públicos para que eles passem a ser instituições do comum orientadas para os direitos de uso comum e governadas de forma democrática. Seria conceber o Estado não mais como uma gigantesca administração centralizada, mas, ao contrário, como o sumo garantidor dos direitos fundamentais dos cidadãos no que diz respeito à satisfação de necessidades consideradas coletivamente essenciais, enquanto a administração dos serviços seria entregue a órgãos dos quais fariam parte não só representantes do Estado, mas também trabalhadores e usuários-cidadãos. (Dardot e Laval, 2017, p. 546).

Adotar-se-á a perspectiva da resiliência comunitária, interseccionando as oito dimensões elaboradas por Magis (2010), com o objetivo de obter uma melhor interpretação da adaptabilidade e das transformações ocorridas na trajetória dos associados e da CIATDAL, diante da implantação do projeto desenvolvimentista que impactou a região. Dessa forma, a resiliência comunitária traz elementos que podem auxiliar na compreensão do processo de adaptabilidade e das transformações que ocorreram ao longo da trajetória de luta da sociedade, marcada pelo reforço positivo do discurso desenvolvimentista.

É importante considerar a capacidade de resiliência da comunidade, percebendo como ela se reorganiza para contornar certas limitações. No caso da associação CIATDAL, desde janeiro de 2010 pretendia-se constituir parcerias com os grupos empresariais/consócios que representam as indústrias e a usina hidroelétrica de Estreito, em busca de apoio para promover ações de cunho social e cultural na região.

Mesmo diante de inúmeras tentativas, podemos dizer que somente a partir de 2020 aconteceram as primeiras parcerias entre CIATDAL e as empresas do Distrito Agroindustrial. Primeiro com a CARGILL, braço do grupo Algar, que realizou doação de computadores para a associação; depois a empresa VLI com a doação de cestas básicas; e, na sequência, foi a vez da ADM com a doação de 3.000 mil mudas de árvores.

Semelhante à iniciativa privada, as parcerias com o primeiro setor por meio de fomento municipal e estadual, iniciaram-se somente em 2021, no entanto, está acontecendo de modo mais maduro e com resultados significativos, sendo que nos últimos três anos, foram movimentados mais de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais) em ações e projetos culturais.

O que parece ter acontecido tarde, a partir da concepção da atual diretoria, ocorre no momento em que o processo organizacional da associação está mais estruturado e resulta do planejamento estratégico que definiu diretrizes mais claras. Assim, confirmamos que o processo de resiliência é uma condição de amadurecimento e adaptação, que defende que as comunidades são capazes de adaptar-se e transformar-se mediante situações de choques, crises e perturbações.

Outro fato importante em relação à pesquisa realizada no Jalapão, diz respeito ao modo como os sujeitos são estereotipados. Enquanto lá, o sujeito “era apontado como sofrendor, pobre e estigmatizado, ‘do pé rachado’, que passou dificuldades por viver numa região isolada do Cerrado brasileiro, conhecida por muitas pessoas como ‘deserto do Jalapão’” (Milagres, 2022, p. 195), no agrupamento CIATDAL, a estereotipagem acontece com foco na raça, gênero e na condição social.

Aos membros do agrupamento, estereótipos como maconheiro, prostituta, ladrão, viciado, vagabundo entre outros, fazem parte do cotidiano. Atualmente, a relação com a comunidade, para alguns dos jovens, tem melhorado. Contudo, diante do fato que alguns assumiram sua religião de matriz africana e, em decorrência das constantes atuação com pautas de cunho racial, tornou-se comum os gritos de “macumbeiro”.

Diante do quadro de injustiças ambientais, discriminação racial e desigualdades sociais, a resiliência comunitária funciona para conferir capacidade de adaptabilidade e reinventar-se diante dos desafios. Será a partir de Dardot e

Laval, que aprofundaremos mais sobre a possibilidade de um novo conceito político das comunidades.

Portanto, embora a CIATDAL e seus associados ainda não tenham conseguido se posicionar totalmente conforme os preceitos desta nova política, é fundamental reconhecer a necessidade de uma mudança profunda na economia e na sociedade, desafiando o sistema de normas que se impõe como projeto de desenvolvimento. Como afirmam, Pierre Dardot e Christian Laval:

A privatização e a mercantilização dos elementos vitais para a humanidade e para o planeta estão mais fortes que nunca. Depois da exploração dos recursos naturais e do trabalho humano, esse processo se acelera e se estende ao conhecimento, à cultura, à saúde, à educação, às comunicações, ao patrimônio genético, aos seres vivos e a suas modificações. O bem-estar de todos e a preservação da Terra são sacrificados pelo lucro financeiro de uns poucos. As consequências desse processo são nefastas. Elas são visíveis e notórias: sofrimento e morte dos que não têm acesso a tratamentos patenteados e são negligenciados pelas pesquisas voltadas para o lucro comercial, destruição do meio ambiente e da biodiversidade, aquecimento climático, dependência alimentar dos habitantes dos países pobres, empobrecimento da diversidade cultural, redução do acesso ao conhecimento e à educação em razão do estabelecimento do sistema de propriedade intelectual sobre o conhecimento, impacto nefasto da cultura consumista. (Dardot e Laval, 2017, p. 117).

Uma coisa ficou bastante evidente durante nossa análise e transcrição das entrevistas e nos textos de autoria. Do mais novo ao mais velho, os participantes com maior tempo na CIATDAL são conscientes do impacto nefasto da cultura consumista. Acreditamos ser essa consciência e a percepção da própria condição que abrem caminho à incorporação dos diversos projetos que foram incorporados à ação da CIATDAL ao longo dos tempos.

Sendo assim, para medir o nível de resiliência comunitária na Associação CIATDAL, concordamos, a partir do conceito de Magis (2010), que a resiliência da comunidade está na existência e desenvolvimento, na capacidade de engajamento dos recursos pelos membros da comunidade em um ambiente caracterizado por mudança, incerteza, imprevisibilidade e surpresa. Usaremos contribuições metodológicas de Magis que estão redistribuídas em oito dimensões de resiliência comunitária.

- 1) Recursos comunitários;
- 2) Desenvolvimento de recursos comunitários;
- 3) Engajamento dos recursos comunitários;
- 4) Agentes ativos;
- 5) Ação coletiva;

- 6) Ação estratégica;
- 7) Capital próprio; e
- 8) Impacto. (Magis, 2010, p. 402)

Quadro 1 - Dimensões da Resiliência Comunitária

DIMENSÕES DA RESILIÊNCIA	MÉTRICAS OBSERVADAS (Magis, 2010)	DIMENSÕES ENCONTRADAS PARA O FORTALECIMENTO OU NÃO DA RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA NA CIATDAL
Recursos comunitários	(1) As pessoas compreendem as oportunidades e limitações do ambiente natural e no entorno de sua comunidade; (2) Os líderes comunitários estão organizados em rede com recursos externos à comunidade, por exemplo, federais, estaduais, municipais, empresas; e (3) em que medida os membros da comunidade acreditam que a mudança é inevitável e que a comunidade pode se adaptar com sucesso à mudança.	• Sentimento de pertencimento à comunidade periférica; • Trabalhos voluntários; • Investimento de tempo e recursos próprios em ações para o bem comum. • Lei de utilidade pública municipal e estadual; • Participação em leis de incentivo do estado • Projeto em parcerias com empresas como Cargil, ADM, VLI.
Desenvolvimento de recursos comunitários	(1) existem novos tipos de oportunidades de negócios e emprego desenvolvidos na comunidade nos últimos dez anos; (2) preparação dos jovens com importantes hábitos de trabalho e tornar-se cidadãos envolvidos (por exemplo, votar; participar de organizações cívicas e sociais; tomar medidas para promover mudanças sociais; defender ideias e preocupações para governo e mídia); e (3) até que ponto as comunidades afetadas pela mudança arriscam manter as coisas iguais ou tentar novas maneiras de fazer as coisas.	• Oportunidade de trabalho e renda por meio da ESC – Equipe de serviços colaborativos; • Participação nos Conselhos municipais e estaduais; • Organização de grupos de debates com representantes da comunidade para possíveis soluções em relação ao meio ambiente; • Parceria com secretarias do município para reorganização do paisagismo da cidade.
Engajamento dos recursos comunitários	(1) A governança comunitária é eficaz ao lidar com problemas importantes que a comunidade enfrenta; (2) até que ponto as organizações comunitárias contribuem com liderança e voluntários para os esforços da comunidade; e (3) até que ponto as comunidades afetadas pela mudança geram ideias para lidar com as ideias novas e que envolvem recombinação de recursos de maneiras diferentes e criativas.	• Distribuição de cestas básicas; • Realização de cine clubes nos bairros; • Organização de bazar na comunidade; e • Participação direta na gestão pública municipal com cargo no primeiro escalão.
Agentes ativos	(1) A crença dos membros da comunidade em sua capacidade de afetar o bem-estar da comunidade; (2) envolvimento dos membros da comunidade em vários grupos e	• Parcerias com as escolas do município, do estado, UEMA, UEMASUL, UFNT Campus Araguaína e campus de Tocantinópolis e o IFMA, gerando debates com temas relevantes

	eventos; e (3) a autoconfiança da comunidade em lidar com os principais problemas e mudanças que afetam a comunidade.	para a comunidade; • Participação em conferências, fóruns e grupos de discussões; • Reuniões periódicas com os líderes de associações de bairro, igreja e grupos de matriz africana.
Ação Coletiva	(1) os líderes comunitários facilitam a colaboração entre grupos para trabalhar nos objetivos da comunidade; (2) até que ponto os processos de tomada de decisão da comunidade envolvem diversas perspectivas e refletem diferenças culturais; e (3) até que ponto pessoas de diversos grupos compartilham suporte, recursos, conhecimento e experiência quando confrontados com mudanças.	• Os engajamentos dos grupos de bairro facilitam o processo de tomada de decisão; • Oferta de editais públicos e privados; • Diversidade de serviços e a dimensão intermunicipal de atuação.
Ação estratégica	(1) Em que medida as informações sobre os recursos da comunidade são usadas no planejamento dos esforços da comunidade; (2) até que ponto os processos de planejamento local geram um compromisso de toda a comunidade com um futuro comum; (3) até que ponto os membros da comunidade procuram externamente à comunidade recursos para apoiar seus esforços; e (4) oportunidades para as pessoas compartilharem lições, perguntas não resolvidas, ideias e inovações de suas experiências.	• Atuar com responsabilidade social mediante ações/fomento culturais/artísticas, educacionais e de geração de renda para promoção da dignidade; • Ser a principal associação que desenvolve e dissemina práticas que contribuem para a transformação social na região Tocantina; • Pluralidade de eventos públicos e privados com oportunidade de participação da companhia;
Capital Próprio	(1) acesso de vários grupos aos recursos naturais da comunidade; (2) envolvimento de vários grupos no planejamento e liderança da comunidade; e (3) até que ponto as organizações comunitárias recebem e incluem vários grupos.	• Geração de emprego e renda em eventos, serviços públicos e privados, participação em editais de fomento etc.; • Projetos culturais elaborados e executados com a inserção de vários segmentos da sociedade.
Impacto	(1) as mudanças na participação e colaboração ao longo do tempo; (2) as mudanças no número e variedade de contatos externos ao longo do tempo; (3) mudanças na capacidade da comunidade, ao longo do tempo, de responder às mudanças, desenvolver novos futuros para si e desenvolver e implementar planos centrados na comunidade; e (4) mudanças nos recursos da comunidade ao longo do tempo.	• Além de atividades voluntárias de teatro e dança para jovens da comunidade, foi criado o projeto <i>Leia Mais</i> com objetivo de incentivar a leitura; • Outro projeto é o <i>CINEARTE Clube</i>, execução de filmes educativos com debates ao final; • Criação da equipe de serviços colaborativos para inserir os jovens no mercado de trabalho; • Projeto de paisagismo na cidade de Porto Franco em parceria com a empresa VLI; • Realização do projeto <i>Praia do Porto</i>, que além de atrações musicais, geração de renda para as famílias, ainda conta com a conscientização ambiental mantendo rios e entornos

		limpos; • Projeto <i>Consciência Negra</i> em parceria com o IFMA, promove debates e apresentações artísticas com a finalidade de discutir questões étnico-raciais.
--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

É justamente por perceber e reafirmar a partir das referências usadas a relevância do agrupamento CIATDAL, que ratificamos a importância e capacidade das ações que se contrapõem à perversidade do sistema de lucro financeiro que sacrifica a terra e as pessoas em detrimento de uns poucos. Exemplo como a Equipe de Serviço Coletivo (ESC) que integra o pilar Trabalho e Renda, as ações socioeducativas dos Pilares Educacional e Artístico/Cultural são atos de resistência e resiliência desta comunidade.

Para além disso, percebemos que as experiências involuntárias deste agrupamento, pela necessidade e pela possibilidade de autoafirmação, têm motivado um nível de desenvolvimento e capacidade de engajamento que conseguem ultrapassar os territórios da própria associação. Pela atuação interna que se torna cada vez mais revolucionária, imaginamos a possibilidade emergente de uma política do comum, uma construção que perpassa a capacidade de se reinventar diante das dificuldades para criar um modo de vida próprio e contrário ao capitalismo, uma nova economia dos pobres.

CAPÍTULO IV - UMA ECONOMIA DOS POBRES

5. DO IDEAL DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL À POSSIBILIDADE DE UMA PRÁXIS INSTITUINTE

Tudo o que escrevemos sobre a Associação CIATDAL até o momento (com base em documentos, depoimentos, questionários, observação participante e outros) evidenciou o perfil socioeconômico emergente dos territórios (materiais e imateriais) marginalizados que constituem a associação. Observamos que a CIATDAL, diante dos conflitos inevitáveis e inerentes ao território a que pertence, tem realizado ações, por meio de suas atividades, que possibilitam uma práxis antagônica ao projeto neoliberal. De acordo com o Menestrel, membro da associação CIATDAL:

O impacto no indivíduo que entra na associação CIATDAL, [...] acontece porque aqui na CIATDAL ele encontra algo que não encontra na sociedade por ele ser um indivíduo marginalizado. [...] O indivíduo por ser marginalizado, é individualizado pelo sistema que ele está inserido, quando ele entra na CIATDAL, o que ele encontra aqui, é uma sociabilidade diferente do que ele vê comumente. O que ele encontra aqui é processo de cooperação, tudo na CIATDAL é feito de forma coletiva, todas as conquistas são coletivas. Ele encontra na CIATDAL aquilo que todo ser humano busca, que é a sociabilidade. O indivíduo que entra na CIATDAL encontra o social, uma conquista não em cima do outro, é ganhar junto com o outro, com esse outro. Essa visão que eu tô trazendo aqui, vai dizer muito do porquê a CIATDAL é de certa forma marginalizada e atacada, porque ela é antissísmica, [...] a sociedade baseada no sistema capitalista ela individualiza o ser [...] O ser humano é individualizado (Menestrel, 2024)¹².

Diante disso, provocados principalmente pelos estudos de Cleiton Milagre (2022), descreveremos os princípios do aquilombamento existentes na associação CIATDAL, que se configuram como estratégias de enfrentamento ao capitalismo, adotando uma postura que denota resiliência comunitária e uma nova forma de organização. Nessa perspectiva, com base na análise e nos resultados observados até o momento, fundamentaremos nossa argumentação em Pierre Dardot e Christian Laval (2017) e nos relatos dos associados para defender que:

Chegou a hora de produzir visões novas sobre o além do capitalismo, pensar as condições e as formas possíveis do agir comum, esclarecer os princípios que podem orientar as lutas, unir as práticas dispersas à forma que uma nova instituição geral das sociedades poderia assumir. Não

¹² Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

superestimamos a importância desse trabalho: ele não bastará, pois nada substituirá o engajamento na ação. (Dardot e Laval, 2017, p. 16)

É nesse contexto de ousadia e, claro, conscientes das práticas existentes na associação CIATDAL, que buscaremos evidenciar os princípios que orientam a luta e sustentam as diversas ações deste grupo em torno do propósito de transformação social como uma perspectiva do comum. Assim, ao abordar o modo organizacional, os pilares constituintes da prática no agrupamento, o ato educacional/cultural que representa o saber e os costumes periféricos, bem como as práticas de trabalho e renda, pretendemos trazer elementos que gradativamente parecem anular as crenças e o *modus operandi* do capitalismo.

Entre os membros, a convicção dessa possibilidade é constante. Para o Menestrel:

Sempre vai haver um movimento contrário ao capitalismo, porque como a gente falou, ele vai contra... ele é uma oposição à natureza humana. O ser humano é um ser social, o ser humano ele precisa tanto materialmente da cooperação porque senão a gente não passa da infância, tanto filosoficamente [...] o ser humano ele não suporta a solidão, ele precisa da cooperação (Menestrel, 2024)¹³.

Além da interpretação e confiança do Menestrel nos movimentos de resistência contra o capitalismo, Tiago Vieira Dias, outro membro da associação, ressalta que:

A questão principal do dinheiro na periferia é o que a mídia vende pra gente como necessidade de consumo, então, pro moleque da periferia, ele quer ter um Iphone para postar um TikTok da hora, ele quer ter um tênis para postar um TikTok da hora. Então dinheiro é bom, dinheiro vai trazer isso daí, porque é o que a mídia vende pra gente, mas é melhor a gente também parar pra refletir como que a gente vai conseguir ele, e aí entra essa dicotomia que eu acabei de falar, o trabalho dignifica, mais as vezes, [...] o trabalho que a gente consegue não é digno, ele é um trabalho ali subalterno e sobretudo explorador. [...] A ação social que é uma ação em prol do outro, ele tá se libertando, mas, ele tá agindo diante do meio, ele também tá fazendo aquilo porque outro tá sendo dominado, então ele percebe que tá num sistema de dominação e age socialmente, então isso inevitavelmente é política mesmo que ele não queira (Dias, 2023 e 2024)^{14,15}.

Nessa perspectiva, interessa-nos abordar, como em Dardot e Laval (2017, p. 17), “as regras de funcionamento, os instrumentos jurídicos que possibilitam às

¹³ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

¹⁴ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música Hat-Trick do rapper, escritor e compositor Djonga.

¹⁵ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 12 de março de 2024, durante roda de leitura sobre os livros Oxe baby de Elayne Baeta e O nascimento da tragédia/Friedrich Nietzsche

coletividades administrarem ‘em comum’ recursos compartilhados, fora do âmbito do mercado e do Estado, quer se trate de recursos naturais, quer se trate de ‘comuns de conhecimento’”.

Nosso objetivo vai além da perspectiva de apenas viver e atuar juntos para resistir à força colonizadora que se mantém pelo medo, pela perpetuação das desigualdades e por outras instituições que servem como armas neoliberais. A partir da CIATDAL, refletiremos sobre o novo princípio político como conceituado por Pierre Dardot e Christian Laval (2017). Não se trata apenas de resistir coletivamente às lutas; é “pôr em comum palavras e pensamentos, produzir, por deliberação e legislação, costumes semelhantes e regras de vida que se aplicam a todos que buscam o mesmo fim” (Dardot e Laval, 2017, p. 26). Corroborando com esse pensamento, a coordenadora geral da CIATDAL Leidyanne Barbosa de Oliveira, acrescenta:

Fazendo analogia à companhia, a gente busca também essa emancipação, que é essa separação, essa negação desse capitalismo que nos consome. Por mais que eles precisem de dinheiro, por mais que eles tenham necessidades básicas, eles buscam sobreviver por eles, pra eles, para a comunidade, eles não são tão inocentes pra se deixar corromper por uma cesta básica, um caixão, porque logo eles sabem que aquilo ali é pra eles, é deles, mas não esperam somente por isso (Oliveira, 2023)¹⁶.

Em sua fala, ao fazer uma analogia entre uma cena do filme *Bacurau* e o cotidiano na associação CIATDAL, Leidyanne mostra como as abordagens, os debates e outras atividades do grupo fortalecem a compreensão do lugar e orientam a atuação e o comportamento dos associados. Corroborando esse pensamento, o Menestrel acrescenta:

A CIATDAL não é mero assistencialismo ao jovem, ela faz com que o jovem possa contribuir. O jovem quer crescer dentro da CIATDAL por quê? Porque ele é alimentado e ele retroalimenta a CIATDAL. [...] Ele encontra o outro, ele é ajudado, e aí ele é capaz de ajudar, que é o que não é oferecido para ele na sociedade. Fora da CIATDAL, o que ele compreende é que ele, e que é somente ele contra o mundo, contra todos e contra o mundo, ele só pode contar com ele e apenas ele, justamente porque ninguém estendeu a mão e ninguém permitiu que ele estendesse a mão para o próximo, que é o que acontece aqui (Menestrel, 2024)¹⁷.

Assim, vemos que, do princípio que levou os membros do projeto a se organizarem a partir do desejo de transformação social, emerge uma reciprocidade

¹⁶ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

¹⁷ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

entre os participantes frente às lutas que lhes são comuns. Com isso, os costumes postos em consenso na prática do agrupamento tornam-se a possibilidade de uma práxis instituinte de um novo princípio político.

5.1. Uma práxis de participação direta

Observamos que uma nova economia moral está em curso: uma economia das comunidades periféricas, composta por mulheres e negros que se reorganizam contra a exploração e a subordinação ao ideal de acumulação de capital e bens. Trata-se de uma economia dos pobres que se organizam não para competir segundo as regras capitalistas, mas para praticar um modelo organizacional que melhor atenda às necessidades da maioria. Nesse sentido, reconhece-se o impacto do projeto da modernidade colonial e se delineia uma direção importante rumo a essa nova economia.

Diante do esforço contínuo da mídia em apresentar apenas os benefícios da implantação do parque industrial em Porto Franco, o Menestrel justifica:

O povo, a classe trabalhadora, ela vai ficar com os prejuízos, não com os benefícios dessas tecnologias. Vai vir os benefícios, vai vir também os prejuízos, mas... e nesses prejuízos entram o impacto ambiental. E aí, por que o meio ambiente é importante? Porque é a parte material da nossa vida, é onde nós estamos cercados. Nós estamos cercados pelo meio ambiente! Então se há um impacto negativo no meio ambiente, se há impacto contra o ambiente que nós estamos inseridos, há um impacto contra nossa vida, então a gente vai sofrer pelo impacto ambiental. Por isso, qualquer coisa relacionada ao meio ambiente é também social, não devemos desvincular. Tudo que se refere ao meio ambiente é também algo político e social, porque impacta na política e na nossa vida. [...] Esses benefícios, não vão pra classe trabalhadora, eles vão para a burguesia que se manifesta em lucro (Menestrel, 2024)¹⁸.

A organização e as atividades da CIATDAL demonstram, portanto, não apenas um processo de resistência e resiliência, mas evidenciam um modelo alternativo que desafia os modos operantes dominantes. A citação acima é um exemplo de uma prática que, conforme Pierre Dardot e Christian Laval (2017), define o conceito de “comum”, sendo essa prática essencial para a construção de um novo sujeito coletivo.

¹⁸ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

É preciso afirmar que somente a atividade prática dos homens pode tornar as coisas comuns, do mesmo modo que somente essa atividade prática pode produzir um novo sujeito coletivo, em vez de afirmar que tal sujeito preexistia a essa atividade na qualidade de titular de direitos. Se existe "universalidade" só pode tratar-se de uma universalidade prática, ou seja, a de todos os indivíduos que, em dado momento e em dadas condições, se encontram engajados numa mesma tarefa. O comum pode ser repensado apenas se romper com o confronto metafísico entre sujeito livre e coisa material oferecida ao domínio soberano desse sujeito. (Dardot e Laval, 2017, p. 53).

No contexto da CIATDAL, pelas narrativas dos associados e pela estrutura organizacional, observamos em curso um processo de autogoverno, definido pela participação direta no processo decisório. Esse autogoverno ocorre conforme as necessidades e o momento, guiado pela percepção e resolução coletivas, resultando em trocas e processos de aquilombamento que rompem com práticas consensuais dominantes e, muitas vezes, anacrônicas.

O Menestrel também comenta a ausência de debates sobre as consequências da industrialização e o impacto da modernidade colonial:

A escola não tratava desses assuntos, a escola, enquanto instituição, não existia positivado material didática sobre isso. As pessoas comentam, professores comentam, havia sim comentário de professores, e o que eu me lembro é haver um profundo elogio [...] ao que estava sendo inserido. [...] Pela minha memória tanto a pública como a privada, não tratavam do tema de forma institucional, de forma positivada, estando no material didática, ou então trazendo conscientemente, a escola trazendo esse assunto, eram os próprios professores que comentavam, falavam essas coisas, aí o que eu via era um profundo elogio a isso. Na minha experiência, justamente em escola particular ainda é mais prejudicial você fazer esse processo (Menestrel, 2024)¹⁹.

Trazendo mais elementos ao assunto em pauta, o Menestrel também compara o ensino convencional ao processo educacional promovido pela CIATDAL, e destaca a dicotomia entre a escolarização convencional e o processo educacional presente na associação CIATDAL. Para ele:

O processo educacional que é feito na CIATDAL, entra como oposição ao processo educacional que é comumente utilizado nas escolas, universidades e qualquer outra instituição dentro do nosso país, de nossa organização social e, portanto, do nosso sistema, porque ele é aquilo que um dos grandes autores que é visto aqui dentro da associação, o Paulo Freire, [...] falava, que é a educação libertadora. Porque o indivíduo que é... a educação que é feita nas escolas, e eu diria nas universidades e nas outras instituições, é a educação apenas para o mercado de trabalho. [...] E aí na universidade é profissionalizante no sentido de transformar ele num trabalhador, mas não o trabalhador que a gente estava citando antes, é o trabalhador no sentido de gerar lucro, de produzir, produzir, produzir,

¹⁹ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

produzir. Você falou acumular, só que quem acumula não é nós (Menestrel, 2024)²⁰.

Nesse sentido, o modelo educacional convencional contrasta com o da CIATDAL, no qual a educação não visa o lucro. Em outras palavras, o Menestrel ressalta que o processo educacional presente na associação CIATDAL, é um processo libertador, assim como em Paulo Freire. Destaca ainda, que o ensino nas escolas, universidades e outros institutos de ensino, buscam transformar o discente em trabalhador capaz de produzir lucro e acúmulo à classe dominante.

Nesse sentido, o modo educacional convencional, contrapõe-se à educação que acontece na CIATDAL, pois, na associação a educação não visa lucro, “não vê nos indivíduos mercadoria, [...] não propõe que eles sejam transformados em trabalhadores no sentido de produtores. Na CIATDAL, a educação é libertadora justamente porque liberta desse processo de mercadorização do indivíduo” (Menestrel, entrevista oral concedida em 2024).

Resumindo, podemos afirmar que a educação na CIATDAL facilita o florescimento do ser em relação ao outro, já que, sem o outro, o “eu” também deixa de existir. Ao lembrar-se de Nadejda Krupskaja, o Menestrel conclui:

Meu mantra que não foi eu que inventei, é uma frase de uma pedagoga, que é Nadejda Krupskaja [...] o indivíduo floresce quando o individualismo morre. O que ela quer dizer, é justamente neste ambiente onde a educação é libertadora, onde o foco é a cooperação e a sociabilidade entre os indivíduos, em que o ser, em que o indivíduo, a pessoa que estar inserida, encontra o eu, nós só encontramos o eu a partir do outro, se não existir o outro não há o eu, [...] A gente acha que o individualismo é pensar primeiro em mim, mas não, o individualismo que é vendido é nada mais, nada mesmo que a destruição do próximo. E por que que é vendida a destruição do próximo? Porque eu destruindo o outro, eu não me entendo como eu (Menestrel, 2024)²¹.

Então, como vimos, é possível afirmar que o processo educacional existente na associação CIATDAL tem como foco a cooperação e a sociabilidade entre os indivíduos, tornando-se uma base fundamental contra a mercantilização. O processo de cooperação consolida-se em face de um modo organizacional que preza pela participação direta ou, como veremos, pela “democracia direta”, ao recorrermos ao exemplo dos conselhos operários, cuja importância se deve ao:

²⁰ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

²¹ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

a) estabelecimento da “democracia direta”, isto é, da “igualdade política verdadeira” ou “igualdade quanto ao poder”; b) seu enraizamento em “coletividades concretas”, que não se resumiam apenas às fábricas; c) “suas reivindicações relativas à autogestão e à abolição das normas de trabalho”. (DARDOT e LAVAL, 2017, p. 93).

Nesse sentido, três pontos são fundamentais para definir a democracia direta em organizações que valorizam o processo de decisão coletiva. A partir disso, vamos às experiências da CIATDAL para compor nossa narrativa.

Na associação, todos participam não apenas das assembleias ordinárias, realizadas duas vezes ao ano conforme descrito no seu estatuto, mas também de todas as atividades que ocorrem na sede, tornando-se um espaço para contribuições e deliberações que servem para confirmar regras, modos de agir e avaliar a condução da associação, seja para aprovar ou refutar ideias.

Um exemplo disso são as atividades realizadas pelo projeto. Durante a exibição do filme *Bacurau*, Denilson Carvalho, outro membro da associação, fez a seguinte observação:

Eu gostei muito dele (falando do filme *Bacurau*), também, pelo fato de mostrar como é que lá, o jeito que eles cultivavam as comidas, era assim um povo tudo bem unido, bem calado. Todo mundo ali se gostava, não tinha zanga, não tinha nada. [...] Tão tal que a pessoa que eles mais respeitam são os chamados anciões (Carvalho, 2023)²².

A fala de Denilson provocou um debate sobre ancestralidade e autonomia. Dias (2023) acrescentou: “Sim, sim! Mostra que a cultura imaterial é valorizada. Em toda parte do filme eles valorizam muito mais os mais velhos que a própria medicina”²³. Em outra fala, ele continua:

E mostra também que eles são muito independentes do poder público, é tipo assim, o prefeito não tem influência nenhuma ali no município. Ele entra no começo, some, e volta no final. Tipo assim, não tem influência e mostra que a comunidade sempre unida [...] não se deixa oprimir pelo poder público (Dias, 2023)²⁴.

Essas falas durante os debates, mais do que simples observações e opiniões, orientam o processo de tomada de decisão. Denilson Carvalho continua sua observação ao acrescentar:

²² Fala de Denilson Carvalho proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

²³ Fala de Tiago Vieira Dias proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

²⁴ Fala Tiago Vieira Dias proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

Outra coisa também, acabou falando sobre a política, a gente chega até ver que é basicamente isso mesmo, o político só vai lá, dá uns presentes e acha que é suficiente para conseguir voto, só ajuda as pessoas no momento que eles precisam. [...] Quando chega o tempo de eleição vai neguinho batendo em cada porta dizendo “Ah, eu te dou emprego”, “te ofereço cestas básica” (Carvalho, 2023)²⁵.

Outra estudante da associação, Jakeline Vieira Dias, dá continuidade ao debate e diz: “Dá pra perceber que as pessoas não caíram na dele, eles chegaram lá tipo dando comida pra comprar os votos e essas pessoas vulneráveis não dão moral, xingaram ele, mandaram ir embora e ele lá e as pessoas nem aí pra ele”²⁶. (Jakeline, 2023). Para finalizar, Denilson (2023) conclui, “isso que é o bom de ser unido, já pensou se as pessoas não fossem unidas”.

A sequência de citações pode parecer um simples debate sobre o filme *Bacurau* e as percepções dos participantes. No entanto, além de problematizar e observar evidências de união das pessoas em Bacurau, cidade fictícia do interior de Pernambuco, a associação decidiu, posterior ao debate e na sequência das atividades, lançar nas eleições de 2024 sua própria candidata ao legislativo.

A vitória não veio dessa vez, mas a campanha foi resultado das decisões de um coletivo que, mesmo tendo uma diretoria constituída e eleita pela assembleia com suas respectivas subdiretorias, institui normas e outras decisões mediante um processo contínuo e busca a participação do maior número possível de associados. Assim, a democracia direta acontece espontaneamente e contraria as práticas comumente adotadas.

Dessa breve abordagem sobre “igualdade de poder”, o processo de envolver todos na tomada de decisão é também uma constituição de responsabilidade e colaboração mútua. Em nossa observação junto ao agrupamento, vemos em conformidade com Dardot e Laval (2017, p. 93), que “apenas a coparticipação na decisão produz a coobrigação na execução da decisão”.

Outro ponto que merece nossa atenção na construção pretendida, e claro, ainda trazendo o exemplo do sindicato operário, diz respeito ao enraizamento dos associados. Em nossa observação, os participantes do projeto ingressam na associação geralmente para participar de uma frente de atuação, seja pelas atividades artístico-culturais, pela possibilidade de trabalho e renda, no clube de

²⁵ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

²⁶ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme *Bacurau*.

cinema (CINEARTE Clube), ou por influência de amigos. Contudo, esse contato inicial raramente é motivado por um propósito consciente de luta ou de participação em ações amplas. Mas, ainda que inicialmente não haja um enraizamento, a identificação inicial ocorre porque:

A CIATDAL também sofre com a questão da marginalização, então pode haver uma identificação antes de entrar, no sentido, esses caras estão sofrendo do mesmo jeito que eu sofro. É fato de que todo mundo aqui já foi chamando de satanista, de maconheiro, de membro de facção, de todo tipo de coisa. [...] O jovem negro que passa por esse tipo de histórico, mesmo ele não tem ainda, vamos supor que ele não tenha essa questão de questionar a realidade, vai surgir um sentido de identificação a priori, nesse sentido assim dele pensar, cara eles estão passando pela mesma coisa que eu passo, sou chamando de maconheiro, sou chamado de satanista, então eu estou trazendo isso como uma possibilidade. [...] Seja qual foi a razão, ele encontra aqui, acolhimento ao próximo, [...] ele encontra a comparação (Menestrel, 2024)²⁷.

Com o tempo, alguns participantes se aprofundam e ampliam sua atuação. Na CIATDAL, a coparticipação transforma-se em coletividade concreta ao se identificarem na e pela luta. Enraizados e conscientes da “igualdade política verdadeira”, que proporciona certa igualdade de poder, o associado passa a reivindicar pela autogestão e abolição de normas que não fazem sentido para si e seu coletivo, mas que mantêm o poder nas mãos dos proprietários.

Sob essa perspectiva, o cidadão não está exposto à dinâmica de esperar apenas do Estado a resolução dos problemas que afligem as comunidades marginalizadas. Nesse modelo de autogestão, os indivíduos deliberam coletivamente e criam suas próprias regras. O modo organizacional da CIATDAL representa uma alternativa, que, segundo Pierre Dardot e Christian Laval:

Ele só pode ser criado a partir de intuições estabelecidas sobre bases de um direito social, isto é, de um direito criado pela sociedade e para a sociedade, distinguindo-se nisso da tradição jurídica de origem romana, que faz do legislador a fonte da lei. Essa ideia do direito social deve prevalecer, tornando-se o bem dos operários, ciência graças à qual eles vencerão. (Dardot e Laval, 2017, p. 394).

Assim, pela possibilidade de um direito social, coletivos como a CIATDAL desvinculam-se da tradição jurídica romana, das instituições tradicionais e da estrutura dos senhores do capital. Mesmo diante das representações dominantes, criadas para manter e concentrar o poder nas mãos dos proprietários, é na atuação, ou seja, na cooperação, que todos se identificam. Corroborando com essa

²⁷ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

afirmação, nosso entrevistado, que se define como Menestrel, afirma que “a lógica da CIATDAL é a cooperação”²⁸.

A lógica da cooperação é um contraponto à hiperconcorrência e representa um avanço extraordinário contra a motivação do lucro como único estímulo econômico. Nesse sentido, as formas de trabalho e aquisição cooperadas diferem do capitalismo, apresentando um potencial para um novo modelo econômico. O mérito do pluralismo econômico representa a possibilidade de uma saída do capitalismo, mediante a criação de uma economia plural que valorize as contribuições da sociedade civil.

Esse pluralismo teria valor de exemplaridade, mostrando que com frequência a cooperação vale mais, do ponto de vista social e até econômico, do que a hiper concorrência. Assim, a economia social teria múltiplas vantagens e virtudes: contrabalançaria o mercado e limitaria seu campo, melhoraria qualitativamente a intervenção pública por sua capacidade de "inovação social" e, ao desenvolver o espírito de solidariedade e responsabilidade cidadã, teria ação educativa. (Dardot e Laval, 2017, p. 534).

A partir dessa experiência, que se conecta pela coletividade concreta e pela territorialidade marginalizada do agrupamento CIATDAL, vemos a possibilidade de uma economia que se confirma pelo enraizamento e organização, indo além da economia da concorrência e criando condições de apropriação que ultrapassam os muros da Associação.

Das atividades realizadas pelos participantes do agrupamento, a que mais confirma a possibilidade do pluralismo econômico é a Equipe de Serviços Coletivos (ESC). Nessa equipe, o processo de autogestão, redistribuição dos recursos e aquisição não segue o modelo de hiperconcorrência e acumulação capitalista. Assim como em Dardot e Laval (2017, p. 542), “os fluxos financeiros que circulam entre contribuintes e beneficiários não são ‘de ninguém’ em particular, assim como não são de ‘responsabilidade’ do empregador: na realidade são usos da produção decididos coletivamente e atribuídos individualmente”.

Outro exemplo relevante é a aquisição de equipamentos, construção e manutenção dos espaços. Todo o processo é coletivo — despesas, mão de obra, administração e uso dos espaços e equipamentos. Mais adiante, retornaremos a esse tópico para mostrar alguns exemplos.

²⁸ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

A coletividade, que resulta da autoidentificação pela luta, cria precedentes para uma mutualidade perfeita, na qual cada associado assume um compromisso com os demais pela convicção e percepção de que o outro, da mesma maneira, comprometeu-se com ele. Ambos se comprometem com uma mutualidade que consiste na troca de bons ofícios e produtos. Nesse contexto, o Menestrel afirma:

A CIATDAL acaba por ser marginalizada, e acaba por ser atacada justamente por isso, porque quando ela estende a mão para o outro, não só como forma de assistência, de ajudar o outro, mas permitindo que o outro ajude, nos ajude também pra criar esse produto, essa realidade, essa sociabilidade e muito mais, é... em detrimento do coletivo do grupo, ela acaba sendo antissistema, ela acaba indo contra o sistema que estamos inseridos (Menestrel, 2024)²⁹.

A CIATDAL, por ser uma instituição composta por jovens negros e negras periféricos que atuam com a dança de rua (hip-hop), incorpora para si os mesmos estigmas que recaem sobre seus participantes. Das observações, compreendemos que o processo existente na associação CIATDAL reescreve o princípio que deve prevalecer no campo social: “o da participação política direta na decisão e na gestão do que é ‘posto em comum’” (Dardot e Laval, 2017, p. 542).

Nesse sentido, nossa intenção neste tópico foi demonstrar que as práticas organizacionais e, principalmente, as ações do coletivo CIATDAL — nas frentes artística/cultural, de educação popular, e de trabalho e renda — produzem regras próprias dessa coletividade, criando, assim, “seu próprio direito e suas próprias instituições, que codificam essas regras e lhes dão autoridade”.

5.2. Da instituição ao instituído

No contexto de enfrentamento ao colonialismo e suas mazelas – desigualdades, machismo, racismo, entre outras – que sustentam o regime neoliberal, observamos, conforme Dardot e Laval (2017, p. 411), que a “ortodoxia gostaria que o direito emanasse exclusivamente da autoridade pública, da qual deveria ter o estilo e a sofisticação, e não da vida social, da profissão ou da produção.” Nesse sentido, o institucional atua para manter a propriedade privada e perpetuar os privilégios dos proprietários.

²⁹ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

Esse mecanismo de perpetuação dos privilégios, fundamentado na exclusão e na alienação, acaba também por enfraquecer a autoestima e a consciência crítica das populações historicamente oprimidas. A ausência de representatividade no currículo escolar, que frequentemente omite as experiências e identidades negras, exemplifica essa exclusão. Como reflete Dias (2023):

É esse tipo de coisa, de não se aceitar, de não se entender como resistência, de achar que a forma como a gente se comunica, como a gente fala certas coisas não é válido, que só é válido da burguesia e aquela coisa teorizada, [...] pra gente é muito difícil. Eu quando fui fazer a primeira redação eu tive dificuldade de colocar em palavras curtas termos que pra mim eu não usava daquele jeito, mas a escrita universitária pede esse tipo de coisa, adentra o nosso vocabulário ou pelo menos cria uma barreira pra que a gente não consiga se expressar ou entender o que eles estão falando a respeito de nós mesmo (Dias, 2023)³⁰.

Diante desse cenário, a resposta das comunidades vulnerabilizadas frente à propriedade privada frequentemente passa a ser a busca de modos de sobrevivência e resistência contra a usurpação que enfrentam, o que aparece em práticas e costumes próprios dos pobres. Nesse contexto, iniciativas como a CIATDAL representam mais do que apenas espaços de resistência; tornam-se, na verdade, espaços de sobrevivência coletiva. No entanto, essa compreensão das atividades da CIATDAL apenas como resistência contra as necessidades, e não como uma alternativa concreta ao sistema capitalista, limita a perspectiva de transformação. Se entendidas como alternativas autônomas, tornam-se essenciais por si mesmas, transcendem o papel de mero refúgio e sinalizam possibilidades de organização social distintas do modelo neoliberal.

Com base nas observações mencionadas e nas pesquisas anteriores sobre a CIATDAL, percebemos que, durante certo período, havia uma tendência em descrever as ações da organização como meios de resistência e como estratégias para superar a pobreza, medidas, inclusive, pela posse de determinados bens materiais. Na perspectiva da pesquisa de 2017, itens como um televisor LCD, uma bicicleta moderna ou um aparelho celular foram apontados como indicadores de uma suposta ascensão econômica. No entanto, essa visão limita-se a uma ideia superficial de superação vinculada a aquisições materiais que, embora possam ser expressões de algum alívio financeiro, não refletem uma real transformação das condições de vida.

³⁰ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 12 de março de 2024, durante roda de leitura sobre os livros *Oxe baby* de Elayne Baeta e *O nascimento da tragédia* de Friedrich Nietzsche.

Quando, em 2017, foi perguntado aos pais dos jovens integrantes da CIATDAL sobre sua definição de pobreza, Cruz e Oliveira (2017, p. 5) relataram que eles associaram a pobreza à “falta de interesse e vontade de mudança,” descrevendo-a, inclusive, como algo relacionado à ausência de “cultura.” Essa visão enraizada no senso comum reforça a percepção de que a pobreza é um problema individual e resulta da inércia, sugerindo que os próprios sujeitos, ao não se esforçarem o suficiente, são os responsáveis por sua condição.

Esse pensamento, no entanto, é desafiado dentro dos espaços de reflexão da CIATDAL, como ressaltado por Tiago Vieira Dias (2023), ao afirmar:

É bom a gente ter esses debates para gente também não chegar e tipo assim, ouvir a pessoa falar uma coisa ali e a gente perceber que ele pode não está certo. Não é porque ele tá lá na frente falando sobre nossa realidade que ele tá certo, seja um professor, seja alguém que já tenha escrito alguma coisa, porque a ideia é justamente essa, a gente entender a partir de nossa realidade esses pontos de entendimento de quem somos nós (Dias, 2023)³¹.

Essa fala ilustra a importância da CIATDAL como um espaço de diálogo e de construção coletiva de conhecimento. As reflexões que emergem dos debates contestam a visão meritocrática e individualista da pobreza, apontando para a necessidade de uma compreensão que parta da realidade e das experiências concretas dos participantes. Ao questionar visões externas, inclusive as da academia, os membros da CIATDAL cultivam uma visão crítica e coletiva, essencial para desmistificar as narrativas que colocam a responsabilidade da pobreza exclusivamente nos ombros dos próprios pobres.

Durante os debates que acontecem na sede da associação, os associados problematizam sobre os estigmas que a classe dominante opõe às pessoas que vivem na pobreza. Durante o debate do filme *Bacurau*, a associada Leidyanne Barbosa de Oliveira fala a respeito de uma determinada cena. Segundo ela, na interpretação dominante a imagem da prostituição:

Faz parte do ciclo da pobreza, e [...] já tá culturalmente integrada na sociedade como já foi dito, essa questão da droga como uma coisa comum na vida da pessoa pobre. A gente sabe que a droga ela existe em todos os ambientes, em todos os cantos, mas ela só é vista mesmo, de uma forma

³¹ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música *Hat-Trick* do rapper, escritor e compositor Djonga.

bem feita na pobreza. Prostituição e drogas, tem em todo ambiente social, mas ela só pesa em ambientes pobres (Oliveira, 2023)³².

Em outro momento, um aluno negro e recém-chegado à associação, durante a montagem do roteiro teatral sobre a consciência Negra 2023, disse:

Sobre essa parte aí do racismo, eu por exemplo já sofri muito racismo, no colégio, fora de colégio, no trabalho, já sofri muito. Já cheguei até me cortar por causa de racismo. É igual falo também, tem pessoas que nem se importam mais pro racismo e nada mais.

Além do corte como tu reagia a isso?

normal, só aceitava, guardava, deixava, me trancava e pronto. Eu já... estava me acostumando.

Hoje depois dessa conversa, o que é que tu pensa sobre o racismo?

(Silêncio) Nam...

Continua achando que ele vai continuar do mesmo jeito?

Silêncio

(Alex Pereira, 2023)³³.

Esse parêntese que fizemos pretende evidenciar a força da institucionalidade que existia antes da prática associativa da CIATDAL e que se alicerça em narrativas meritocráticas que acabam por mascarar as verdadeiras causas da pobreza. Segundo Dardot e Laval (2017, p. 330), “os costumes são como lei ou direito não escrito; e, tendo este sido estabelecido por longo uso e pelo consentimento [...], foi e é cotidianamente praticado.” Esse conceito ilumina como a CIATDAL, embora composta por um grupo diverso — incluindo crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, negros e brancos —, consegue formar um campo social unificado. Nesse espaço, os participantes compartilham lutas e moldam uma identidade coletiva que se constrói na prática.

As territorialidades que são criadas, e que já carregam experiências de resistência acumuladas antes mesmo do ingressar na CIATDAL, proporcionam compreensão para a formação de um “direito próprio.” Este direito se firma e se enriquece a cada conquista coletiva, representando, assim, uma produção do “direito do comum.” No contexto da CIATDAL, esse direito comum não depende exclusivamente dos costumes tradicionais ou de valores coloniais herdados e reproduzidos de forma inconsciente.

Tiago Vieira Dias (2023), ao falar durante uma construção cênica e refletindo sobre a música Hat-Trick do Djonga, contextualiza:

³² Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 13 de outubro de 2023, durante debate posterior à exibição do filme Bacurau.

³³ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música Hat-Trick do rapper, escritor e compositor Djonga.

Só que a gente ainda continua em um cenário de opressão, [...] a gente é filho disso, e a gente também é pais do amanhã, ou seja, nós somos responsáveis que nem ele fala, *“eu sou espelho pro menor aqui da quebrada”*, não só espelho enquanto cara negro. [...] Ele é espelho [...] como trata as mulheres, porque se ele trata as mulheres de uma maneira inferior, de inferiorizar, isso vai criar uma geração que pensa do mesmo jeito, então para essas mulheres não serem tratada como objeto ele também é espelho pra esses menores (Dias, 2023)³⁴.

Através da fala, ele estabelece uma mediação consciente, em que as práticas cotidianas e as ideias se interligam para gerar um conjunto de normas sociais que refletem racionalidade e intencionalidade compartilhadas. A exemplo disso, o relato se contrapõe ao pensamento do jovem aluno que chega à CIATDAL sem esperança diante dos ataques racistas. Em outro momento, Dias (2023) ressalta que fora de ambientes como a CIATDAL e diante das narrativas coloniais, é comum negar a própria condição racial, pois:

O próprio negro não se entende como negro porque ele não ver dignidade nisso, não ver beleza nisso porque ele não conhece a história, ele não conhece o passado. Trata-se de mostrar o real significado do que é ser preto e todas as dimensões que isso tem, isso na cultura, isso na linguagem, na estética. [...] Pra gente foi ensinado que é algo pejorativo, que é algo que diminui pá, quando na verdade a história real é totalmente o contrário. A música tenta falar um pouco disso, negros que não se aceitam como negros justamente por não enxergarem dignidade nisso (Dias, 2023)³⁵.

Essa construção coletiva representa uma alternativa ao individualismo imposto pela lógica neoliberal, promovendo a ideia de que o “comum” é construído socialmente e não resulta de decisões isoladas. Assim, a CIATDAL emerge como um espaço onde o “direito do comum” se traduz em ações práticas e de resistências que questionam a alienação e reapropria as forças sociais.

Portanto, é neste sentido que a CIATDAL passa a ser vista não apenas como um ambiente de práticas alternativas ao capitalismo meritocrata e colonial, mas como um agente de transformação que desafia as estruturas hegemônicas, promovendo um espaço onde a produção de uma “razão coletiva” tem valor próprio, capaz de proporcionar uma resposta ativa ao contexto de desigualdade e exclusão.

³⁴ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música Hat-Trick do rapper, escritor e compositor Djonga.

³⁵ Fala proferida na sede da associação CIATDAL, em 21 de outubro de 2023, durante a montagem da performance cênica da temporada 2023 do mês da consciência negra, durante análise da música Hat-Trick do rapper, escritor e compositor Djonga.

Essa razão comum, desenvolvida e ajustada pelas experiências vividas no grupo, dá origem a regras e valores específicos da CIATDAL, conferindo-lhe um caráter singular de autonomia e resistência. Assim, é possível entender que:

A sociedade não produz somente bens: ela secreta ideias e engendra regras. Gera espontaneamente sua razão coletiva e sua consciência jurídica própria. Essa "razão coletiva" é a contrapartida, no plano das ideias, da força econômica que a relação social produz de si mesma. É por meio dela que a sociedade reage à alienação a que está submetida, reapropriando-se das forças coletivas das quais foi despojada. Assim, a associação efetiva dos trabalhadores, sua "coparticipação" prática na produção dessa força coletiva, leva os associados corresponsáveis a combaterem a concorrência, desenvolvendo um ideal próprio da sua classe. (Dardot e Laval, 2017, p. 401).

Como descrito anteriormente, apesar de ter um modo organizacional que aponta para a viabilidade de uma nova economia, a CIATDAL, em determinado momento, iludiu-se pela narrativa concorrencial. Isso evidenciou uma política de inapropriabilidade e de deliberação coletiva para sucumbir à ordem neoliberal e aos costumes individualistas.

Esse ponto de análise é extremamente fundamental para provocar uma reflexão sobre o que constitui uma economia dos pobres. Supor a interpretação individual do processo de emancipação “é esquecer que o comum não é decretado a partir de fora, assim como não é resultado de um agregado de decisões individuais tomadas isoladamente, mas decorre de um processo social com lógica própria” (Dardot e Laval, p. 167).

Deste ângulo, parece natural que, ao ser interpelado individualmente, se visualize apenas a esperança de superação por meio do caminho consensuado pela narrativa capitalista, que discrimina qualquer mecanismo contrário à acumulação de bens. Assim, qualquer modo de vida que objetive uma vida simples e feliz é questionado por não agregar ao modelo concorrencial que aumenta as desigualdades.

Diante disso e da percepção atual, vemos que é o momento de atentar para a viabilidade de um novo regime fundamentado no direito de uso, capaz de se reformular pelas normas de inapropriabilidade para frear a expansão da propriedade privada. A CIATDAL, por seu modo organizacional, traz elementos que corroboram a possibilidade instituinte de uma nova política. Nesse sentido:

A questão, portanto, é saber como ocorre a passagem da organização para a instituição. A resposta de Sartre é que as contradições dentro do grupo

organizado acarretam a transformação do grupo em instituição por "petrificação" da prática e por fortalecimento da lógica de integração: "A organização se transforma em hierarquia, os juramentos originam a instituição". [...] É essa contradição que permite compreender o surgimento da instituição como o momento em que a soberania assume a determinação da autoridade. A soberania consiste, pois, no poder absoluto que o grupo tem sobre cada um de seus membros em virtude do juramento. Mas, uma vez que cada membro faz um juramento e recebe o juramento dos outros, todos são soberanos, ou "quase soberanos", como diz Sartre, porque a soberania de cada um é limitada pela soberania dos outros. (Dardot e Laval, 2017, p. 438).

Em outra interpretação, Dardot e Laval buscam redefinir o conceito de instituição com base em três elementos: no primeiro, a instituição se fundamenta no conflito; no segundo, a instituição é forma de consolidar as novas formas surgidas no decorrer da insurreição; e, por fim, a instituição é aberta à sua própria transformação. Nesse sentido, a instituição é uma ação conflituosa que se instaura por meio de conflitos para consolidar novas formas de vida abertas à transformação permanente, pela singularidade que a compõe.

A partir dos estudos de Dardot e Laval (2017) podemos perceber, nas ações da CIATDAL, capacidades que têm aptidão para se contrapor à criação social-histórica e criar condições abertas à transformação. Retornando ao que mencionamos sobre a percepção dos associados, que buscam a superação da pobreza pelo modelo concorrencial, com a esperança de acumulação, podemos enquadrá-los como parte de uma criação social-histórica. Nesse enfoque, podemos afirmar que são resultado de uma ação coletiva que escapa ao controle consciente e à própria vontade.

Deste posicionamento, resultante do poder instituinte, que foge à vontade coletiva e individual, reconhecemos a práxis da associação CIATDAL, que assume forma política ao pretender que suas atividades transformem o instituído nas condições de uma autonomia coletiva, transformando-se em práxis instituinte. "Entendida desse modo, como em Dardot e Laval (2017, p. 453), podemos dizer que a práxis seria como o meio-termo pelo qual a imaginação radical dos indivíduos poderia agir sobre as significações instituídas do imaginário social."

Assim, podemos entender que "onde ninguém era, o Nós deve advir" (Dardot e Laval, 2017, p. 453), ou seja, a insurreição coletiva consciente que busca transformação diante das desigualdades permite o surgimento de um novo instituído, que nasce da contestação às normas resultantes da criação social-histórica. Conforme o exemplo da CIATDAL, que, ao longo dos 18 anos, incorporou novos

projetos ao seu leque de atuação, vemos que esses emergem de discussões conscientes, mas sua instituição deu-se de modo inconsciente.

Novamente, ao refletirmos sobre as reflexões e discussões teóricas feitas por Dardot e Laval, encontramos um paralelo com os exemplos observados na associação ao presenciar contradições que levam ao conflito, transformando-se em modo organizacional e instituindo-se como hierarquia, que se consolidam como novas formas surgidas no decorrer da insurreição. Sendo assim, ao assumirem o compromisso com o que está dando certo (instituído) para o coletivo, a instituição se abre à sua própria transformação. Com base nas reflexões acima, podemos afirmar que:

De um lado, como vimos, a criação social-histórica é obra coletiva e anônima, que escapa do controle da consciência e da vontade; de outro, a práxis é uma atividade que visa à autonomia, isto é, "atividade que visa aos outros como sujeitos (potencialmente autônomos) e quer contribuir para que eles alcancem plena autonomia". Essa atividade pode, claro, assumir a forma de relação concreta entre vários sujeitos (como na pedagogia e na psicanálise), mas também deve assumir a forma de política, "sob risco de incoerência total". Ora, a política é, em essência, a "atividade que visa à transformação das instituições da sociedade para conformá-las à norma da autonomia da coletividade", "visa à instituição do social", "visa à instituição como tal". É, pois, uma atividade que persegue objetivos conscientemente, ao passo que a criação de novas significações escapa à atividade consciente. A questão, então, é saber como uma práxis coletiva consciente poderia, se não "fazer ser" novos significados sociais, ao menos contribuir para seus surgimentos. É a práxis, portanto, que devemos repensar para franquear essa possibilidade. (Dardot e Laval, 2017, p. 454).

Com base nessas reflexões, pensamos que "a sociedade instituinte, por mais radical que seja a sua criação, trabalha sempre a partir de e sobre o já instituído; ela está sempre - salvo em algum ponto de origem inacessível - na história" (Dardot e Laval, 2017, p. 462). Não tendo consciência disso, conforme observamos no exemplo da pesquisa sobre pobreza, os associados, mesmo agindo coletivamente, trazem consigo o peso esmagador das gerações passadas, mas isso não os impediu de fazer algo novo por suas ações, que são práxis instituinte.

Nesse sentido, entende-se aqui a práxis como algo que se aplica exclusivamente a atividades pautadas pela autonomia (Dardot e Laval, 2017, p. 455). Assim, conforme observamos na CIATDAL, projetos como o *Leia Mais*, a Biblioteca Maria Firmina dos Reis, as construções cênicas da ação artística/cultural e a ESC são exemplos perfeitos de atividades que buscam, como já citado, elevar a autoestima, permitindo ao coletivo autonomia e autorreconhecimento da própria capacidade.

5.3. A práxis instituinte

Nossa intenção é associar a práxis da associação CIATDAL, que, por sua finalidade, deve ser emancipadora, à ideia de instituição que deve estar fundamentada em um propósito de autonomia. Essa deve ser autoprodução, capaz de se colocar contrária às tradições capitalistas que vendem as conquistas do colonizador como fruto de seu esforço e a desigualdade como consequência da falta de empenho dos grupos subalternos. Nesse contexto, a meritocracia se torna uma construção social perfeita para os interesses dos donos do poder econômico, enquanto a propriedade privada, juntamente com o acúmulo de bens, é apresentada como a recompensa dos “vencedores” dessa disputa. Assim, nossa abordagem objetiva demonstrar como a práxis da associação CIATDAL se tornar uma força instituinte do novo.

Compreendendo que, conforme Dardot e Laval (2017, p. 518), “o cerne da luta política, a questão da organização do trabalho, é a única resposta que pode ser dada às estratégias políticas da gestão neoliberal”. Desde os primeiros passos do projeto, em escala maior ou menor, as práticas têm na coletividade e na capacidade criativa suas bases fundamentais.

Talvez a própria natureza da criação do projeto CIATDAL seja a razão que justifique sua trajetória emancipadora e instituinte de uma práxis autônoma. Conforme o relato da história da Associação, vemos que, com o tempo, novos projetos foram sendo incorporados, carregando consigo significações que escapam à atividade consciente.

Recapitulando brevemente, observamos que a CIATDAL surgiu como resposta à mobilização coletiva da população de Porto Franco, que se uniu para arrecadar recursos para o meu tratamento de saúde. Em agradecimento à mobilização que ajudou na minha recuperação, jovens foram mobilizados para ensaiar e apresentar o projeto teatral *Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo*. Daquela ação e pelo desejo dos jovens, outras apresentações foram realizadas, embora não houvesse planos para criar uma associação, apenas uma ação que gerava outra.

Com isso, sem a pretensão de criar algo completamente novo, o tempo entre uma ação e outra foi diminuindo, e as reuniões tornaram-se mais frequentes. As atividades e a cooperação dentro do grupo intensificaram-se, e juntos, os

componentes do grupo passaram a desenvolver práticas que aprimoravam a maneira como as atividades culturais eram realizadas.

Ao confirmar a necessidade das ações para aqueles que continuavam se reunindo, ficou claro o quão importante era para o grupo continuar refletindo e instituindo regras que servissem apenas a ele. A adesão fácil ao sistema de regras resulta da instituição coletiva de um grupo que compartilha costumes, territorialidades e experiências marginalizadas. A confirmação desta territorialidade marginalizada é confirmada nesta fala do Menestrel (2024):

Não quero generalizar, mas o histórico do jovem negro em Porto Franco é de violência, o histórico é esse, [...] da violência e da marginalização. No sistema capitalista, a sociedade baseada nele não funciona, mas o sistema funciona, [...] porque isso beneficia o sistema. O que é essa marginalização que estou falando tanto? O indivíduo passa por longa exposição à criminalidade, passa a ser visto como pertencente a essa ação, pertencente a esse mundo da criminalidade. É o que acontece em Porto Franco. [...] O jovem negro aqui, ele visto ainda como um criminoso a priori, esse é um processo de violência. O processo escolar ele é pior, porque o jovem preto em Porto Franco ele visto como sendo mais um burro de carga que estar sendo agregado à escola (Menestrel, 2024)³⁶.

Percebemos que não é da imaginação espontânea que surgem novas instituições sociais, “mas da experiência, que muda e transforma as heranças coletivas” (Dardot e Laval, 2017, p. 392). Do desejo de retribuição à organização do grupo teatral, surgiu uma continuidade que reafirma as vantagens que a cooperação garantiu ao grupo. Das deliberações que direcionaram os roteiros artísticos, por meio da repetição e aceitação das regras compartilhadas e aperfeiçoadas desde janeiro de 2006, em novembro de 2009 decidiu-se instituir, pela lógica da criação social-histórica, a CIATDAL – Companhia de Teatro e Dança Arte Livre.

A instituição, conforme os preceitos jurídicos, trazia, no Capítulo II das finalidades estatutárias (2009, p. 01), que “a CIATDAL visa o desenvolvimento das artes em Porto Franco e região, especialmente no aspecto educacional; a inclusão dos jovens na sociedade, afastando-os das ruas; e oferecer a eles a oportunidade de descobrir seu potencial”. A elaboração de cada capítulo, artigo, inciso e todo o conteúdo do estatuto resultou das contribuições de todo o grupo, considerando os costumes e as experiências dos anos que antecederam a institucionalização.

Nessa concepção, ao observarmos o agrupamento durante esta pesquisa, detectamos um modo organizacional que considera suas próprias regras culturais e

³⁶ Fala extraída da entrevista realizada no escritório da CIATDAL, em 31 de março de 2024.

econômicas como processo de organização. São regras e práticas compartilhadas, capazes de criar um sistema que funciona lentamente, mas que cria uma ordem. Mesmo tendo registrado o estatuto, segundo os modos operantes do estado, a prática cede lugar à práxis consciente, que é instituinte do novo.

Assim, à luz de seu modelo organizacional, a CIATDAL, pelos resultados mensurados, demonstra sua autonomia e negação da política concorrencial. A aquisição e o uso comum na associação não buscam determinar a titularidade da propriedade. Na associação, por deliberação dos envolvidos, compreende-se, como afirmam Dardot e Laval (2017, p. 495), que “o usuário de um comum não é de modo algum um proprietário, portanto, nem mesmo um ‘quase’ proprietário”.

Cumpra afirmar, que para ser verdadeiramente comum, o uso deve implicar que os próprios interessados deliberem e determinem coletivamente essa destinação. Somente nessas condições o uso é do domínio do que chamamos acima “apropriação como conveniência ou finalidade”, que é muito diferente da apropriação como relação de pertencimento. E é nessas condições também que se pode dar pleno sentido ao duplo dever imposto pelo governo do comum: dever negativo de não atentar contra o direito dos outros usuários e dever positivo de conservar a coisa sob responsabilidade coletiva. (Dardot e Laval, 2017, p. 505).

Considerando as condições observadas em escala local, a partir da práxis da associação CIATDAL, confirmamos a possibilidade de uma nova cultura política que está à margem do mercado lucrativo e do Estado. Trata-se de uma cultura que muda não apenas o trabalho, mas o próprio objeto produzido. “A produção se torna ‘biopolítica’ no sentido de que, produzindo o imaterial (conhecimentos, imagens, afetos etc.), ela produz subjetividades humanas” (DARDOT e LAVAL, 2017, p. 209).

Nesse sentido, os envolvidos passam a ter um olhar crítico sobre a própria realidade, resultando em uma força coletiva que os une como trabalhadores e trabalhadoras, contribuindo para uma obra única: a riqueza social. Ao perceberem a retomada da esperança e do poder, compreendem que é justamente essa riqueza que foi retirada por aqueles que detêm a propriedade.

Desse modo, “compreender que a riqueza não é criada apenas pelos donos do capital [...], mas também por comunidades ou sociedades cujos membros põem em comum saberes e competências a fim de criá-la” (Dardot e Laval, 2017, p. 111). Neste contexto, nos vemos diante de um momento que aponta para uma nova ordem que pode devolver aos trabalhadores a possibilidade de uma riqueza social.

Como estabelecido na CIATDAL, a coletividade delibera sobre o trabalho e a renda, as produções artísticas, o convívio e a educação. Não se trata de determinar

a carga de trabalho, mas de flexibilidades que permitam, especialmente aos jovens, tempo para se dedicar aos estudos e à criação e disseminação artístico-culturais, pois:

A nova democracia política, econômica e social "por baixo" implica a opção por uma vida simples, mais autônoma e amigável, o que poderia se traduzir na criação de comunidades locais mais acolhedoras que as grandes metrópoles dominadas pelos ritmos e pelas estruturas do capitalismo mundial. [...] Que articularia raízes locais e novas solidariedades em nível de pequenas povoações, cidades e bairros. (Dardot e Laval, 2017, p. 535).

Nesse sentido, especialmente em pequenos municípios como Porto Franco, localizado em uma fronteira de expansão onde predomina o discurso desenvolvimentista, centrado na atomização da função, observamos indícios de que, conforme mencionado, os trabalhadores/associados do projeto também têm clareza da necessidade de fortalecer suas práticas por meio da educação, da produção do comum e da convivência solidária.

Deste prisma, ao compreender o cenário local, que tem como base de emprego e trabalho as empresas situadas no distrito industrial, o comércio local e as funções na gestão pública — locais predominantes do sistema burocrático de produção —, evidencia-se ainda mais a necessidade de ações “transversais” que permitam “superar a atomização de todas essas pequenas tarefas repetitivas ao menos em parte das atividades” (Dardot e Laval, 2017, p. 517).

Ou seja, diante do cenário dominante no qual a produção moderna e capitalista fragmenta a função e reserva ao trabalhador uma carga de execução rotineira e automatizada, seguindo um padrão verticalizado que pressupõe altas doses de procedimentos técnicos, formais e hierarquizados, a nova cultura em curso na associação CIATDAL prioriza um modo mais criativo e coletivo de atuar.

Na perspectiva observada no agrupamento CIATDAL, a transformação social pretendida – ou seja, a promoção da dignidade humana pela cooperação mútua e o resgate da autoestima entre os participantes – representa um agir que se contrapõe às injustiças sociais e à individualização do ser. No entanto, a ação, mesmo atuando sob condições preexistentes, é instituinte do novo.

Mais uma vez, pelos elementos da luta, vemos que a práxis instituinte “pressupõe certas condições e ao mesmo tempo ‘trabalha sobre’ essas condições, transformando-as profundamente” (Dardot e Lavan, 2017, p. 462). Nesse sentido, é diante da pluralidade de saberes que se agrupam e se comprometem com os

diversos projetos existentes na associação CIATDAL, que confirmamos certo grau de autonomia pela práxis emancipadora, que faz frente às tradições hierarquizadas.

O instituído é, portanto, um comum, e, como afirmam Pierre Dardot e Christian Laval:

Apesar de ser um princípio, não é um princípio como os outros: é um princípio político, ou melhor, é o princípio político. Entendemos por "política" a atividade de deliberação pela qual os homens se esforçam para determinar juntos o que é justo, bem como a decisão e a ação decorrentes dessa atividade coletiva. Portanto, política não é um "fazer" reservado a uma minoria de profissionais, não diz respeito à competência de especialistas e não pode ser profissão: ela é assunto para aquele que queira ou deseje participar da deliberação pública, seja qual for seu status sua profissão. No fundo, a política é a atividade de "tomar parte" da deliberação, de "expor em comum palavras e pensamentos". (Dardot e Laval, 2017, p. 616).

Comum, portanto, é o instituindo por uma práxis instituinte: uma instituição emancipadora capaz de possibilitar ao coletivo autonomia e ressignificação pelo conflito e na insurreição contra as tradições que atentam contra a criação social-histórica, que objetiva perpetuar o domínio dos donos da propriedade privada e dos meios de produção.

No quadro a seguir, apresentamos os projetos como elementos de uma práxis instituinte.

Quadro 2– Elementos para uma práxis instituinte

ELEMENTOS PARA UMA PRÁXIS INSTITUINTE	ORGANIZAÇÃO E CONFLITOS	INSTITUIÇÃO	INSTITUÍDO
Espectáculo Teatral: Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo (2006)	Da organização em 2006 para a realização do espetáculo teatral <i>Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo</i> , o grupo visava retribuir o apoio da população durante a campanha de arrecadação de recursos para tratamento de saúde. Com a necessidade de manter o coletivo e a atuação artística, o grupo continuou em suas atividades.	Com a continuidade do projeto, os planos iniciais foram alterados a cada novo espetáculo. O coletivo opinou por criar normas e definir finalidades do projeto, além de decidir pelo nome da associação.	CIATDAL e o Estatuto Social – A CIATDAL, surgida das ações teatrais contínuas, define objetivos e regras claras, com estatuto social instituído conforme a legislação do terceiro setor.
Serviços Coletivos e Renda (2009)	Em 2009, com o aumento expressivo de participantes, muitos associados enfrentavam desemprego e evasão escolar. A associação organizou uma equipe de garçons para melhorar a renda dos participantes.	A ideia se expandiu para novas funções, incluindo barman, recepcionista e pintor facial. A atuação e remuneração seguiam um modelo divergente ao capitalista, com regras próprias da associação.	ESC – Equipe de Serviços Coletivos – A organização do trabalho prioriza uma carga horária justa e remuneração digna, com 80% dos ganhos destinados ao colaborador e o

			restante para manutenção da equipe.
CINEARTE Clube (2013)	A partir de 2013, a Associação começou a realizar sessões de cinema, inicialmente para lazer, mas os debates espontâneos após os filmes estimularam reflexões sobre a realidade dos associados.	Ao perceber o sucesso, o cinema tornou-se uma atividade aberta à comunidade, conectando-a a novas realidades e promovendo debates críticos sobre problemas cotidianos.	Projeto CINEARTE Clube – De prática de entretenimento, o CINEARTE se tornou uma política cultural e educativa, incentivando a participação da comunidade e o debate de temas diversos.
Biblioteca Comunitária e Projeto Leia Mais (2016)	Em 2016, a leitura e análise de textos nos processos coreográficos revelou analfabetismo funcional entre os participantes. A Associação começou a incentivar a leitura e a criar um acervo literário.	Em 2018, com um número crescente de doadores e práticas de leitura frequentes, a Associação lançou oficialmente o projeto Leia Mais e a Biblioteca Comunitária Maria Firmina dos Reis.	Projeto Leia Mais e Biblioteca Comunitária Maria Firmina dos Reis – Um projeto educativo cujo objetivo é o desenvolvimento crítico e a participação ativa na transformação social.
Bumba Meu Boi do Favela (2022)	Em 2022, a Associação organizou uma homenagem ao Mestre Felipe Serão, o Favela, líder do Bumba Meu Boi. A repercussão motivou mais apresentações e envolvimento dos associados na performance.	A conexão cultural e identidade com o Bumba Meu Boi levou à instituição do projeto em 2023, reforçando o vínculo dos associados com a história e tradições populares.	Bumba Meu Boi do Favela – Um encontro identitário e reconhecimento de conflitos sociais que estimula a autonomia do grupo e a resistência cultural contra a exploração capitalista.
Mês da Consciência Negra (2022)	Formado em sua maioria por negros, a Associação participava anualmente das comemorações do Dia da Consciência Negra, mas sem um planejamento aprofundado.	Em 2022, a Associação criou seu próprio projeto para o mês da Consciência Negra, com metodologia e temas decididos coletivamente entre associados e parceiros.	Mês da Consciência Negra – Projeto que promove a autonomia dos participantes, combate ao racismo e à desigualdade de gênero em escolas, bairros e praças da comunidade.

Fonte: elaborado pelo autor

Desta composição, vemos as ações da associação CIATDAL se transformarem em práticas que instituem um modo autônomo de agir diante dos grilhões que a aprisionam. As atividades visam uma postura de ruptura com as instituições dominantes, com o objetivo de conformá-las às normas do coletivo que busca uma nova organização social.

Nos processos de organização das atividades da associação CIATDAL, há um grau significativo de consciência em relação ao objetivo pretendido. No entanto, o instituído é sempre algo que não fazia parte do imaginário inicial, sendo o resultado do inconsciente que age sobre o grupo. Com isso, o objetivo de transformação social, através da práxis instituinte, leva à criação de um novo instituído emancipador e democrático, no qual a participação direta determina o que é melhor e mais justo para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dessa análise sobre as funções ocupadas por homens e mulheres na CIATDAL não reside no fato de apresentar algo novo ou uma solução para os problemas identificados na pesquisa empírica. Pelo contrário, acreditamos que a superação da desigualdade de gênero, de raça e a ruptura das estruturas que garantem a dominação masculina, o racismo e outras formas de desigualdade ainda exigirá muito esforço de todos e todas.

Nesse sentido, os dados apurados, por meio da investigação quantitativa e qualitativa, partem do pressuposto de que é necessário que toda a sociedade reconheça e se mobilize para romper os silêncios sobre as formas de desigualdade de gênero, que são reproduzidas nos papéis sociais reservados às mulheres, especialmente na divisão sexual do trabalho, ocorrendo nos espaços formais e informais, públicos e privados.

Nosso objetivo, ao abordar o perfil socioeconômico e as relações de gênero e raça na CIATDAL, é apontar como a cultura patriarcal e colonial permeia as práticas de homens e mulheres no cotidiano, em diferentes ambientes. De modo consciente ou inconsciente, intencionalmente ou não, percebe-se que a lógica hegemônica de dominação masculina e eurocêntrica está arraigada nas visões de mundo e nas relações de gênero e raça presentes em várias classes sociais, tanto em espaços centrais quanto periféricos, incluindo associações de cunho progressista.

Refletir sobre essa desigualdade de gênero, que se agrava devido à questão racial e de classe, é uma forma de contribuir para pensar e propor mecanismos e estratégias que visem ao empoderamento feminino, com o objetivo de estimular a inclusão das mulheres e a desconstrução de estereótipos que foram naturalizados ao longo do tempo por várias instituições que se dizem detentoras de saber, e que possuem poder de agenda e recursos materiais para difundir suas premissas ideológicas e epistemológicas ultrapassadas.

Do encantamento com a possibilidade de desenvolvimento para todos, às descobertas de outros processos que se contrapõem ao discurso desenvolvimentista, que mais gera degradação e prejuízos, especialmente se estamos falando de grupos marginalizados – como no caso de negros e pobres da periferia que não tiveram oportunidade – a instalação das empresas no Distrito Agroindustrial criou algumas oportunidades de emprego, no entanto, em 2023, o

discurso permanece o mesmo, assim como a realidade. Ou seja, passou-se uma década e o processo de transformação conforme anunciado ainda não chegou. Diante do desencanto de muitos, alguns associados que participaram do projeto e que, em algum momento, integraram os quadros das empresas supracitadas, a convicção é de que as instalações desenvolvimentistas não foram pensadas para beneficiar verdadeiramente a região, mas para sugar o capital e transferir os lucros financeiros para outras regiões do país e do mundo.

Muito se esperou das projeções anunciadas, não apenas em termos de oportunidades de emprego, mas também com a expectativa de que as empresas, diante do “compromisso social”, apoiassem projetos de arte, cultura, educação e outros benefícios. Porém, como não houve apoio e, diante da limitação para realizar suas atividades, o agrupamento começou a utilizar técnicas alternativas para lidar com a situação. Então, iniciaram-se processos de trabalho e uso compartilhado que permitiram à Associação e aos associados experimentar uma nova forma de se posicionar diante de projetos que objetivam apenas o acúmulo de capital financeiro.

Portanto, notou-se que as práticas realizadas na CIATDAL têm se concretizado por meio de um processo organizacional que se diferencia do modelo que explora a terra e concentra uma grande quantidade de recursos financeiros nas mãos de poucos. Como vimos, a resiliência comunitária serve como base para um processo de adaptação e reinvenção diante das lutas em favor da justiça ambiental e social, enquanto produzem lentamente, e em silêncio, uma nova economia e política do pobres.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Caxambu, n. 5, p. 49-60, nov. 2002. Editora UFPR.

ALIER, Juan Martinez. Ecologismo dos Pobres. **Revista Wani**, Manágua, n. 125, p. 07-21, abr. 1992. Tradução: Francisco Mendonça.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, p. 51-62, dez. 2007.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL**: psicologia social do racismo : estudos sobre branquitude e branqueamento no brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 25 - 58.

CIATDAL – Companhia de Teatro e Dança Arte Livre. Montagem teatral Vida, da favela ao castelo. Porto Franco, MA, 2018.

_____. Planejamento Estratégico quinquênio 2021/2025. Porto Franco, MA, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política de empoderamento. Tradução Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRUZ, Romário Milhomem da et al. **Teatro e a dança como instrumentos da superação da pobreza e das desigualdades sociais**. Tocantinópolis: Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2017. 11 p. Curso de especialização em educação, pobreza e desigualdade social.

DINIZ, Vanessa Lessio; PAULINO, Vicente; STRAFORINI, Rafael. Timorização da Geografia escolar: tecendo interlocuções sobre currículo, cultura e território. **Cadernos Cimeac**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 220-249, 25 jun. 2021. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. <http://dx.doi.org/10.18554/cimeac.v11i1.5562>.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de territórios**. Disponível em: <[https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre -a-tipologia-de-territorios.pdf](https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf)> Acesso em: 03 ago. 2023.

GOMES, Nilma Limo. **Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 154 p.

_____. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.L.], v. 33, n. 59, p. 435-454, 31 ago. 2021. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.ds06>.

GREFF, Xavier. **A economia artisticamente criativa**. Coleção Os Livros do Observatório. São Paulo: Itaú Cultural e Editora Iluminuras, 2015. 192 p.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.L.], n. 80, p. 115-147, 1 mar. 2008. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.697>.

_____.; *et al.* **Decolonialidade e pensamentos afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 440 p.

GUIMARÃES, Pilar Carvalho. **De trabalhadoras a militantes**: a luta das mulheres do sindicato de trabalhadoras domésticas de campinas-sp. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016. 133 p. Dissertação de Mestrado.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc - Rio: Apicuri, 2016. 260 p. Organização e Revisão Técnica: Arthur e Ituassu - Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.

_____.; SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 133.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**: Porto Franco. Porto Franco. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco/panorama>. Acesso em: 08 jul. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**: Porto Franco. Porto Franco. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco/panorama>. Acesso em: 08 jul. 2023.

Legião Urbana. Que País é Este. Compositor: Renato Manfredini Junior (Renato Russo). In: Que país é este, faixa 1. Intérprete: Legião Urbana. Gênero: Pop, Rock, EMI Music, 1987.

LIMA, Luciméa Santos. **Oportunidades Desiguais e Trajetórias Excepcionais**: Percurso Escolar de Jovens Negras e Negros Moradores da Zona Rural na Educação Básica no Recôncavo da Bahia. 158f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2022.

MAGIS, Kristen. Community Resilience: an indicator of social sustainability. **Society & Natural Resources**, [S.L.], v. 23, n. 5, p. 401-416, 5 abr. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08941920903305674>.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes.

MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira *et al.* A resiliência comunitária como alternativa para o desenvolvimento regional em face das transformações socioecológicas nas comunidades tradicionais jalapoeiras, Tocantins. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S.L.], v. 59, p. 182-205, 11 maio 2022. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v59i0.75460>.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no feminino. In: PINSKY, Jaime, PINSKY, Carla Bassanesi. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 495-515.

MOURA, Josué. **Revista Exame destaca Porto Franco-MA entre as dez regiões mais emergentes do Brasil**. 2011. Disponível em: <https://josuemoura.blogspot.com/search?q=revista+exame>. Acesso em: 06 jul. 2023.

OLIVEIRA, Edvan da Silva. Reminiscência e fatos, reterritorialização nas epistemologias do sul. **Participativa: Ciência Aberta em Revista**, [s. l.], v. 4, n. 18, p. 01-09, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://osf.io/7p86b/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

OLIVEIRA, Renata Evangelista de et al. A interdisciplinaridade na prática acadêmica universitária: conquistas e desafios a partir de um projeto de pesquisa-ação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 26, n. 02, p. 377-400, jun. 2021.

PARENTE, Temis Gomes. DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 269-284, dez. 2012.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: _____; SILVA, Zélia Lopes (orgs.). **Cultura história em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 1995. p. 81-91.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Desencobrir o sul, desfetichizar o pensamento. **Revista Entreletras**, Araguaína, v. 11, n. 2, p. 102-121, ago. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/10240>. Acesso em: 08 dez. 2022.

_____.; SILVA, Harley; LUCENA, Mariane. Geopolítica das usinas hidrelétricas, lutas por re-existência e pedagogias da Colonialidade na Amazônia do tempo presente. **Tempo presente**: Coleção história do tempo presente, Roraima, v. 3, p. 263-286, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

RURAL, Revista Dinheiro. **Maranhão: o eldorado da soja**: o estado atrai uma grande esmagadora, a abc Inco, e, ao lado de Piauí e Tocantins, abre uma das mais promissoras fronteiras agrícolas do país. O Estado atrai uma grande esmagadora, a ABC Inco, e, ao lado de Piauí e Tocantins, abre uma das mais promissoras fronteiras agrícolas do País. 2008. Disponível em: <https://www.dinheirorural.com.br/maranhao-o-eldorado-da-soja/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

RUSSO, Renato (Renato Manfredini Junior). Que país é este? EMI Music, 1987. Disco (2:57min)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 5. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.

SCOTT, Joan. História das mulheres In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 63-96.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: [file:///C:/Users/Martha%20Vieira/Downloads/edsondeoliveira,+G%C3%AAnero%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Martha%20Vieira/Downloads/edsondeoliveira,+G%C3%AAnero%20(2).pdf). Acesso em: 05 ago. 2023.

SILVA, Rodrigo Ozelame da; BORBA, Carolina dos Anjos de; FOPPA, Carina Catiana. O SISTEMA/MUNDO COLONIAL/MODERNO E A NATUREZA: reflexões preliminares. **Revista Videre**, [s. l], v. 13, n. 26, p. 138-168, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/videre.v13i26.1293>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 133 p.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018a. p. 288.

_____. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. 3. ed. São Paulo: Contra Corrente, 2020. p. 506.

_____. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. 2. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2018b. 272 p.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. **Conflitos Ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – OCUPAÇÃO: ONDE ESTÃO OS ASSOCIADOS DA CIATDAL

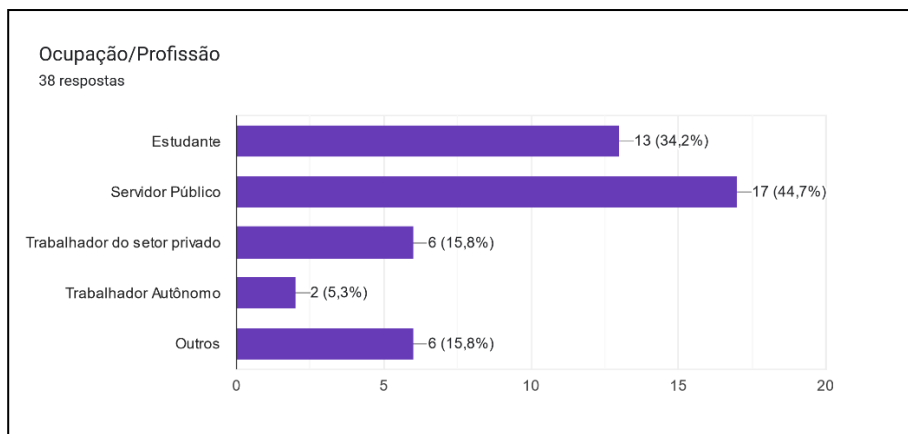
OCUPAÇÃO DOS ASSOCIADOS DA CIATDAL

Com o objetivo de apresentar mais informações sobre os membros da associação CIATDAL, complementamos dados sobre onde estão e qual é o perfil atual do público que compõe o grupo. Realizamos, em 2024, um novo levantamento via Google Formulário que trouxe atualizações e permitiu traçar paralelos com os dados coletados na pesquisa de 2017. O formulário ficou disponível durante o mês de julho de 2024 e contou com a participação de 38 respondentes, que responderam a 14 questões, entre múltipla escolha e perguntas dissertativas.

Em relação ao território de residência dos membros da associação CIATDAL, os dados atuais permaneceram praticamente inalterados em comparação ao levantamento anterior (2017): a presença de pessoas que residem em bairros periféricos e negros, continua predominante e tecnicamente igual aos dados coletados anteriormente, o que dispensou a necessidade de atualizar esses dados.

No entanto, para ampliar a compreensão sobre a localização além do território e confirmar a presença instituinte de uma nova economia pela práxis cotidiana, acrescentamos informações sobre suas ocupações. De acordo com os dados atuais, 44,7% dos participantes são servidores públicos municipais, 34,2% são estudantes, 15,8% trabalham no setor privado e 21,1% são trabalhadores autônomos ou exercem outras formas de trabalho fora da dicotomia público-privado.

Figura 1 – Ocupação/Profissão

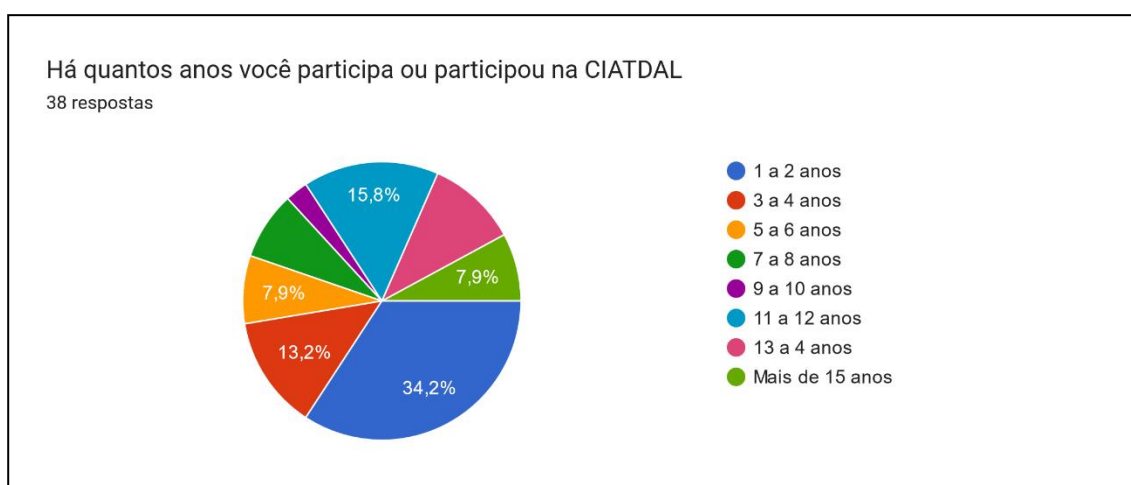


Fonte: Oliveira, Edvan. 2024

Os dados acima dizem que, além da informação anterior que revela que associados residem nos bairros Lobão, Expansão, Carmelina, Alto Bonito e Residência Esperança, vemos que os membros trabalham no município, distribuídos entre o setor público, setor privado, trabalho autônomo e estudo.

Um dado interessante é que os 34,2% que se declararam estudantes coincidem exatamente com os 34,2% que indicaram ter entre 1 e 2 anos de atuação na associação na CIATDAL. Esse paralelo evidencia um público mais jovem, que também é relativamente novo na associação. Confira o gráfico que mostra a média de permanência e atuação na associação CIATDAL.

Figura 2 – Há quantos anos você participa da associação



Fonte: Oliveira (2024)

Os dados mostram que 34,2% dos membros da associação CIATDAL têm mais de 10 anos de atuação, enquanto 18,4% participam da associação entre 5 e 10 anos. Além disso, 47,4% dos membros estão na associação de 1 a 4 anos, sendo que 34,2% estão entre 1 e 2 anos.

Além disso, o questionário trouxe mais informações sobre a percepção dos associados em relação ao trabalho nos setores público, privado e autônomo. Para facilitar a análise, as respostas foram numeradas como Resposta 1, Resposta 2, Resposta 3 e assim por diante. Ao serem questionados sobre sua opinião ou experiência de trabalho nesses setores, algumas respostas destacaram:

Resposta 1:

"Já trabalhei em empresa privada e atualmente atuo no setor público. Tenho sérias críticas ao setor privado, vindas da minha experiência e da realidade de Porto Franco. Aqui, paga-se pouco, exige-se muito do funcionário, trabalha-se fora do horário sem horas extras, nos finais de semana, e a maioria dos 'empresários' trata mal seus funcionários. No setor público, o desafio é outro: é, na verdade, mostrar para os colegas que devemos ter respeito pelo bem público e trabalhar com excelência e eficiência para o bem de todos, sem usar de má-fé a flexibilidade que o setor público dá em certos momentos."

Essa resposta traz críticas à exploração da carga horária no setor privado, à baixa remuneração e ao tratamento inadequado de funcionários, apontando que esses problemas são mais comuns no comércio local do que nas empresas do Distrito Industrial. Além disso, quando perguntados sobre sugestões ou comentários adicionais, houve falas como o "fim da escala 6x1 e aumento do salário-mínimo", expressando insatisfação com o sistema trabalhista.

Outras respostas parecem focar especificamente nas empresas do Distrito Industrial, ao afirmar que *"trabalhar em empresa privada tem seus desafios, necessitamos bater metas e ter perfil para defender a empresa"*. Também houve quem comentasse:

Resposta 2:

"Acredito que trabalhar em empresas privadas pode ser recompensador dependendo do cargo e da política da empresa. No entanto, na minha experiência,

empresas privadas dificilmente oferecem um ambiente para realização profissional ou saudável. Carga horária e cobrança excessivas, além de ver o funcionário como uma mera engrenagem, são problemas recorrentes."

Ao juntar as respostas, percebe-se uma percepção sobre a dificuldade de ascensão dentro das empresas que reflete a falta de uma política clara para isso, resumindo o papel do trabalhador a um defensor da empresa. Outra resposta destacou:

Resposta 3:

"Eu vejo pouca liberdade em relação aos horários de serviço e baixa perspectiva de progressão futura. Já no trabalho autônomo, sinto uma certa liberdade, projeção de futuro e autonomia de tempo."

Mais vez, a questão da liberdade em relação à escala de trabalho e à baixa perspectiva de progressão são mencionadas como características do setor privado. Já o trabalho autônomo, como vemos na resposta 3, é sinônimo de liberdade, projeção futuro, e autonomia de tempo. Houve ainda que afirmasse não ter experiência, mas expressou o desejo de abrir próprio negócio.

Sabemos que essa não é uma característica do comum, mas sinaliza uma ruptura com uma forma de trabalho que se beneficia da força de trabalho e do tempo do trabalhador para continuar escravizando e perpetuando o sistema colonizador que passa a ser questionado. Mesmo entre as opiniões positivas sobre o trabalho privado e até em relação ao serviço autônomo que acaba funcionando na mesma lógica capitalista, há sempre pontos que pesam contra esse tipo de trabalho. As respostas abaixo ilustram bem a dualidade entre as vantagens do trabalho privado e as do trabalho autônomo:

Resposta 4:

"O bom de trabalhar em empresas privadas é a garantia de um salário fixo todo mês e os direitos trabalhistas que proporcionam segurança financeira. No trabalho autônomo, temos flexibilidade de tempo, mas somos os únicos responsáveis por garantir nossa renda e estabilidade financeira."

Resposta 5:

"Trabalhar em uma empresa privada pode ser bom devido às inovações e oportunidades de crescimento, mas também pode ser estressante pela pressão por resultados. Já o trabalho autônomo oferece liberdade pessoal e a satisfação de ver seu próprio negócio crescer."

Essas respostas destacam a tensão entre liberdade e estabilidade econômica. Existe um desejo por flexibilidade de tempo, considerado o diferencial do trabalho autônomo, contrastando com a pressão por resultados no setor privado. Por isso, faz sentido a reivindicação anterior sobre o fim da escala 6x1 e a melhoria do salário-mínimo.

Para finalizar essa discussão sobre os setores de trabalho, destacamos uma resposta que aborda os três tipos de ocupação:

Resposta 6:

"Cada setor traz uma experiência e flexibilidade diferente. Na empresa privada, estamos mais presos a funções predefinidas; no setor público, há uma pequena autonomia em algumas decisões relacionadas às nossas funções. No trabalho autônomo, temos total flexibilidade e responsabilidade por cada decisão e execução do trabalho, além de organizar nossos próprios horários e a caracterização da própria empresa."

Novamente, a flexibilidade aparece como um tema central para os associados da CIATDAL. Ainda que existam preocupações com questões econômicas, a liberdade e a autonomia parecem prevalecer. Nessa pergunta dissertativa específica do questionário, 37 pessoas responderam ao questionamento; destas, apenas 6 responderam de forma positiva sua experiência no setor privado. No entanto, da observação participante, temos evidência que alguns associados que responderam positivamente ao questionário, no dia a dia, fazem duras críticas ao trabalho que ocupam. Há ainda quem avaliou uma experiência positivamente afirmando que foi ótima, *"mesmo sendo como estagiária pelo jovem aprendiz aprendi várias coisas que não fazia ideia que eu poderia fazer"*.

A partir das respostas, que confirmam uma tendência à autonomia de tempo e, a uma lógica de cooperação que resiste e subverte o sistema através da

resistência, buscamos pontuar os elementos de uma práxis instituinte. Em uma entrevista com um associado que se identifica como Menestrel, ouvimos:

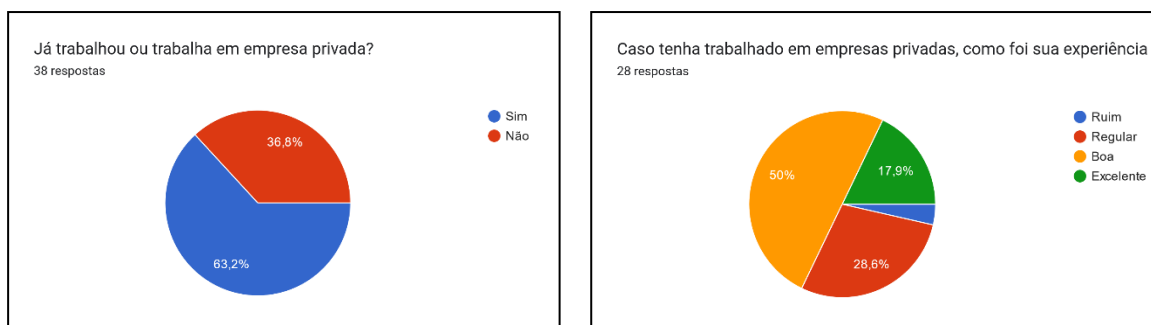
Essa resistência é contraditória se a gente perceber, porque muitas das pessoas que têm essa resistência aqui, a função que elas fazem dentro da CIATDAL ainda é da colaboração, mas o que elas pensam vai em contradição, [...] porque para haver esse desmantelamento de subversão, ainda é um processo longo, bem demorado. [...] Mesmo que a CIATDAL impacte na ação do indivíduo, ela pode, ainda que lentamente, não chegar a cem por cento na perfeição, não no sentido de ser perfeita ou superior, mas no sentido de ser completa, de desmantelar isso na mente do indivíduo por completo. (MENESTREL, 2024)

Conclui-se que a CIATDAL, através da cooperação entre seus associados, tem implantado uma nova lógica que, ainda que lentamente, provoca um desmantelamento das estruturas tradicionais. Em outras palavras, mesmo que os membros defendam verbalmente os interesses da classe dominante e não reconheçam a presença desta estrutura, é na prática que se revela o verdadeiro desejo por uma nova organização política e econômica.

Os gráficos abaixo, quando confrontados com a informação de que apenas 15,8% dos associados têm como ocupação o setor privado, ou mesmo com as respostas dissertativas, confirmam a resistência mencionada pelo associado Menestrel. Quando questionados se já haviam trabalhado no setor privado, 63,2% responderam que sim. Então, recordando que apenas 15,8% permanecem no setor privado, significa que 47,4% dos associados deixaram o trabalho no setor privado por outras possibilidades de emprego.

Também é interessante observar que, ao responderem sobre a experiência de trabalhar no setor privado, 67,9% afirmaram que foi boa ou excelente. No entanto, quando essa informação é confrontada com a quantidade de pessoas que permanecem no setor privado, assim como com as respostas dissertativas, que evidenciam o setor, principalmente como um ambiente de cobrança por resultados e exigências da escala 6x1, confirma-se a contradição entre o que os associados dizem pensar e o que realmente acontece segundo a lógica da cooperação.

Figura 3 - Já trabalho em empresa privada e como foi sua experiência

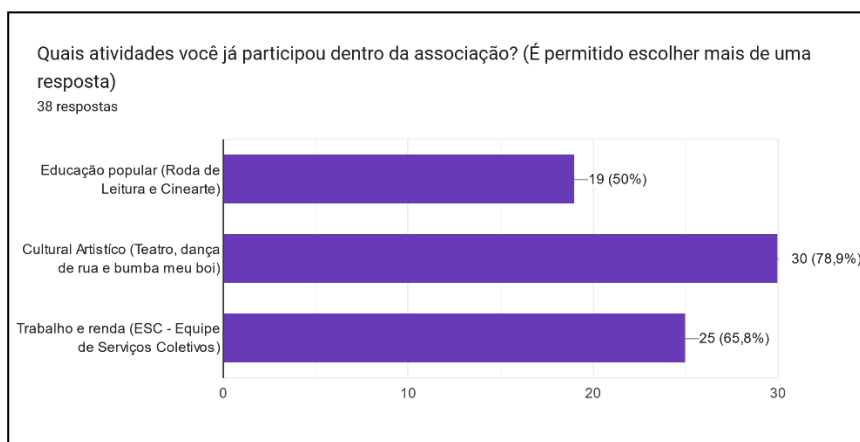


Fonte: Oliveira (2024)

O contraste entre o que acreditam pensar e a realidade na lógica da CIATDAL, confirma-se pelos dados enumerados a partir do questionário e pela compreensão confirmada durante os debates realizados com os associados. Ao recordar que 34,2% são estudante e estão na associação há, no máximo, dois anos, constata-se que entre os 36,8% que ainda não trabalharam no setor privado, encontra-se esse público jovem. Logo, podemos afirmar que o movimento de evasão do setor privado tem foça entre os participantes que estão a mais tempo no agrupamento, podendo estar relacionado com a práxis da associação.

Essas evidências confirmam-se também pela observação participante que resulta da participação destes nas atividades que se encontram divididas pelos pilares conforme mostraremos a seguir. Perguntou-se: “quais atividades você já participou dentro da associação?” (Era permitido escolher mais de uma resposta). A questão considera como atividades a subdivisão em pilares que representam os campos de atuação. Confira o resultado na figura abaixo:

Figura 4 - atividade que você participa na associação



Fonte: Oliveira (2024)

O resultado mostra que 78,9% participam das atividades artístico-culturais, como teatro, dança de rua e o Bumba Meu Boi do Favela. Outros 65,8% integram a Equipe de Serviços Coletivos (ESC), atuando de forma autônoma, com flexibilidade de dia e horário e sem acúmulo de lucro para associação. Por fim, 50% participam do pilar de Educação Popular, envolvendo-se em rodas de leitura dos Projetos *Leia Mais* e no *CINEARTE Clube*.

Da observação participante, destacamos que é justamente a facilidade de diálogo e a liberdade entre os pilares da associação — o trabalho autônomo e a atuação no serviço público (quando se reconhece a importância representativa da cultura e da arte) — que torna possível, na esfera do trabalho, a existência política de uma cultura dos comuns.

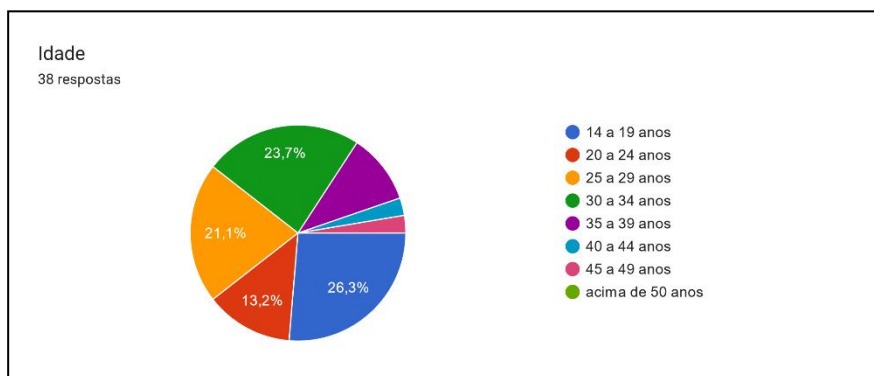
Com isso, e compreendo que toda atividade da CIATDAL é uma práxis de participação direta e reconhecendo a arte e a cultura como produções que emergem das necessidades dos associados e que funciona como facilitadora de debates entre pessoas que compartilham o mesmo território marginalizado, abre-se espaço para a possibilidade de uma “cultura dos comuns”, conforme apontado pelo professor Páblio Martins (cf. Evento Histórico! CIATDAL e PPGCult Reforçando a Cultura dos Comuns, 2024):

A arte é um espaço onde isso acontece, as artes é um espaço onde os comuns se realizam. Toda manifestação artística, é uma construção coletiva, por ser uma construção coletiva, ela não tá somente no artista, ela uma construção que envolve muitas pessoas, o artista é das peças importantes na construção da arte, na manifestação artística, e os comuns

também fazem dessa construção coletiva. As manifestações artísticas, como nós vimos aqui, o Boi do Favela, é uma forma de mostra como é que os comuns se realizam, porque são sujeitos que estão expressando a cultura da região, a cultura de uma determina região inclusive, que é do sul do maranhão, que construída coletivamente, onde essa cultura circula entre as pessoas, feita em forma comum, onde as pessoas participam a parti de um processo feito de forma coletiva. [...] A cultura dos comuns ela também envolve a arte, ela não apenas na produção, na necessidade das pessoas de terem um produto, enfim, também faz parte do elemento simbólico, as pessoas sem o simbólico não sobrevivem. (EVENTO HISTÓRICO [...] 2024, 5 mim 18 s).

Dessa forma, além de mapear onde estão os associados da CIATDAL, definimos um perfil claro desse público: pessoas de bairros periféricos, predominantemente negras e mulheres, com idade entre 14 e 50 anos, que atuam majoritariamente no setor público, seguidas por jovens estudantes e trabalhadores autônomos; e, em menor proporção, trabalhadores do setor privado. Definimos que práxis no agrupamento tem influência na atuação dos associados.

Figura 4 - idade dos associados

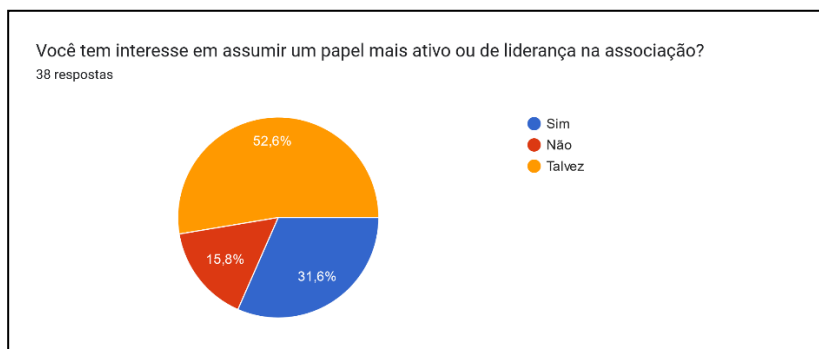


Fonte: Oliveira, Edvan. 2024

Compreendendo que as pessoas não sobrevivem sem o simbólico, e reconhecendo a importância da dimensão cultural e artística, percebemos que, diante da necessidade, a cooperação dentro da associação pode não estar definindo o discurso, mas há indícios de contradição pela atuação autônoma e libertadora que se contrapõe ao mercado competitivo ao romper, na prática, com a lógica da empresa privada.

Para finalizar nossa discussão a partir do questionário, duas questões merecem destaque nesta abordagem. A primeira evidencia o interesse ou a rejeição dos associados em assumir cargos na diretoria executiva, enquanto a segunda atualiza informações sobre a participação de gênero na associação.

Figura 5 - Interesse do associado em assumir cargos na diretoria executiva



Fonte: Oliveira (2024)

Como podemos observar a partir da figura, apenas 15,8% afirmaram não ter interesse em assumir cargos na diretoria executiva da associação. Já 52,6% responderam “talvez” à possibilidade de dirigir a CIATDAL, e 31,6% manifestaram claramente a vontade de ocupar cargos na diretoria executiva da associação. Considerando o “talvez” como uma possibilidade em aberto, pode-se concluir que o processo em curso tem despertado interesse entre os membros em contribuir com a direção da associação.

Esse dado é interessante, especialmente ao considerar que a atuação na diretoria executiva é voluntária e exige tempo dos associados. Dessa forma, a dualidade entre a flexibilidade de tempo e a busca por melhor remuneração exposta como prioritárias na discussão sobre ocupação profissional, tornam-se secundárias diante da possibilidade de contribuir na diretoria da associação. O interesse dos associados demonstra, mais uma vez, o reconhecimento da importância do trabalho cooperativo realizado na CIATDAL.

Evento Histórico! CIATDAL e PPGCult Reforçando a Cultura dos Comuns. Vídeo, 8min39. Publicado pelo canal CIATDAL – oficial, 11 de novembro de 2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hnjkFtaD0wg&t=320s>. Acesso em: 15 nov. 2024

APÊNDICE B – FORMULÁRIO ONDE ESTÃO OS ASSOCIADOS DA CIATDAL

ONDE ESTÃO OS ASSOCIADOS DA CIATDAL

Nesta pesquisa, objetiva-se realizar um levantamento sobre onde estão os membros participantes envolvidos diretamente nos projetos da associação CIATDAL - Companhia de Teatro e Dança Arte Livre em qualquer das frentes de atuação (cultural/artístico, trabalho/renda e educacional), buscando evidenciar atuação profissional e a relação público, privado e terceiro setor. **(Se nome não aparecerá na pesquisa, para fins de privacidade usaremos nomes fantasia para preservar sua identidade).**

** Indica uma pergunta obrigatória*

Nome completo

Qual é a sua identidade de gênero?

Marcar apenas uma.

- ☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Não-binário
☐ Outro

Idade *

Marcar apenas uma.

- ☐ 14 a 19 anos
☐ 20 a 24 anos
☐ 25 a 29 anos
☐ 30 a 34 anos
☐ 35 a 39 anos
☐ 40 a 44 anos
☐ 45 a 49

anos

- ☐ acima de 50 anos

Há quantos anos você participa ou participou na CIATDAL *

Marcar apenas uma.

- ☐ 1 a 2 anos
☐ 3 a 4 anos
☐ 5 a 6 anos
☐ 7 a 8 anos
☐ 9 a 10 anos
☐ 11 a 12 anos

- ☐ 13 a 4 anos
- ☐ Mais de 15 anos

Ocupação/Profissão *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Estudante
- ☐ Servidor Público
- ☐ Trabalhador do setor privado
- ☐ Trabalhador

Autônomo

- ☐ Outros

Quais atividades você já participou dentro da associação? (É permitido escolher *

mais de uma resposta).

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Educação popular (Roda de Leitura e Cinearte)
- ☐ Cultural Artístico (Teatro, dança de rua e bumba meu boi)
- ☐ Trabalho e renda (ESC - Equipe de Serviços

Coletivos)

Com que frequência você visita a sede da associação ou participa de eventos presenciais? *

Marcar apenas uma.

- ☐ Semanalmente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Raramente

Você tem interesse em assumir um papel mais ativo ou de liderança na associação? *

Marcar apenas uma.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Você reside no município da associação? *

Marcar apenas uma.

☐

Sim

☐

Não

Caso sua resposta seja não, quais motivos levou você a se mudar de Porto Franco?

Já trabalhou ou trabalha em empresa privada? *

Marcar apenas uma.

Sim ☐

☐

Não

Caso tenha trabalhado em empresas privadas, como foi sua experiência

Marcar apenas uma.

☐

Ruim

☐

Regular

☐

Boa

☐ Excelente

Independente da sua atuação profissional atual, escreva sua opinião ou experiência sobre trabalhar em empresas privadas, serviço público ou trabalho autônomo.

Gostaria de deixar algum comentário ou sugestão adicional?

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso das informações concedido neste questionário para compor Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção do título de Pós-Graduação/Mestrado em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, trabalhos cênicos entre outros), bem como em mídia eletrônica (programas de rádio, internet, YouTube, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão., entre outros), DVD, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus à Universidade Federal do Norte do Tocantins ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizar os dados coletados em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural voltada à área da Educação, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha

imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Marcar apenas uma.

Sim ☐

Não ☐

Google Formulários

APÊNDICE C – FORMULÁRIO PERFIL SOCIOECONÔMICO

PERFIL SOCIOECONÔMICO

Nesta pesquisa, objetiva-se realizar um levantamento socioeconômico de jovens e adultos que participam diretamente das atividades realizadas pela associação CIATDAL - Companhia de Teatro e Dança Arte Livre em qualquer das frentes de atuação (cultural/artístico, trabalho/renda e educacional).

~~* Indica uma pergunta obrigatória~~

1. E-mail *
2. Nome:
3. E-mail:
4. Endereço:

-
5. Ano que você teve o primeiro contato (para realizar atividades) com a CIATDAL(somente números).Idade:

Marcar apenas uma.

- ☐ Entre 12 e 17 anos
- ☐ Entre 18 e 29 anos
- ☐ Entre 30 a 39 anos
- ☐ 40 ou mais

6. Sexo:

Marcar apenas uma.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

7. Cor ou raça:

Marcar apenas uma.

- ☐ Branca
- ☐ Parda
- ☐ Preta
- ☐ Amarela
- ☐ Indígena

8. Perfil familiar dos seus pais (são casados ou divorciados, vivem só, com companheira(o)).

Marcar apenas uma.

- ☐ Tradicional Cristã (Pai, Mãe e irmãos
- ☐ caso tenha) Mãe e irmãos
- ☐ Padrasto/madrasta
- ☐ Pai e irmãos
- ☐ Outros

9. Com quem você mora

Marcar apenas uma.

- ☐ Com familiares (dependente dos pais ou outros parentes)
- ☐ Companheira(a), Companheira(o) e
- ☐ filhos Sozinha(o)

10. Quantas pessoas moram na mesma casa que você?

Marcar apenas uma.

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ mais de 5
- ☐ Outro: _____

11. Renda familiar (soma de salário dos membros da família)

Marcar apenas uma.

- ☐ Até R\$ 600,00
- ☐ De R\$ 601,00 a R\$ 1.000,00
- ☐ De R\$ 1.001,00 a 1.302,00
- ☐ De 2 a 3 Salários-mínimos
- ☐ De 4 a 5 Salários-mínimos
- ☐ Mais de 5 salários-mínimos

12. Renda individual

Marcar apenas uma.

- ☐ Até R\$ 600,00
- ☐ De R\$ 601,00 a R\$ 1.000,00
- ☐ De R\$ 1.001,00 a 1.302,00
- ☐ De 2 a 3 Salários-mínimos
- ☐ De 4 a 5 Salários-mínimos

13. Você está estudando ou fora da escola?

Marcar apenas uma.

- ☐ Estudando
- ☐ Não estuda no momento
- ☐ Concluiu o objetivo pretendido
- ☐ Outro: _____

14. Escolaridade

Marcar apenas uma.

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino Fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ cursando superior
- ☐ Superior Completo
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Outro: _____

15. Qual atividade você participa na CIATDAL

Marque todas que se aplicam.

- ☐ ESC - Infraestrutura

- ☐ ESC - atendimento em
- ☐ eventos Cultural/artístico (dança de
- ☐ rua, teatro e outros)
- ☐ Cultural/artístico (Bum-meu-boi do
- ☐ Favela)
- ☐ Educacional (projeto Leia Mais e/ou CINEARTE)
- ☐ Diretoria Executiva
- ☐ Conselho Fiscal

16. Qual sua ocupação/profissão

17. Você respondeu a pesquisa realizada em 2017 pelo professor Romário Milhomem daCruz

Marcar apenas uma.

- ☐ Sim
- ☐ Não

18. Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem, som, nome, dados biográficos, citação e transcrição de falas, informações reveladas em depoimento pessoal concedido, todo e qualquer material entre fotos e documentos apresentados, meus ou de criança menor de idade que se encontra sobre minha responsabilidade legal, para compor Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção do título de Pós-Graduação/Especialização Lato Sensu em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, da Universidade Federal do Tocantins, no semestre letivo de 20 17.2, a fim de que sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para pesquisas.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, trabalhos cênicos entre outros), bem como em mídia eletrônica (programas de rádio, internet, YouTube, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão., entre outros), DVD, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus à Universidade Federal do Tocantins ou terceiros poressa expressamente autorizados, que poderão utilizar os dados coletados em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza

sociocultural voltada à área da Educação, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Marcar apenas uma.

- ☐ Sim
- ☐ Não